

SÉRGIO CRUZ ROCHA

**REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA HOMOSSEXUALIDADE
MASCULINA NO ROMANCE *IMRE: A MEMORANDUM* (1906),
DE EDWARD PRIME-STEVENSON (1858-1942)**

**ASSIS-SP
2024**

SÉRGIO CRUZ ROCHA

**REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA HOMOSSEXUALIDADE
MASCULINA NO ROMANCE *IMRE: A MEMORANDUM* (1906),
DE EDWARD PRIME-STEVENSON (1858-1942)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Prof. Dr. João Luís C. T. Ceccantini.

ASSIS-SP
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

R672r Rocha, Sérgio Cruz
Representação literária da homossexualidade masculina
no romance *'Imre: A Memorandum'* (1906), de Edward Prime-
Stevenson (1858-1942) / Sérgio Cruz Rocha. — Assis, 2024
86 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini

1. Edward Irenaeus Prime-Stevenson, 1858-1942. *Imre: A
Memorandum*. 2. Homossexualidade masculina.
3. Homossexualidade na literatura. I. Título.

CDD 809.9335

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O maior potencial desta pesquisa reside no fato de o romance *Imre: A Memorandum* ser texto literário não estudado em Língua Portuguesa. Existem múltiplas perspectivas de investigação desse objeto de estudo, com inúmeros ganhos à comunidade científica e cultural lusófona. Uma tradução para o português traria alvissareira inserção local à obra.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The greatest potential of this research resides in the fact that the novel *Imre: A Memorandum* is a literary text not yet studied in Portuguese. There are still multiple perspectives for investigating this novel, with gains to the lusophone scientific and cultural community. A translation into Portuguese would bring local insertion to the novel.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE SÉRGIO CRUZ ROCHA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 19 dias do mês de julho do ano de 2024, às 16:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de SÉRGIO CRUZ ROCHA, intitulada **REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO ROMANCE *IMRE: A MEMORANDUM* (1906), DE EDWARD PRIME-STEVENSON (1858-1942).** A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. JOÃO LUIS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI (Orientador - Participação Virtual) d(a) UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR (Participação Virtual) do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. DIÓGENES BUENOS AIRES DE CARVALHO (Participação Virtual) da UESPI - Teresina/PI. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. JOÃO LUÍS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI

Dedico este trabalho à memória de todos aqueles que, por imposição do tempo e das mentalidades, se viram privados do saudável exercício de seu desejo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e a minha avó, sem as quais eu seria massa amorfa. Agradeço a meu orientador, Professor Ceccantini, pela confiança, amizade e, sobretudo, paciência. Agradeço a meu caro colega Professor Doutor Luiz Fernando Martins de Lima, figura importante numa formação intelectual que extrapola os limites da Academia. Agradeço aos Professores Alvaro Santos Simões Junior e Fabiano Rodrigo da Silva Santos pela vigorosa contribuição dada para a realização deste trabalho, por ocasião do Exame de Qualificação, assim como aos professores Benedito Antunes, Carla Cavalcanti e Silva, Eliane Galvão, Daniela Mantarro Callipo e Sandra Ferreira, que alimentaram em mim o amor pela literatura como forma de conhecimento. Agradeço a meus amigos, ombreados pelas veredas da existência. Agradeço, por fim, a todas e a todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a realização desta dissertação.

A vida é mesmo um buraco,

Bobo é quem não é tatu!

(Mário de Andrade)

E me inventei neste gosto, de especular ideia.

(Riobaldo / Guimarães Rosa)

*Afrouxa, para que não se rompa; puxa, para
que não se afrouxe.*

(Provérbio babilônio)

ROCHA, Sérgio Cruz. **Representação literária da homossexualidade masculina no romance *Imre: A Memorandum* (1906), de Edward Prime-Stevenson (1858-1942)**. 2024. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2024.

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo apresentar, à Academia brasileira, o romance *Imre: A Memorandum* (1906), de Edward Prime-Stevenson (1858-1942), texto pioneiro na abordagem *explícita* da homossexualidade masculina, no âmbito da literatura norte-americana. Por meio da investigação do modelo de representação literária da homossexualidade masculina proposto por Prime-Stevenson, buscamos analisar *Imre* sob diferentes perspectivas. Num primeiro momento, confrontando-o com o contexto histórico-sociológico de sua produção, procuramos situar o romance no contínuo da história da homossexualidade, no Ocidente, oferecendo, com isso, enquadramento histórico do texto literário e destacando seu caráter engajado e prosélito. Na sequência, buscamos isolá-lo, temporariamente, do contexto, analisando as forças internas da narrativa, numa perspectiva narratológica. Por fim, dedicamo-nos à análise detida das formas de absorção, no romance, de textos de origem literária e extraliterária, investigando os instigantes e intrincados liames estabelecidos entre literatura e vida social. Para a consecução da presente dissertação, foram utilizados textos de estudiosos tais quais James Gifford (1996, 2003); Byrne Fone (1983, 1986); Yves Reuter (1997); Vitor Aguiar e Silva (1979); George Steiner (1994); dentre outros.

Palavras-chave: *Imre: A Memorandum*; Edward Prime-Stevenson; Ficção; Homossexualidade Masculina.

ROCHA, Sérgio Cruz. **Literary Representation of Male Homosexuality in the Novel *Imre: A Memorandum* (1906), by Edward Prime-Stevenson (1858-1942).** 2024. 90 f. Dissertation (Masters in Languages). São Paulo State University (UNESP), Faculty of Science and Languages, Assis, 2023.

ABSTRACT

This dissertation aims to introduce, to the Brazilian Academy, the novel *Imre: A Memorandum* (1906), by Edward Prime-Stevenson (1858-1942), pioneering text in the explicit approach to male homosexuality, in North American literature. Analyzing the literary representation of homosexuality as proposed by Prime-Stevenson, we seek to analyze *Imre* from different perspectives. Initially, by comparing it with the historical-sociological context of its production, placing the novel in the continuum of the history of homosexuality, in the West, thus offering a historical framework for the literary text, highlighting its engaged and proselyte character. Next, we seek to temporarily isolate it from the context, analyzing the internal forces of the narrative, from an estrukturalist perspective. Finally, we examined the diverse forms of adaptation, in the novel, of texts from literary and extra-literary origins, reconstructing the intricate links between literature and social life. To complete this dissertation, we used texts by scholars such as James Gifford (1996, 2003); Byrne Fone (1983, 1986); Yves Reuter (1997); Vitor Aguiar e Silva (1997); George Steiner (1994); among others.

Keywords: Edward Prime-Stevenson; *Imre: A Memorandum*; Fiction; Male Homosexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO PRIMEIRO	15
1.1. Tempo, espaço, mentalidades	15
1.2. Tentativas esporádicas; Edward Prime-Stevenson, a mente por trás de <i>Imre</i>	19
1.3. Apresentação geral do romance	23
1.4. Concluindo	31
CAPÍTULO SEGUNDO	32
2.1. Oswald, envenenado de análise, e seu “desmontar” de Imre	32
2.2. A Paixão suplanta a Razão	41
2.3. “Penso em você com frequência, Oswald”; Imre <i>corresponde</i> , e o final feliz	47
2.4. A forma romanesca	50
2.5. Concluindo	52
CAPÍTULO TERCEIRO	53
3.1. Introito	53
3.2. Pioneirismos convergem; engajamentos	57
3.2.1. Uma negociação; ou, limitações internas da <i>Teoria do Terceiro Sexo</i> ; a teoria sexológica adotada por Prime-Stevenson e o lugar dela no romance	61
3.3. Recurso à história e às artes	72
3.3.1. Horizontes; implodindo palavras	75
3.4. Concluindo	82
UMA OBRA PIONEIRA E CORAJOSA	83
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Imre: A Memorandum (1906), de Edward Prime-Stevenson (1858-1942), não é um romance trivial. Fruto de um ambicioso projeto autoral, voltado a dar novos contornos à realidade da homossexualidade na época em que foi escrito, é um romance corajoso, pioneiro e eloquente no enfrentamento dos estigmas em voga, em relação aos homossexuais masculinos de então. Surpreende, de fato, que, diante de seu interesse histórico, se trate de obra ainda pouco explorada, seja na Academia norte-americana, seja na brasileira – ou, para todos os efeitos, na de língua portuguesa.

Com efeito, após pesquisas em diversos bancos de dados (Plataforma Lattes, Repositório Institucional da UNESP, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, Catálogo de Teses e Dissertações da Fundação CAPES, Banco de Dados Bibliográficos da USP e Plataforma *Google*, com o filtro “Resultados em Português” ativado¹), tal levantamento indicou a possibilidade de inexistir, no Brasil, textos acadêmicos a tratar de *Imre*.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho de mestrado é apresentar o romance *Imre: A Memorandum* aos leitores de língua portuguesa², somando alguma análise e eventuais achados deste pesquisador em relação às reflexões realizadas pela fortuna crítica da obra – por meio de nomes como Roger Austen, James Gifford e Byrne Fone. Os objetivos específicos, por sua vez, desdobram-se no sentido de investigar *Imre* sob diferentes perspectivas, apoiando-se em elementos colhidos à História, à Teoria e à Crítica Literárias, objetivando, com isso, atividade interpretativa a mais abrangente possível do texto literário em tela.

O interesse pela obra, aliás, decorreu de um propósito assumido antes do ingresso no curso de Letras, quando, à busca de textos literários a tratar do assunto da homossexualidade, vinha-me deparando com romances os mais diversos. Quando no curso de graduação, no qual ingressei em 2017, vislumbrei a possibilidade de exploração mais sistemática de interesse outrora diletante, e chamou-me a atenção uma certa obra, um tanto quanto obscura, produzida havia mais de cem anos, e de difícil acesso: *Imre: A Memorandum*...

Mobilizado, portanto, pela curiosidade de observar outras realidades para os homossexuais masculinos, travei contato com *Imre*, deparando-me com um universo de ideias e valores em muito dissonantes daqueles com os quais eu, cidadão brasileiro, no presente recorte histórico, tenho de lidar cotidianamente. Conquanto permaneça certo estigma, e a discriminação ainda seja fato

1 Única menção em português a *Imre* consta no artigo *Melancolia na metrópole à beira mar: um esboço sobre modernismos queer no Brasil* (<https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i2.67738>), de Dieison Machado. Destacamos tratar-se de simples menção à obra: “Outros autores lembrados por Kahan é Edward Prime-Stevenson, autor do romance *Imre: a Memorandum* (1908), que narra a história de dois homens vivendo juntos [...]”.

2 Uma tradução do texto, inclusive, sendo, mais do que desejável, necessária.

corriqueiro, inflada pela onda reacionária, fundamentalista e antediluviana que assola o País, muito avançamos, nas últimas décadas, em termos de democracia sexual³, no Brasil e no mundo.

Entretanto, ainda que relacionado de maneira muito próxima a seu contexto específico de produção, e ainda que mobilize conhecimentos abandonados pela comunidade científica – “datando” a obra, em diversos aspectos –, *Imre* carrega muitos dos dramas e trepidações que homossexuais do mundo contemporâneo vivenciam em seus processos de subjetivação. O duradouro confronto do homem moderno com as estruturas sociais, maiores e mais poderosas do que ele, manifesta-se também no confronto do homossexual com seu meio cultural, e as dificuldades vivenciadas por Oswald, personagem narrador, e Imre, seu objeto de desejo, encarnam elementos desse drama tão atual: ó!, exclama Oswald, a certa altura, quão dura é “a batalha do homossexual contra os cânones sociais – ou a batalha dele consigo mesmo!” (*Imre*, p. 119).

Desse modo, estimulado pelo desejo de “vivenciar” realidades outras, mas também preocupado com o rigor essencial a uma dissertação, debruçei-me sobre o romance *Imre: A Memorandum*, não buscando elaborar, com meu trabalho, espécie de *totem* da resistência LGBT. Muito pelo contrário, procurei compor, com a motivação pessoal subjacente a qualquer pesquisa científica, trabalho íntegro, esperando que meus esforços enquanto pesquisador sejam reconhecidos pelos seus méritos e deméritos, alcances e limitações.

Dessa forma, a presente dissertação estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, procuramos apresentar uma breve história da homossexualidade, fornecendo informações úteis ao posterior estudo das aberturas textuais efetuadas pelo romance *Imre: A Memorandum*: trata-se, pois, do estudo do *contexto*, introduzindo-se informações de cunho histórico e sociológico. Com isso, objetivamos proporcionar melhor compreensão dele, uma vez que “nenhum texto pode fazer sentido sem as suas remissões a outros textos e às realidades do mundo”, cabendo-nos “construir, com a maior precisão possível, as modalidades dessa remissão” (REUTER, 2007, p. 153). Propomos, com isso, leitura *informada* dos aspectos históricos a permear o romance em tela, desde os primórdios da homofobia no Ocidente cristão, até ao *Zeitgeist* predominante quando da produção dele, na virada do século XIX para o século XX.

O segundo capítulo, por seu turno, procede ao estudo intrínseco do *texto*, examinando a estrutura mesma dele, segundo um ponto de vista narratológico. Buscamos, com isso, afastá-lo do ‘não texto’ para considerá-lo, momentaneamente, “objeto linguístico fechado” (REUTER, 2007, p. 14), *virtualmente* independente do contexto de sua produção. A categoria de narrador e focalização empregada; o processo de caracterização das personagens; eventos nucleares da narrativa; a

3 Importante marco institucional, a meu ver, é, no Brasil, o reconhecimento do casamento homoafetivo pelo STF, em 2011. Há outros.

estrutura romanesca, de viés medicalizante; esses, dentre outros elementos narrativos, portanto, foram levantados e analisados ao longo do segundo capítulo.

Especial atenção reside, todavia, na análise das *personagens de ficção*, em função de serem elas, entre outros, “suportes essenciais do investimento ideológico e psicológico dos autores e dos leitores” (REUTER, 2007, p. 51), com “possibilidade de adesão afetiva e intelectual” (CANDIDO, 2007, p. 54). “Elemento mais atuante da narrativa”, são elas um dos “elementos estruturais essenciais ao romance, [...] um entre os componentes básicos” dele (BRAIT, 1985, p. 40), e, conforme procuraremos demonstrar, para a análise e interpretação do romance *Imre: A Memorandum*, a investigação detida do processo de caracterização de Oswald (personagem narrador, a governar a distribuição dos saberes e dos valores narrativos) mostra-se etapa essencial, a oferecer reflexões que iluminam o conjunto da obra.

O terceiro capítulo, por fim, dedica-se à análise mais detida do diálogo estabelecido entre *Imre* e demais textos de natureza literária e extraliterária, isto é, da intrincada maneira como Edward Prime-Stevenson introjetou, na ficção de *Imre*, elementos colhidos de discursos sociais advindos da sexologia progressista e das artes. Trata-se de capítulo, portanto, voltado à observação das formas com que dados socioculturais foram internalizados no romance enquanto *agentes da estrutura*, matéria transposta da realidade social a exercer determinada função no jogo de forças narrativo. Procuramos evidenciar, pois, a força da assimilação (e rejeição) de discursos sociais em *Imre*, em seu projeto ambicioso de reformular a maneira como o Ocidente cristão, em especial os países anglo-saxões, enxergava a homossexualidade masculina.

Propondo, por fim, observar-se o texto por meio de três perspectivas distintas – *contextual*, *textual* e *intertextual*⁴ –, acreditamos que “os comentários de ordem literária, desde que tenham uma vocação teórica, tentam ultrapassar o funcionamento empírico e ‘intuicionista’ das leituras comuns”, intentando responder a questionamentos tais quais “O que ‘realmente’ diz o texto? Por quê? Com a ajuda de que meios?”. Somente assim, enfim, será possível explicitar “as relações entre a narrativa, o mundo e os outros textos” (REUTER, 2007, p. 177-178), perfazendo-se, enfim, a atividade interpretativa pretendida com a dissertação que ora se apresenta.

4 Divisão que sabemos útil para fins didáticos, haja vista a complexidade interconectada do texto literário.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Brevíssimo panorama histórico & apresentação do romance

A cada vez que alguém sente o apelo da diferença em seu desejo, provavelmente terá de vencer séculos de repressão para chegar ao epicentro do seu eu.

(João Silvério Trevisan)

Nada incomoda mais as pessoas do que a preferência sexual alheia, quando tal preferência já não corresponde ao padrão social da heterossexualidade. É a velha postura de reação conservadora aos que, nos insondáveis domínios do afeto, soltam por inteiro as amarras desse navio chamado coração.

(Ministro Ayres Britto)

Seria incapaz de amar um filho homossexual. [...] prefiro que um filho meu morra num acidente.

(Jair Bolsonaro)

1.1. Tempo, espaço, mentalidades

A homossexualidade existe, empregando-se uma expressão popular, “desde que o mundo é mundo”. Seu enquadramento e sua valoração no universo cultural do conjunto social, todavia, são tão vários quanto várias foram as sociedades existentes ao longo da História. Egípcios, babilônios, hebreus, gregos, romanos, indígenas brasileiros, cristãos, dentre outros, ofereceram diferentes respostas para o fenômeno em questão – desde um silêncio enigmático, passando-se por um desbragado elogio, até aos paroxismos da condenação à mutilação ou à morte.

Durante grande parte da história do Ocidente – âmbito cultural de maior interesse ao estudo ora desenvolvido –, a homossexualidade foi observada sob a ótica *religiosa*, interpretada pela Igreja como “um pecado contra Deus e, portanto, uma falha moral e teológica” (SPENCER, 1995, p. 273). Em consequência, o cristianismo atuou – e, em grande medida, ainda atua – como um dos alicerces para a discriminação dos homossexuais (FONE, 2000, p. 06), discriminação, esta, calcada numa compreensão ortodoxa da sexualidade humana, emanada, sobretudo, da *Bíblia Sagrada*.

Texto de importância seminal para a moldagem da cultura ocidental (SPENCER, 1995, p. 40), a *Bíblia*, sobretudo o *Torá*, contém uma série de versículos que ajudaram a dar forma ao entendimento prevalecente, no Ocidente, acerca da homossexualidade (McNEILL, 1993, p. 37 et

seq.). Nenhuma dessas passagens parece ter obtido, contudo, tamanha ressonância quanto a narrativa da destruição de Sodoma e Gomorra, em Gênesis (19:01-11): tal historieta, a “arma fundamental do arsenal homofóbico” da Igreja (SPENCER, 1995, p. 59), é considerada o principal relato bíblico a emitir juízo divino acerca da homossexualidade masculina (NAPHY, 2004, p. 42).

Ainda que o efetivo significado do texto bíblico permaneça sob problemática interpretativa⁵, fato é que a chuva mortífera de enxofre e fogo derramada pelo Senhor sobre as cidades da planície constitui, na tradição cristã⁶, exemplo prático, dramático e pragmático da ira d’Ele contra os seres humanos. *Interpretada* e universalmente aceita como resultado da indulgência homoerótica dos homens de Sodoma, serviu ela de “fonte primária” para a exposição, à ordem mundana, da mais elevada condenação divina a atos homossexuais (McNEILL, 1993, p. 43; 37).

Clímax da rejeição à homossexualidade masculina (McNEILL, 1993, p. 37), a narrativa do aniquilamento das povoações citadas não está, entretanto, sozinha na condenação bíblica ao desejo entre iguais. Também em Levítico (18:22; 20:13) há disposições, desta vez *expressas*, a interditar o contato sexual entre homens, sendo importante destacar que “a concepção judaica sobre a homossexualidade”, contida na *Bíblia*, insere-se “num contexto histórico, cultural e geográfico mais vasto” (NAPHY, 2004, p. 40; McNEILL, 1993, 56-60).

Com efeito, pressionado por questões demográficas (McNEILL, 1993, p. 58) e rodeado de vizinhos em muito dissonantes de si (SPENCER, 1995, p. 57), a compreensão do povo judeu para a sexualidade – absorvida por suas escrituras – fundava-se na ideia de que toda e qualquer modalidade de sexo a extrapolar o paradigma pênis-vagina, no contexto *exclusivo* da reprodução, deveria ser objeto de rechaço. Opondo-se à liberalidade sexual dos povos circundantes,

A lei hebraica rejeita a ideia (comum entre os vizinhos de Israel) de que o sexo pode ser apazível *e/ou* procriador a favor de uma posição em que o sexo é, antes de mais nada, procriador. A Bíblia não pretende enumerar todos os tipos de sexo ilegal, procura antes definir que tipo restrito – singular, mesmo – de sexo é efectivamente aceitável por Deus: a penetração da vagina pelo pênis com o fim de procriar (NAPHY, 2004, p. 41).

Temos, com isso, um breve panorama das razões primeiras por que a homossexualidade esteve, por quase dois milênios, no Ocidente, sob a injunção de uma compreensão negativa para sua existência – passado, aliás, que subsiste, e ainda hoje “oprime o cérebro dos vivos”. Conforme observa Lewis Crompton, que parafraseio, umas poucas linhas de um dos textos fundadores da cultura ocidental auxiliaram no estabelecimento de um milenar ambiente hostil àqueles

5 A verdadeira motivação por trás da desolação das cidades está envolta de problemática em função de imprecisões semânticas decorrentes da tradução (McNEILL, 1993, p. 37-38).

6 Existe, na hermenêutica da *Bíblia*, distinção entre o texto em si e o modo como a tradição – uma recepção distribuída no Espaço e no Tempo – o interpretou (McNEILL, 1993, p. 67-68).

inconformados à lógica sexual prescrita na *Bíblia*, uma vez que “coube em grande parte ao cristianismo regulamentar a sexualidade no mundo ‘judaico-cristão’” (NAPHY, 2004, p. 284).

A certa altura, e em decorrência de mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos (SPENCER, 1995, p. 273), para além do aparato eclesiástico, também aquele do Estado passou a interessar-se pela homossexualidade. Orientando seu desdobramento criminal para instituir leis persecutórias, prevendo a punição de atos homossexuais, o Estado alinhou-se à Igreja na consolidação de abordagem tributária da confusão entre assuntos religiosos e assuntos seculares. À pecha de sodomita diabólico, apregoada pela Igreja, soma-se o estigma da criminalidade: a tese de certos indivíduos serem capazes de ameaçar a sustentação do tecido social, do Estado mesmo, porque perversos e maliciosos, ganhou força, entrando também nos códigos legais – processo deflagrado ainda na Antiguidade tardia (McNEILL, 1993, p. 76), com o imperador romano Justiniano⁷.

Dinâmica complexa e multifacetada, pois, “a formação da atitude Ocidental Cristã em relação às práticas homossexuais passou por um processo cumulativo de desenvolvimento para o qual muitas e diversas influências contribuíram” (McNEILL, 1993, p. 82). Partiu dos escritos hebraicos, passou pela ascensão e disseminação do cristianismo, para adentrar, então, o universo jurídico-criminal – entendimento o qual se estabilizou, se espalhou por inúmeros espaços e perdurou ao longo dos séculos⁸, muito em decorrência do colonialismo europeu, especialmente o anglo-saxão.

Portanto, o “tratamento de Justiniano para as práticas homossexuais tornou-se o *locus classicus* para a legislação civil a tratar desse tópico” (McNEILL, 1993, p. 79), concepção, aliás, que transpassou a Era Medieval, alcançando até mesmo ao século XIX e XX. Nos países anglo-saxões, a discriminação contra os homossexuais tornou-se política de Estado: instituíram-se as famigeradas leis antissodomia, que prescreviam graves sanções àqueles flagrados em atos homossexuais.

Nesse sentido, “a França pós-napoleônica e a Grã-Bretanha do século XIX reagem nessa altura ao Iluminismo e às ideologias revolucionárias, adotando posições cada vez mais conservadoras, moralistas, hegemônicas e burguesas à medida que o século avançava” (NAPHY, 2004, p. 207). “A época da revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas”, assim, “provocou uma reacção conservadora generalizada em toda a Europa” (NAPHY, 2004, p. 208), a qual, saudosa do

7 Justiniano, a propósito, aderira à interpretação do pecado de Sodoma como primariamente homoerótico, instituindo leis contrárias a homossexuais masculinos e, no mais, colaborando para certo discurso social a associar perversões humanas a desastres naturais (McNEILL, 1993, p. 79).

8 Byrne Fone, na introdução de seu *Homophobia, a history*, argumenta que a discriminação contra os homossexuais seria o “último preconceito aceitável”. Num momento histórico em que “o racismo é reprovado, o antisemitismo é condenado e a misoginia perdeu sua legitimidade”, apenas um grupo parece capaz de amalgamar o ódio de todas as demais minorias: o homossexual (2000, p. 03).

ancien régime e de seus valores, impôs, por meio das instâncias político-institucionais, a rígida, prescritiva e historicamente “chancelada” lógica sexual judaico-cristã: o sexo legítimo é somente aquele para reprodução – essa é a *norma*, o sexo “oficial” –, decorrendo, disso, verdadeiro terror ao contato sexual prazenteiro entre homens⁹.

Logo, as leis antissodomia¹⁰, comuns no Reino Unido e nos Estados Unidos dos séculos XIX e XX, foram etapas integrantes da tendência criminalizante da homossexualidade, legatárias de Justiniano na eleição do homossexual como pária social. Se em 1861 o Estado inglês aboliu a pena de morte para o crime de sodomia (“generosamente”, instituindo o trabalho forçado por dez anos como alternativa...), por outro lado, em 1885, promoveu mudanças legislativas “ambíguas e imprecisas”, facilitando o enquadramento criminal de atos homossexuais. “A lei anterior exigira provas claras da existência de penetração [...] para que houvesse uma condenação. Agora, bastava provar o *ato contrário ao pudor*”, “o que quer que isso fosse!”, para produzir-se culpabilidade (NAPHY, 2004, p. 215).

Resultava dessa postura que “a Inglaterra era o único país na Europa que penalizava a masturbação mútua e *todos* os outros atos sexuais entre homens”, mesmo que “praticados *privadamente*” (SPENCER, 1995, p. 260, grifo nosso) – muito para perplexidade de seus equivalentes continentais, franceses, por exemplo (NAPHY, 2004, p. 217). Ao fim e ao cabo, portanto, no mundo anglo-saxão – com destaque à Inglaterra e aos Estados Unidos –, “o recado naquele fim de século era claro: os homossexuais podiam ser, e seriam, presos e destruídos em públicos” – vide a destruição de Oscar Wilde –, incutindo-se na mente da população em geral a ideia de existir, neles, “um mal que precisava de ser erradicado” (NAPHY, 2004, p. 218).

“Os homossexuais”, em suma, “eram banidos, considerados abomináveis, não-reconhecidos” (SPENCER, 1995, p. 261).

Para além disso, no transcorrer dos anos e das dinâmicas culturais, não somente nos âmbitos teológico e legal observaram-se mudanças de postura em relação à homossexualidade. O século XIX assistira, em especial no período compreendido entre 1830 e 1914, a “descobertas e ideias estimulantes em [...] assombrosa profusão”, falando-se até mesmo de uma “nova revolução intelectual”. As “ciências passaram”, então, “a ser encaradas como única fonte fidedigna de conhecimento”, sendo “quase completa a vitória do empirismo” (BURNS, 1977, p. 791). “Deu-se”, àquela altura, “amplo desenvolvimento a cada um dos antigos ramos da ciência, ao mesmo tempo que mais de uma dezena de ramos novos eram acrescentados aos já existentes” (BURNS, 1977, p. 791-792).

9 Sir Robert Peel (1788-1850), primeiro-ministro do Reino Unido, afirmou, ainda quando no Parlamento, considerar “o amor físico e genital entre homens um crime *inter Christianos non nominandum*” (NAPHY, 2004, p. 211).

10 As leis antissodomia, desgraça para gênios como Alan Turing e Oscar Wilde, previam castração química, publicação de nome e endereço em jornais, humilhação pública e, em consequência, ostracismo.

Dentre as inúmeras inovações introduzidas durante o lapso temporal mencionado, destaca Burns (1977, p. 792-793) terem sido “as ciências biológicas e a medicina [aquelas] que tiveram maior desenvolvimento”, em especial depois da publicação de *Origem das Espécies*, de Charles Darwin, “cuja influência sobre o pensamento moderno não foi provavelmente igualada pela de nenhum outro livro”. Na esteira de tal cientificismo, surgem, ao longo do século XIX, as primeiras teorias médicas voltadas à superação da explicação *teológica* e *criminalizante* da homossexualidade para uma explicação *científica* (KENNEDY, 1981, p. 103).

A psiquiatria incipiente propôs, enfim, interpretar-se a homossexualidade não como “emanações de um anticristo desconhecido, mas, antes, [...] entidades científicas” (GIFFORD, 1994, p. 40-41), passíveis de observação, classificação e sistematização, o que possibilitou abordagem pretensamente mais racional. O homossexual tornou-se, com isso, uma *espécie*, dotada de “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida” – ser a quem se atribuiu uma “realidade analítica” (FOUCAULT, 1988, p. 43-44).

Entretanto, o *establishment* médico, enviesado e ainda muito imbuído de ideias e valores burgueses conservadores de seu tempo (SPENCER, 1995, p. 273-274), fez apenas justapor-se o estigma do *patológico* às marcas preexistentes do *teológico/criminal*, sem efetiva superação de tais tabus. Passou-se, desse modo, a entender a homossexualidade também como uma aberração da natureza, abrindo-se a possibilidade de compreensão, tratamento, mas, em última análise, *cura* (GIFFORD, 1994, p. 41-42).

Em suma, a homossexualidade masculina vivia, em fins do século XIX e início do XX, nos EUA e no Reino Unido, sob intensa opressão, com as mais poderosas e consolidadas instituições sociais empenhadas em sua perseguição, punição e pretensa extinção. “O que sentia o homossexual [...] naquela época, quando estava difamado pela ciência e ameaçado pelo Estado?”, indaga-se Spencer. “Edmund Gosse¹¹ explica: ‘A posição de uma pessoa [...] tão atormentada é realmente a de um homem enterrado vivo e consciente, mas privado do sono [...]’” (1997, p. 280).

1.2. Tentativas esporádicas; Edward Prime-Stevenson, a mente por trás de *Imre*

Em seu artigo *The Homosexual Rights Movement in the United States (O Movimento dos Direitos dos Homossexuais nos Estados Unidos*, tradução livre), de 1981, Salvatore Licata dedicou-se a delinear as “tentativas institucionais” empreendidas pelos homossexuais norte-americanos ao longo do século XX, no sentido de organizarem-se enquanto grupo social e apresentarem-se, perante a sociedade, enquanto sujeitos de direitos. Dividindo o percurso em oito etapas, de 1908 a

11 Sir Edmund Gosse (1849-1928) foi um poeta inglês.

1979, Licata recompõe os distintos estágios do movimento, desde suas origens tímidas e obscuras, até aos bem-documentados anos 70.

Nesse sentido, as primeiras iniciativas voltadas à reforma da realidade da homossexualidade, no Ocidente cristão, datam do século XIX, nas figuras dos alemães Karl Heinrich Ulrichs e Magnus Hirschfield. Sob a direção de Hirschfield, fundou-se em 1897 o *Comitê Científico-Humanitário*¹², primeira organização pelos direitos dos homossexuais (LICATA, 1981, p. 162); e, por elaboração do de Ulrichs, veio a lume a progressista *Teoria do Terceiro Sexo*, em 1864, segundo a qual a homossexualidade era característica inata e natural do ser humano (FONE, 2000, p. 294; KENNEDY, 1981, p. 103; 108).

Opondo-se, portanto, aos discursos sociais vigentes e buscando contrapor-lhes uma nova visão para a homossexualidade, os alemães não eram os únicos europeus empenhados nessa tarefa. Na Inglaterra, também se observavam ações reformistas – contudo, a forte censura estatal e o alarido dos julgamentos de Oscar Wilde inibiam a formalização outrora possível na Alemanha (LICATA, 1981, p. 162), fatos inseridos justamente no contexto reacionário de sociedades de valores vitorianos¹³, conforme tratamos no tópico anterior.

Entretanto, em que pese a eventual timidez das iniciativas deflagradas pelos europeus, o pioneirismo deles forneceu “um passado e uma história para a resistência dos homossexuais à opressão” de seu tempo. Legado, este, que não passou despercebido pelos norte-americanos, os quais se apropriaram de ideias e valores aventados no Velho Continente, em seus próprios esforços à busca de ganho de espaço político (LICATA, 1981, p. 162). Logo, no contexto específico dos EUA,

As primeiras tentativas [...] de defender os direitos dos homossexuais eram esporádicas e [...] empreendidas via esforços individuais [...]. Ao longo da década de 20 [do século XX] e depois, esforços para organizar homens e mulheres homossexuais mostravam-se muito ousados para o período, e pareciam confirmar que somente ações individuais seriam toleradas (LICATA, 1981, p. 163)¹⁴.

Por essa razão, Licata designa a primeira etapa do movimento como “Estágio 1: tentativas individuais esporádicas”, dinâmica predominante (mas não exclusiva) do período compreendido entre 1908 e 1945. Curiosamente, o marco inicial do desenvolvimento histórico da luta pelos direitos dos homossexuais nos EUA, segundo o autor, é exatamente o ano da publicação de *The*

¹² Posteriormente dissolvido pelos nazistas e seus triângulos cor-de-rosa (LICATA, 1981, p. 162).

¹³ Com efeito, “as comunidades política, religiosa e científica dos Estados Unidos ecoavam a maior parte dos sentimentos conservadores emanados da Europa, e portanto rotulavam a homossexualidade como um crime, um pecado ou uma doença. Tentativas realizadas por uns poucos europeus para estimular o tratamento humano” para os homossexuais “mostravam-se inócuas nos Estados Unidos” (LICATA, 1981, p. 163).

¹⁴ The earliest attempts [...] to defend the rights of homosexual people were sporadic and, with rare exceptions, were undertaken as individual efforts. [...] Throughout the twenties and later, attempts to organize homosexual men and women proved too daring for the times and seemed to confirm that only individual efforts would be tolerated.

Intersexes: A History of Similisexuality as a Problem in Social Life (*Intersexos: uma história do similissexualismo como um problema da vida social*, tradução livre), da autoria de Edward Prime-Stevenson – a mente por trás do romance *Imre: A Memorandum*.

Por conseguinte, Stevenson foi o primeiro indivíduo norte-americano a lidar abertamente com a homossexualidade, tanto no âmbito ficcional, com seu romance *Imre* (1906), quanto no não ficcional, com *The Intersexes* (1908) (LAURITSEN, 2002, p. 35). Exercendo sua atividade literária a fim de postular uma nova visão para a homossexualidade nos Estados Unidos,

The Intersexes foi planejado enquanto uma refutação do *establishment* médico. [...] Stevenson re-formou o texto da vida do homossexual, trazendo a ele uma nova e desinibida simpatia. *Imre*, escrito concomitantemente a *The Intersexes*, traduz a mesma defesa para as belas-lettras [...] sua ficção foi a destilação do argumento [contido em *The Intersexes*] (GIFFORD, 2003, P. 16; 25)¹⁵.

Desse modo, com a publicação da extensa obra ensaística a tratar da homossexualidade, sob as mais diferentes perspectivas, “a não conformidade sexual norte-americana foi, finalmente, colocada em papel” (LICATA, 1981, p. 36). Não, é bem verdade, sem certa dose de coragem: driblando as dificuldades para a publicação de textos simpáticos à homossexualidade – enquanto nos EUA, o estadunidense “necessitava de autorização médica para poder ter contato com obras europeias a abordar o assunto” –, Stevenson ocultou a autoria de seus livros, adotando o pseudônimo “Xavier Mayne” em ambos (AUSTEN, 1977, p. 22), além de publicá-los às suas expensas (LICATA, 1981, p. 163) – *Imre*, por exemplo, era trabalho no qual “editores americanos jamais tocariam” (AUSTEN, 1977, p. 22).

Com efeito, Stevenson reconhecia as “consequências problemáticas” impostas a qualquer sujeito disposto a escrever textos acerca da homossexualidade. Tais consequências iam além da necessidade de publicarem-se os livros pagando-os de seu próprio bolso: havia o aborrecimento adicional “de corrigir as provas tipográficas (por correio!) elaboradas por editoras que não falavam inglês”¹⁶ – desafios, enfim, demonstrativos do engajamento do norte-americano e de sua atuação resoluta em prol da causa homossexual. De fato, “sua voz não seria facilmente silenciada” (GIFFORD, 1995, p. 105).

Assim,

Apresentando a homossexualidade enquanto uma extensão natural e comum do espectro da sexualidade [...], Prime-Stevenson queria demonstrar que homens gays não eram doentes

15 *The Intersexes* [is] intended as a refutation of the medical establishment. [...] he re-formed the text of the homosexual's life, bringing it to a new and unashamed sympathy. *Imre*, written concurrently with *The Intersexes*, translates the same defense into belles-lettres. [...] its fiction was the distillation of his argument [...]

16 *Imre* (cerca de 500 cópias) e *The Intersexes* (125 cópias) foram publicados por uma gráfica em Nápoles, Itália (GIFFORD, 1995, p. 107).

ou monstruosos, que eles poderiam ser membros normais a contribuir para a sociedade e que, sobretudo, eles eram humanos (GIFFORD, 2003, p. 26).

Sabe-se pouco da biografia de Edward Iranaeus Prime-Stevenson. Nascido em Madison, no estado de New Jersey, em 29 de janeiro de 1858, no seio de uma família presbiteriana e de forte tradição literária (GIFFORD, 2003, p. 21), atuou como “romancista, jornalista, pesquisador dileitante e crítico musical” (LAURITSEN, 2002, p. 35). Aparentemente de origem abonada, recebeu sólida educação – era hábil em línguas estrangeiras –, tendo-se graduado em Direito sem, contudo, jamais ter exercido a profissão (GIFFORD, 2003, p. 21-22).

“Ignorando o Direito”, prossegue Gifford (2003, p. 22), “ele começou [...] a escrever para revistas populares de seu dia, arriscando a mão na poesia e em alguma ficção melodramática”, estabelecendo-se “no nicho da crítica musical”. Colaborou com periódicos tais quais *Harper's Weekly* e *The Independent*, compondo também obras juvenis tais quais *White Cockades* (1887) e *Left to Themselves* (1891), ambos “boy books” com subtexto homoerótico. Sua produção inclui, ademais, ficção adulta, voltada principalmente ao público feminino, e até mesmo “uma incursão na cartomancia, [...] *The Square of Sevens* (1897) [...]”, demonstrando seu amor pelo assunto do esoterismo.

Socialmente ativo, a morte de sua mãe, em 1896, garantiu-lhe acesso a certo patrimônio, o que o levou a passar períodos cada vez mais longos no exterior. Stevenson tornou-se, com isso, mais e mais cosmopolita, até que, por volta de 1900, fixou-se em definitivo na Europa continental (GIFFORD, 2003, p. 23). Sua expatriação tem um motivo: “os Estados Unidos (assim como a Inglaterra) possuíam uma atmosfera opressiva e leis perigosas para alguém como ele: um homem que amava homens” (LAURITSEN, 2002, p. 35-36).

A mudança de ares há de ter sido inspiradora para o neojersiano. Uma vez instalado na Europa, mentiu sistematicamente sua idade – subtraía-lhe uma década –, e, em troca de cartas com um seu colega, quando na Itália, em 1907, desabafou: “*Saiu-se ao sol...* De volta ao sol!... – bom Deus-Sol – como ele brilha aqui!”. Visitando os EUA com cada vez menor frequência, o obscurantismo anglo-saxão ficou para trás, e a Europa (vagou por diversos países) converteu-se em seu novo lar (GIFFORD, 2003, p. 24-25).

Não muito depois dessa mudança, Prime-Stevenson deu início à composição de *The Intersexes*. Compendiou notícias, “montou uma considerável biblioteca, leu periódicos estrangeiros, encontrou pessoas de todas as classes sociais, entrevistou profissionais médicos”, e prosseguiu com sua atividade literária e intelectual até que, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, viu-se isolado em Lausanne, na Suíça. Lá faleceu, aos 84 anos, de ataque cardíaco. Seu espólio, herdado por um sobrinho estadunidense, nunca foi reclamado e, por fim, desapareceu (GIFFORD, 2003, p. 25-26).

Em conclusão, em um momento histórico no qual a homossexualidade era vista como desvio de caráter, verdadeira perversidade e comportamento antinatural, Edward Prime-Stevenson, decidido a comprovar a naturalidade de sua existência, assim como a de todos os homossexuais, publicou obras que lhe conferiram o pioneirismo do movimento pelos direitos dos homossexuais, nos EUA. Seriam necessárias ainda quase três décadas para que sua ousadia em tratar de maneira simpática a temática da homossexualidade, na ficção, fosse equiparada, com a publicação, em 1933, de *The Young and Evil*, de Charles Henri Ford (AUSTEN, 1977, p. 27).

1.3. Apresentação geral do romance

O romance *Imre: A Memorandum* (1906), de Edward Prime-Stevenson, destaca-se no panorama literário dos Estados Unidos por ser o precursor de seu gênero a tratar *abertamente* da homossexualidade masculina (AUSTEN, 1977, p. 20; FONE, 1998, p. 595; LAURITSEN, 2002, p. 36), sem precedentes, outrossim, na concessão de um final feliz aos enamorados homossexuais¹⁷ (GIFFORD, 2003, p. 15). Dotado de desfecho otimista e bastante provocativo para seu tempo (GIFFORD, 1995, p. 110), trata-se do primeiro romance escrito por um norte-americano

em que inexiste dissimulação, discurso cifrado ou pretexto de que a amizade [entre homens] é platônica ou de que o desejo é alegórico. Pelo contrário, é um texto romântico, ornamentado até, ofegante em seu relato de um caso amoroso e igualmente apaixonado em sua defesa da vida, do amor e do sexo homossexuais [...] (FONE, 1998, p. 594)¹⁸.

A narrativa, ocupada em reconstituir as etapas do paulatino envolvimento entre o inglês autoexilado Oswald e o lindíssimo Imre von N. – e de como ambos se tornaram amantes –, coloca-nos diante de dois personagens que, a fim de vivenciarem seu amor e alcançarem, juntos, o desfecho otimista, amargam – e sobretudo *superam* – injunções advindas do tempo, do espaço e das mentalidades (GIFFORD, 1996, p. 109-110).

Imre, em consequência, “é um marco na ficção gay norte-americana”, “o primeiro, o melhor e [...] o único romance escrito por um norte-americano a escrever tão positivamente” sobre o homossexual masculino, àquela altura (AUSTEN, 1977, p. 26)¹⁹. O texto, pois,

17 “*Imre* [...] certamente representa um momento fundamental e definidor, quando a ficção homoerótica norte-americana [...] sai do armário.” O romance carrega uma “história que se apropria do final especial outrora cabível apenas para o romance heterossexual: ‘e eles viveram felizes para sempre’”. (FONE, 1986, p. 204-205).

18 *Imre* is the first homosexual novel to be written by an American in which there is no dissembling, no coded discourse, no pretense that friendship is platonic or that desire is allegorical. Instead it is a romantic, even florid text, breathless in its passionate account of a male homosexual love affair and equally passionate in its defense of homosexual life, love and sex [...]”.

19 “[...] is a landmark in American gay fiction. *Imre* is the first, the best, the brightest and in a sense the only novel of its time written by a male American to write so positively about ‘the Noble Uranian’”.

é escrito do ponto de vista refinado de Oswald que, com seus trinta anos, passa por um tranquilo verão para estudo de línguas estrangeiras, na Hungria. [...] No primeiro capítulo, “Máscaras”, Oswald conhece Imre, um militar húngaro de vinte e cinco anos, num café a céu aberto, e se apaixona por ele. Durante a longa caminhada vespertina que compreende a maior parte do segundo capítulo, “Máscaras – e uma Face”, Oswald confessa e defende sua homossexualidade para Imre, mas não recebe resposta definitiva deste. [...] No último capítulo, “Fases – Corações – Almas”, Imre finalmente faz uma confissão similar para Oswald, e o romance termina com eles abraçados, na iminência de irem para a cama pela primeira vez (AUSTEN, 1977, p. 23)²⁰.

Não é, entretanto, somente em decorrência da inédita e positiva abertura sobre o tema que *Imre* se notabiliza. Inscrevendo, com coragem, no plano de argumentos romanesco, uma série de concepções a contestar, frontalmente, os discursos propalados pelo *establishment* de seu tempo, e articulando-as em torno de uma existência *possível* diante de realidade opressiva, Stevenson, por meio da voz de Oswald – instância produtora do discurso narrativo –, permeou o texto analisado de uma poderosa “determinação existencial”, demonstrada por um personagem narrador convencido da naturalidade de seu desejo, dispondo-se a exercê-lo sem culpa e enfrentando, com dignidade, a rejeição oposta por um mundo hostil. Este é, a princípio, o grande mérito de *Imre* a ser destacado.

Mobilizando, portanto, dispositivos narrativos e ideológicos de modo a postular uma nova interpretação para a homossexualidade, por meio de sua literatura, Prime-Stevenson compôs obra engajada, cuja ideia central, *força motriz* mesma, é a defesa da homossexualidade enquanto extensão natural da sexualidade humana. Empenhado na constituição de um discurso de reação às perniciosas ideias aventadas então acerca da homossexualidade masculina, o autor confere premência à dimensão argumentativa do romance, uma vez que personagens, enredo, espaço etc., estruturam-se, segundo os desígnios autorais, para realizar essas ou aquelas ponderações.

Gifford ensina, a propósito, que “o autor nunca imaginou sua obra enquanto ‘entretenimento’” [...] (2003, p. 13), aduzindo ser a escrita homossexual masculina tal qual a de Stevenson “um tipo de escrita politizada”, caracterizada pela “poderosa recusa” em permitir que os discursos contemporâneos em torno da homossexualidade pudessem “operar unilateralmente” (1996, p. 10) – o romance *Imre: A Memorandum*, pois, constitui a contestação *literária* elaborada pelo norte-americano. Oswald, o herói narrador, é personagem de ficção cuja caracterização

20 [...] is written from the gentlemanly point of view of thirty-year-old Oswald, who is spending a leisurely summer of language study in Hungary [...]. In the first chapter, “Masks”, Oswald meets Imre, a twenty-five-year-old Hungarian army officer, at an outdoor café and falls in love with him. During the long evening walk which comprises most of the middle chapter, “Masks and – a Face”, Oswald confesses and defends his urningism to Imre but receives no definite response in return. [...] In the last chapter, “Faces – Hearts – Souls”, Imre finally makes a similar confession to Oswald, and the novel ends with them in each other’s arms and on the verge of going to bed together for the first time.

(história pregressa, cabedal cultural, inteligência, concepções de mundo etc.) veicula a formulação de um loquaz contradiscurso às concepções negativas avançadas pelo *status quo* de outrora²¹.

Figura o romance, desse modo, enquanto instrumento autoral voltado à reformulação da realidade da homossexualidade, no Ocidente cristão, sendo possível aferir, inclusive, a conferência de verdadeiro *propósito* ao texto, muito em consonância com a atividade exercida por seu autor, “pai” do movimento pelos direitos dos homossexuais norte-americanos (FONE, 1986, p. 196). Na epístola inaugural do romance, servindo-lhe também de prefácio, vemos que Oswald, dirigindo suas memórias a um editor amigo, intenciona que seus escritos *atuem* “contra as ignorâncias, contra as estreitas convenções psicológicas, a falsa ética social de nossa época”, torcendo para que a autobiografia ali apresentada aplaque o sofrimento vivido por “alguma alma perplexa e solitária [...] no nosso mundo de mistérios”.

Observa-se, com isso, demonstrativo textual do caráter engajado da obra, porquanto, já no prefácio, Stevenson, por meio de Oswald, e da relação ficcional estabelecida entre ele e o editor ficcionalizado, proclama seu objetivo de intervir na realidade, almejando, textualmente, alcançar com seu romance sujeitos que sofrem com a opressão imposta por um mundo hostil. Stevenson imagina, por conseguinte, um público virtual, uma *recepção* para sua obra, bem como a precisa *função* a ser exercida, por ela, na sensibilidade de seus potenciais leitores.

O prefácio do romance, portanto, oferece oportunidade primeira de serem observadas relações estabelecidas entre texto e contexto. Nas palavras de Gérard Genette, trata-se o paratexto de instância não apenas de transição, como também de *transação* entre enunciado e enunciação – instância através da qual o *texto* converte-se em *livro*. Da leitura dele, conseguimos desvelar a estratégia empregada por Edward Prime-Stevenson a fim de preservar sua identidade – necessidade imposta, certamente, pelo ambiente cultural prevalecente em relação à homossexualidade masculina, naquele período.

Prossigamos, pois, à leitura do prefácio.

Prefácio

Meu caro Mayne,

Nestas páginas eu lhe dou um capítulo de minha vida – um episódio sobre o qual, a princípio, parecia impossível escrever, até mesmo para você. Ele permaneceu sob minha mão por longo tempo, do modo como a autobiografia tende a fazer. Minha desculpa é que, lançando adiante verdade absoluta na qual nós mesmos estamos implicados tão profundamente, as perspectivas [...] não são facilmente mantidas. Mas eu espero não ser tedioso ao leitor para quem, especialmente, expus incidente tão misterioso e pessoal. Você sabe bem o porquê de ele ter sido escrito para você. Agora que está diante de mim, finalizado, não me sinto tão em dúvida quanto a sua opinião acerca do percurso sincero de

21 Diferentemente, o romance nacional *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897), filia-se à corrente estigmatizante da homossexualidade, representando um protagonista degenerado, dentro da concertação cientificista e enviesada do naturalismo brasileiro. São, pois, obras análogas, porém dotadas de dimensões argumentativas opostas.

meus escritos, da forma como me senti, quando comecei a deitá-los em papel. E, como por mais de uma vez você me estimulou a escrever algo tratando justamente do assunto que é o fio condutor de minhas páginas, eu me perguntei se, em vez de um ensaio impessoal, não seria melhor que eu entregasse a sua mão editorial tudo que está aqui. Como algo para outros homens, além de mim e de você. Faça, portanto, com minhas páginas, o que melhor lhe aprouver. Tome-as como algo a falar, em alto e bom som, para outros corações humanos pulsando, em rebelião, contra as ignorâncias, contra as estreitas convenções psicológicas, a falsa ética social de nossa época (muitos corações masculinos devem sentir-se assim!), oferecidas, estas páginas, na esperança de que alguma alma perplexa e solitária possa ficar um pouco mais calma, possa sentir-se um pouco menos sozinha no nosso mundo de mistérios – dessa forma eu entrego este relato a você, para que o use como quiser. Tome-o como vindo de Imre e de mim. No que tange à narrativa em si, posso dizer-lhe que, aqui, o diálogo é mantido palavra por palavra, fielmente da maneira como se passou, em todas as suas passagens mais significativas; e que a correspondência é traduzida literalmente. Eu não sei nem mesmo qual será, ao certo, o tom de seu julgamento solidário – ao manejar o manuscrito, leia-o. Mas, no que depende de mim, guardo minha caneta, depois de ter escrito as últimas linhas, com dois versos de Platen em minha mente, que me ocorriam com frequência, durante o progresso de meu relato: como uma esperança, uma confiança, uma convicção:

Pode alguém ser criado – pela Natureza –
E jamais, jamais traçar um caminho que é falso?

Não – eu acredito que não!

Atenciosamente,
Oswald
Velencez, 19--²²

Consoante observado acima, o prefácio é constituído de carta escrita pelo ficcional Oswald a um certo “Mayne”, comprometendo-se o herói narrador a apresentar relato fidedigno do crescente envolvimento dele com Imre von N. Ponderando acerca da exposição de episódio assim tão íntimo, percebe-se, na epístola, a existência de algum *interdito*, assunto de difícil menção – que descobriremos, no compulsar das páginas, tratar-se do relacionamento amoroso entre dois homens.

22 [...] **Prefatory.** My dear Mayne: In these pages I give you a chapter out of my life – an episode that at first seemed impossible to write even to you. It has lengthened under my hand, as autobiography is likely to do. My apology is that in setting forth absolute truth in which we ourselves are concerned so deeply, the perspectives [...] are not easily maintained. But I hope not to be tedious to the reader for whom, especially, I have laid open as mysterious and profoundly personal an incident. You know why it has been written at all for you. Now that it lies before me, finished, I do not feel so dubious of what may be thought of its utterly sincere course as I did when I began to put it on paper. And as you have more than once urged me to write something concerning just that topic which is the mainspring of my pages I have asked myself whether, instead of some personal essay, I would not do best to give over to your editorial hand all that is here? as something for other men than for you and me only? Do with it, therefore as you please. As speaking out against the ignorances, the narrow psychologic conventions, the false social ethics of our epoch (too many men’s hearts must do so!), as offered in a hope that some perplexed and solitary soul may grow a little calmer, may feel itself a little less alone in our world of mysteries – só do I give this record to you, to use it as you will. Take it from Imre and from me. As regards to the actual narrative, I may say to you here that the dialogue is kept, word for word, faithfully as it passed, in all the more significant passages; and that the correspondence is literally translated. I do not know what may be the exact shade of even your sympathetic judgment, as you lay down the manuscript, read. But, for myself, I put by my pen after the last lines were written, with two lines of Platen in my mind that had often recurred to me during the progress of my record: as a hope, a trust, a conviction: [...] Can one created be —of Nature part— And ever, ever trace a track that’s false? No—I do not believe it. Faithfully yours, Oswald. Velencez, 19—

Ademais, Oswald incumbe Mayne, enquanto editor, de publicar as memórias ali coligadas. Dá-se especial atenção à existência textual de Xavier Mayne, editor ficcionalizado, por sabermos tratar-se, também, do pseudônimo de Prime-Stevenson, empregado nas publicações potencialmente prejudiciais a sua reputação. Há que se levar em conta, conforme abordado nos tópicos anteriores, que o contexto geral do período de produção da obra, nos EUA, era bastante desfavorável aos homossexuais masculinos: vigiam então as leis antissodomia, que previam graves sanções à mera condição da homossexualidade.

Prime-Stevenson, procurando burlar o *establishment*, além de publicar as obras em gráficas estrangeiras, dotou seu romance de prefácio a obscurecer a autoria da obra. Mayne, dessa forma, surge como personagem romanesca, de caracterização secundária, embora de interessante análise. Dela, sabemos de sua atuação enquanto editor, mantendo certa relação com o personagem narrador – verificável pelo cumprimento “Meu caro Mayne”, e pela indicação de certa comunhão em torno do assunto abordado por Oswald, em seus escritos: “Você sabe o porquê de isso ter sido escrito para você”, uma vez que “mais de uma vez você me estimulou a escrever algo a respeito desse tópico”.

Oswald e Mayne, portanto, possuem algum tipo de contato, uma amizade talvez, e estão insertos no mesmo plano ficcional: são, como diz Antonio Candido, “seres fictícios”, frutos de um trabalho linguístico e imaginativo de composição, por parte do autor. Com isso, cria-se a seguinte problemática: o pseudônimo é *também* personagem, demonstrando a instituição de uma camada *a mais* na transição/transação entre enunciado e enunciação, *mise-en-abyme* necessária à sobrevivência reputacional de Stevenson. Essa estratégia autoral, “intrigante subterfúgio” (GIFFORD, 2003, p. 20), e suas implicações mais amplas no conjunto do romance, merecem estudos mais avançados, com base nas propostas teóricas de Gérard Genette, em seu *Paratextos Editoriais*.

Não bastasse isso, o processo de caracterização das personagens romanescas fornece indícios de existências pautadas pelo contexto social desfavorável de que tratamos, adversidades, note-se, sobrepujadas pelos protagonistas, no desenrolar da narrativa. Oswald conta-nos, alhures, de como a homossexualidade atormentou-o, ao longo de seu processo formativo, demonstrando que o herói narrador sentiu, na pele, o silenciamento e o opróbrio a incidir sobre os homossexuais daquele recorte histórico. Logo, as concepções religiosa, criminalizante e patologizante para a homossexualidade contribuíram para a tribulação experimentada por ele, no decorrer de seu processo formativo.

Afirma ele ter pensado, anteriormente, que

O amor entre homens [...] agora, como sempre, é um horror inominável – uma coisa **contra toda civilização, sanidade, sexo, Natureza, Deus!** Logo, *eu* era, com certeza, – o que eu era, então? Ah, eu compreendo! Eu era um **incidente incompreensível de Deus na**

criação humana: o homem que ama outro homem! O homem que ama outro homem! (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 84-85, grifos nossos).²³

Oswald, enquanto homossexual, demonstrava sofrer, justamente, as injunções do tempo e das mentalidades típicas da sociedade vitoriana de inícios do século XX. Indaga-se ele se seria, então, o amor entre homens uma coisa “contra toda civilização?”, isto é, seriam os homossexuais inimigos do Estado, agentes a corroer a estrutura de valores do Ocidente? Ou seriam eles detratores da “sanidade”, aberrações da natureza, doentios e mentalmente disfuncionais? Ou, quiçá, também um erro da Natureza, um engano de Deus?! Vemos, pois, reverberações dos discursos religioso, institucional e médico no âmbito da caracterização do personagem, no desenvolvimento, pois, de sua subjetividade homossexual.

Além disso, “todas as alusões aos Estados Unidos são negativas”, falando-se, até mesmo, em um “motivo secundário de antiamericanismo”, no romance (AUSTEN, 1977, 22). Stevenson “claramente ridiculariza o que ele vê como um preconceito britânico e americano contra a homossexualidade” (GIFFORD, 1996, p. 42)²⁴, quando Oswald, a certa altura, celebra o fato de que Imre não fora

nascido e criado na civilização anglo-saxã; onde ainda se encontra, por todo lado, uma mistura tão densa de ignorâncias populares; de seculares e cegos equívocos religiosos e éticos, de conservadorismo anticientífico em círculos psiquiátricos, e de barbarismos jurídicos (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 120).

Percebemos, pois, a forte carga semântica empregada por Prime-Stevenson/Oswald ao referir-se à compreensão das sociedades vitorianas em torno da homossexualidade masculina. Ao falar de seu país de origem, onde a homossexualidade era criminalizada, o narrador intensifica a linguagem, demonstrando sua indignação com a realidade de sua terra natal. Há, neste curto excerto, alusões negativas, novamente, aos discursos assumidos pela Igreja (“equívocos religiosos e éticos”), pela Medicina (“conservadorismo anticientífico”), e, por fim, pelo Estado (“barbarismos jurídicos”).

Entretanto, Oswald – potencialmente refletindo Prime-Stevenson, haja vista tratar-se *Imre* de um *roman à clef* (GIFFORD, 1996, p. 63) –, conforme amadurece, entra em contato com leituras e experiências edificantes, até que, por meio da aquisição de uma cultura literária, foi ele capaz de fazer as pazes consigo mesmo e com sua masculinidade. Em síntese, o processo formativo de Oswald, delineado ao longo do monólogo empreendido no segundo capítulo, é também uma história

23 Love between two men, however absorbing, however passionate, must not be [...] a sexual love, a physical impulse and bond. That was now as ever, a nameless horror – a thing **against all civilization, sanity, sex, Nature, God!** Therefore *I* was, of course – what then was I? Oh, I perceived it! I was [...] that **incomprehensible incident in God’s human creation:** the man-loving man! The man-loving man!

24 “[...] clearly derides what he sees as a British-American prejudice against homosexuality quite directly when [...]”

de superação – a história de um sujeito que, a despeito das adversidades, não se permitiu degenerar num “homem enterrado vivo e consciente”.

Aliás, a absoluta altivez de Oswald é especialmente interessante ante o fato de ecos de uma autoaceitação precária reverberarem em romances em décadas posteriores a *Imre*, como *The City and the Pillar* (1948), de Gore Vidal (1925-2012); e *Giovanni's Room* (1956), de James Baldwin (1924-1987). Neles, a renitente rejeição a impulsos homossexuais tem importância decisiva no desenvolvimento da trama. *Imre*, no entanto, opôs-se à concepção autodepreciativa já em 1906, e representa dois homens absolutamente *funcionais*, distantes do mito do homossexual que se odeia.

Há que se destacar, a esse respeito, que ambos Imre e Oswald apresentam, pontualmente, certas resistências e reticências a seus desejos homossexuais. Não obstante, tais pruridos não estão na medula das personagens, como no caso dos protagonistas de *The City and the Pillar* e *Giovanni's Room*. Ambos conseguem, na obra de 1906 – *Imre*, com o auxílio de Oswald –, reconciliar-se consigo mesmos, com sua masculinidade e com seu desejo por outro homem – o que, em linhas gerais, colabora justamente para a construção ética e argumentativa do romance, demonstrando que homossexuais são, sim, pessoas sadias, aptas a contribuir para a sociedade – além, é claro, de serem, acima de tudo, *seres humanos*.

Fica demonstrada, ademais, ao longo do romance, a dificuldade de se alcançar o “mútuo reconhecimento” e a troca de intimidade tão ansiada por Oswald, arrebatado por Imre desde o encontro inicial. Fonte de reflexão, assim, é a maneira como se desenvolve o flerte amoroso, uma vez que a interação das personagens é permeada de dificuldades e percalços que lhe são próprios, notadamente, o forte tabu em torno do amor entre homens e a dificuldade de se *falar* sobre esse sentimento. No romance, o relacionamento é possível apenas no subterrâneo, às escondidas, desenvolvendo-se de forma lenta, gradual – conquista calcada na confiança e na aflição compartilhadas. Somente depois de sondagem cautelosa, astuta e um tanto manipulativa, foi Oswald capaz de abrir-se com Imre²⁵, quedando-se bem-sucedido em seu expediente de adentrar na intimidade do militar húngaro.

Em síntese, conforme procuramos demonstrar, existem diversas instâncias em que se pode verificar a interferência de elementos da enunciação na composição ficcional de *Imre*. Se Igreja, Estado e Medicina alinhavam-se em leituras disfóricas para os sujeitos atraídos por outros do mesmo sexo, instituindo um “clima negativo” para a vivência deles, esses componentes históricos,

25 A interação dos personagens sofre de ruídos externos, haja vista a necessidade, a certa altura, de utilizar-se Imre de uma mentira para justificar, a outrem, a rápida intimidade surgida entre ele e Oswald, evitando, com isso, indagações potencialmente destrutivas (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 45-46). Aliás, esse movimento segredista é também observado na obra análoga a *Imre* na tradição literária brasileira, *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897) – a primeira tratar *abertamente* da homossexualidade por estas bandas (BATISTA, 2017, p. 43). Já vivendo vida e rotina conjugais, com o auxílio de D. Carolina, é necessário a Amaro e Aleixo que “tranquem a porta, só para garantir”, evitando, com isso, a descoberta do tálamo homossexual.

culturais e sociológicos acabaram incorporados à obra ora analisada – não para corroborá-los, mas, antes, para contestá-los. Ao longo da narrativa, pois, é possível aferir as mais diferentes maneiras pelas quais Edward Prime-Stevenson, enquanto autor homossexual, “pôs-se a falar de si mesmo”, constituindo convicto discurso de reação – engajado e veemente *contradiscorso literário*, portanto.

Para além disso, na execução de seu projeto e na elaboração de sua proposta *simpática* de representação literária para a homossexualidade masculina, Stevenson reuniu “muitos dos mitos e invenções do século XIX no que diz respeito à homossexualidade” (FONE, 1986, 204-205). Mais do que elaborar obra de viés contestatório, conforme abordamos acima, o norte-americano também procurou, com seu romance, preencher verdadeira lacuna identitária ensejada pela censura em torno da homossexualidade masculina.

Nesse sentido, autores homossexuais tais quais Stevenson viam-se desprovidos de herança cultural viável, tradição sobre a qual se pudessem debruçar a fim de compreenderem a si mesmos e conformarem um grupo social “distinguível”. Em consequência da opressão e do silenciamento, inexistia construção discursiva coesa e positiva apta a superar os discursos propalados pelo *establishment* religioso, legal e médico (GIFFORD, 1995, p. 01-02), ficando a cargo de cada autor *imaginar* uma identidade viável para aquele momento. Inexistia, portanto, a identidade hoje bem estabelecida do “homem gay”, resultado, esta, de avanços no âmbito dos direitos civis, ocorridos ao longo do século XX.

Em consequência disso, Stevenson “fez escolhas que refletiam as únicas duas possibilidades discursivas” disponíveis capazes de fundamentar sua defesa literária da homossexualidade, introjetando, no romance, concepções advindas da seara da psiquiatria e das belas-letas (GIFFORD, 1995, p. 105). Recordemos, pois, que, quando da produção do romance, a *intelligentsia* ainda se encontrava sob o governo de um *Zeitgeist* cientificista, sendo a psiquiatria – e a teorização da homossexualidade – uma das novas tendências do pensamento humano.

Ao elaborar e trazer a lume o romance em tela, o norte-americano empregou categorias do pensamento científico, ou seja, lançou mão de *estruturas do pensamento médico-sexológico progressista* daquele tempo. Notadamente, a *Teoria do Terceiro Sexo*, do jurista alemão Karl H. Ulrichs, de que tratamos acima, de sobrevoos, é instrumento importante para Oswald compreender a si mesmo e a Imre, dando sentido a sua homossexualidade. Em adição, a fim de conformar uma representação literária para a homossexualidade masculina mais completa, capaz de “fazer presente” uma realidade *positiva* para a homossexualidade, Stevenson também lançou mão de *elementos advindos das “belas-letas”*, de viés erudito. Emprestou, dentre outros, a idealização do

amor entre homens, colhida ao legado cultural homoerótico da Grécia antiga, na construção da ficção do romance e no plano de argumentos dele²⁶.

Em conclusão, pode-se dizer que Edward Prime-Stevenson, a fim de legitimar a existência homossexual, para além de dotar seu romance de dimensão ética eloquente, questionadora contumaz do *establishment* de seu tempo, internalizou também em seu texto ficcional discursos advindos de outras searas do conhecimento humano, voltados à dignificação do homossexual masculino perante a sociedade (GIFFORD, 1995, p. 105; WILPER, 2010, p. 52; 64)²⁷. Destacamos, por fim, que tais escolhas éticas e estéticas trouxeram reflexos importantes na constituição ficcional do romance *Imre*, razão pela qual dedicaremos o Capítulo Terceiro à análise detida das formas de absorção dos mencionados discursos, literários e extraliterários.

1.4. Concluindo

Ao longo do presente capítulo, procuramos oferecer um enquadramento geral do romance *Imre: A Memorandum*, expondo algumas das principais variáveis históricas com as quais a obra lidou. O *contexto*, portanto, permeou a composição do *texto*, especialmente no que diz respeito à dimensão ética da obra literária e do eloquente discurso de reação veiculado por ele. Narrativa engajada, até mesmo proselitista, *Imre*, por meio da caracterização das personagens e da interação estabelecida entre elas, ao longo de um enredo simples, oferece-nos verdadeiro mergulho na “mente, nos sentimentos e nos processos de pensamento de pessoas encarando a desaprovação do mundo por conta de sentimentos e desejos mais fortes que elas” (GIFFORD, 2003, p. 13).

26 Perplexo com sua desventurada sexualidade e buscando ressignificá-la, de maneira positiva, Oswald recorre a livros para, de certa forma, legitimar seu desejo. Além de adotar o pensamento sexológico progressista, cita também grandes nomes do pensamento, da política e da literatura enquanto homens que amaram homens, tais como Sócrates, Platão, Alexandre o Grande, Imperador Adriano, Shakespeare, Walt Whitman, Isaac Newton, Beethoven... enfim, “uma infinita procissão de homens excepcionais” (PRIME-STEVENSON, 1996, p. 87-88) aos quais, ao fim e ao cabo, o herói narrador sentia-se ombreado.

27 “Talvez, sem surpresa, a escrita homossexual de Stevenson é por vezes o casamento desconfortável desses dois discursos” (GIFFORD, 1995, p. 105).

CAPÍTULO SEGUNDO

Análise do romance Imre: A Memorandum

*Era um prazer simplesmente observar Imre
atravessar a rua.*

(Oswald)

2.1. Oswald, envenenado de análise, e seu “desmontar” de Imre

O presente capítulo tem por objetivo realizar um estudo intrínseco de *Imre: A Memorandum*, afastando-se temporariamente do “não texto” para considerá-lo, por ora, um “objeto linguístico fechado” (REUTER, 2007, p. 14), material resultante de um trabalho de seleção e composição de seu criador. Objetivamos analisar, neste momento, as peculiaridades estruturais do texto – sua organização interna, a categoria de narrador e focalização utilizada, o processo de caracterização das personagens, o uso simbólico do espaço, a presença de tópicos do discurso amoroso. Enfim, nesta etapa, serão levantados e analisados alguns dos principais componentes narratológicos do romance em tela.

Apresentada, pois, como uma coletânea de memórias escritas pelo personagem narrador Oswald, a narrativa centra-se nas figuras dele próprio, inglês autoexilado na Hungria; e de Imre von N., militar húngaro por quem o narrador se apaixona após um encontro casual, num café de Budapeste. Oswald, sujeito cosmopolita e já mais experiente, interessa-se pelo jovem logo à primeira vista, buscando conversa, e deixando-se seduzir pelo exotismo viril dele – seu olhar, sua voz e seu físico saltando aos olhos do perspicaz herói narrador.

“Tal como relâmpago atinge o metal”, entre os personagens surge rápida afinidade²⁸, e a trama romanesca ocupa-se do desvelamento, segundo a ótica de Oswald, da crescente intimidade forjada entre ele e Imre: intimidade construída em etapas, num processo paulatino de retirada de camadas e mais camadas de inibição (GIFFORD, 2003, p. 14). “O romance”, portanto, “traça o crescimento do relacionamento deles [...], e de como gradualmente todos os mistérios são revelados, à medida que sua amizade se converte em amor”. Observamos, a princípio, “sentimentos de medo e reticência, para, ao fim, vir à luz a atração mútua existente entre os personagens” (GIFFORD, 1995, p. 109).

Oswald, recobrando à memória a história vivida ao lado de Imre e deitando-a, diligentemente, em papel, coloca-se a certa distância temporal entre o momento da composição da

²⁸ “Música e literatura forjam maiores conexões entre Imre e Oswald, e seus gostos são com frequência miudamente catalogados” (GIFFORD, 2003, p. 20).

narrativa e o da experiência vivida, em perspectiva retrospectiva. Constrói, pois, uma *narração ulterior* (REUTER, 1997, p. 88), elaborando a narrativa após certa transcendência em relação à história vivida. Transpondo, assim, o conteúdo bruto de sua vivência ao lado de Imre para o âmbito, já mais burilado, do discurso narrativo, Oswald constitui-se em narrador “presente como personagem na história que conta”, nela *implicado*, logo, na classificação proposta por Genette (2018, p. 244), um *narrador autodiegético*²⁹ (GENETTE, 1995, p. 244).

O herói narrador, em consequência, configura-se em elementar objeto de análise, haja vista sua posição enquanto enunciador interno, a governar a distribuição dos saberes e dos valores integrantes da narrativa. Analisar, portanto, sua “lógica de personagem” mostra-se etapa essencial à integral atividade interpretativa do romance, uma vez que sua caracterização, bem como sua posição em relação à história narrada, são elementos a trazer importantes reflexos na estrutura do romance.

Ensina Aguiar e Silva (1979, p. 322), a esse propósito, que

É muito diferente a história de um homem contada por ele próprio, mesmo que tenha alcançado certa transcendência em relação à sua história, e a história de um homem contada por um narrador demiúrgico que utiliza a terceira pessoa para se referir ao herói. (AGUIAR e SILVA, 1979, p. 322)

Com efeito, a escolha de tal *instância* na composição da narrativa enseja efeitos relevantes, sob o ponto de vista psicológico, ético e ideológico, uma vez que “as mais subtis emoções, os pensamentos mais secretos, o ritmo da vida interior, tudo é [...] miudamente analisado e confessado ao narratário pelo próprio homem que viveu [...] essa história” (AGUIAR e SILVA, 1979, p. 327). Logo, destacaremos componentes da caracterização de Oswald importantes para o andamento da trama romanesca – sua lógica de personagem cerebral, “envenenado de análise”, mente inquieta e inquisidora; sua paixão avassaladora por Imre; e, por fim, a conformação de um conceito positivo de si mesmo – distante do homossexual que se odeia (algo elementar para o desfecho otimista, conforme veremos).

Nesse sentido, em decorrência da escolha de uma instância narrativa que não confere ao narrador a plena onisciência dos fatos e dos psiquismos alheios, vemo-nos dentro da mente de um sujeito de arguta percepção, observando, delineando e *interpretando* os traços físicos, psíquicos e os enunciados de outra personagem, a quem muito admira e em torno de quem a narrativa orbita.

29 Certa problemática pode residir no estabelecimento da modalidade de narrador, uma vez que muita atenção é dedicada a Imre, o que poderia levar à classificação dele enquanto *homodiegético*, isto é, parte da história narrada na posição de “espectador” ou “testemunha” da história pessoal do tenente. Ressalva válida, a instigar reflexões, entendemos contudo tratar-se de narrador *autodiegético* em função da presença estrutural do “sentimento amoroso”, no ponto fulcral do romance – Oswald, o *narrador* apaixonado. Para tanto, cremos pertinentes os ensinamentos de Roland Barthes, que aduz que o discurso amoroso é o discurso do eu, “de alguém que fala de si mesmo, amorosamente, diante de outro (o objeto amado) [...]” (2018, p. 15). Não fosse “Imre”, seria Zsolt, Elek, Kalman, László, István etc., contanto que “elegível” para satisfazer o imaginário amoroso de Oswald.

Oswald, pois, procura suplantar o “pouco saber” decorrente da instância narrativa utilizada, lançando mão de inteligência aguçada e de diversos conhecimentos adquiridos vida afora – aliados a certo “jogo de cintura” – para nos *explicar* Imre, e em consequência a si mesmo.

A princípio, pouco se sabe de “Oswald”. Sujeito na casa dos trinta anos, trata-se de personagem inteligente e um tanto desencantado dos relacionamentos, uma vez que alega que “neste mundo, [...] a maior parte de nós deve satisfazer-se com muito menos do que recebemos”, por conta de trocas interpessoais “com muita frequência desiguais” (STEVENSON, 1906, p. 65). Afirmar ele, também, ter-se afastado de sua terra natal, para quem já era praticamente um estranho, entregando-se a perambulações, “quase sempre sozinho”, pela “Europa Central e pelo Próximo Oriente” (STEVENSON, 1906, p. 65), tendo, em consequência, vivenciado realidades as mais diversas.

Oswald, logo que conhece Imre, num café de Budapeste, adota posição de arguto observador, atentando-se à linguagem corporal, às expressões faciais e aos enunciados de Imre, numa chave francamente analítica e psicologizante. Afirmar, em determinada passagem, tratar-se o romance de um “guia para a topografia emocional de Imre” (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 61), verdadeiro “diagnóstico” do personagem³⁰, e sua habilidade em observar e psicoanalisar o jovem tenente – derivando informações úteis ao seu projeto de aproximação dele – justifica, em larga medida, a lógica de personagem “cerebral” a ele atribuída.

Assim sendo, esse dado da caracterização do personagem narrador, aliado ao fato de ter-se ele apaixonado pelo rapaz, resulta num romance tensionado entre a extrema cerebralidade de Oswald e sua paixão, avassaladora, pelo belo militar húngaro. Logo, por trás de tamanhos pensamento e elaboração, subsiste camada passional, entregue ao inefável, disposta a exercitar o superávit de vida, que é o amor, sem genuflexão às amarras sociais de seu tempo. Era – como ainda é! – necessário ter coragem.

Por conseguinte, ao longo de *Imre*, é possível identificar a presença de diversas “figuras” pertencentes ao discurso amoroso, conforme nos ensina Roland Barthes, em seu *Fragmentos do discurso amoroso*. O “eu-Oswald”, assim, configura-se na “pessoa fundamental” do discurso amoroso, falando ele, ao longo do romance, “de si mesmo, amorosamente, diante de outro (o objeto amado) [...]” (2018, p. 15). Acreditamos, nesse sentido, que *Imre* é um romance sobre Oswald, e de como *ele* reagiu ao contato com o jovem – texto literário a abordar a forma como *sua* vida psíquica reagiu à chegada de Imre von N.

30 Denuncia-se, com isso, o viés medicalizante a permear o romance, pois *Imre* absorve a “tendência à análise, ao diagnóstico, à dissecação, e a servir fatias de vida com a mesma objetividade de um médico na formulação de relatórios”, postura típica do realismo norte-americano de fins do século XIX (GIFFORD, 1995, p. 110). Oswald, nesse sentido, emprega amplamente linguagem psicologizante.

Assim, buscando dar sentido a Imre, investigando-lhe os recônditos da psicologia e do desejo, retratando miudamente os gostos, o contexto familiar, as reações, os enunciados, a linguagem corporal, a convivência com ele etc., Oswald fez, nesse processo, uma série de escolhas, na elaboração do todo narrativo, definidoras de si, afinal³¹.

Não por acaso, no decorrer da narrativa, o enamorado personagem narrador, titular do discurso amoroso – emprestando-se, aqui, alguns dizeres de Roland Barthes –, “não para de correr dentro de sua própria cabeça”, debatendo-se num “esporte meio louco” na tentativa de obter resposta à pergunta: ó Imre, quem és tu? Para compreender o rapaz, logo, Oswald “desgasta-se como o atleta” (BARTHES, 2018, p. 15-16), mobilizando muito de si – sua cerebralidade, seu cabedal cultural, suas vivências anteriores etc. – a fim de “empreender caminhos” os quais, ao fim e ao cabo, lhe garantiram a entrada na intimidade do belo tenente.

O herói narrador de *Imre*, desse modo, “recorre à reserva (ao tesouro?) de figuras, de acordo com as carências, as injunções ou os prazeres de seu imaginário” (BARTHES, 2018, p. 18) – o jovem, com efeito, suprimindo (e transbordando) o ideal postulado por Oswald em termos de aparência, personalidade, masculinidade: Imre é, em resumo, seu “Tipo” (com inicial em maiúsculo, p. 83, *Imre*). As figuras “Arrebatamento”, “Carta”, “Cena”, “Chorar” e “Contingências”, pois, integram, segundo nosso entendimento, parte da “economia significativa do sujeito apaixonado” (BARTHES, 2018, p. 17) – no caso em análise, *Oswald* –, colocando, assim, a narrativa em movimento, razão pela qual, com muita pertinência, Roland Barthes confere a elas valor “estrutural” (2018, p. 15).

Logo, *arrebatado*, Oswald é sugado pelo magnetismo “irresistível” de Imre. Oswald *enamora-se*, e o herói narrador que se apresenta diante de nós é um sujeito “sacudido, eletrizado, revirado”, “preso no visco” (BARTHES, 2018, p. 45-46) do tenente húngaro³². O rapaz, “imóvel (como uma imagem)”, “não quer nada, não faz nada” (BARTHES, 2018, p. 45) apenas senta-se, endossando seu elegante uniforme militar, para despretensiosamente tomar um café. Postura

31 Logo, sua caracterização dá-se, *a priori*, de maneira indireta, pois somos apresentados a ele enquanto personagem de ficção à medida que ele mesmo seleciona, no amplo escopo de traços da individualidade de Imre e dos momentos vividos com ele, aqueles que reputa os mais relevantes a serem lembrados. Além disso, ainda que apaixonado por Imre, Oswald sustenta postura analítica e racional no processo de investigação do rapaz – projeto, este, ao qual se dedica, com intensidade, *já* no tempo da diegese. Sendo assim, em decorrência da técnica narrativa selecionada e da instância narrativa mencionada supra, ao longo de toda a obra observam-se “marcas” de certo distanciamento entre o tempo diegético e o tempo narrativo – evidências, portanto, da transposição do conteúdo da experiência vivida para o âmbito do discurso narrativo. De fato, “toda narrativa se constrói por meio de múltiplas relações entre duas séries temporais: o tempo [...] da história contada e [...] o tempo de sua narração” (REUTER, 1997, p. 88) – fenômeno relevante para o entendimento de Oswald, na medida em que o “cavamento” temporal entre o *eu narrado* e o *eu narrador* implica um trabalho de *seleção*, série de escolhas que não são desinteressadas. Ao compor suas memórias e ao narrar os acontecimentos vividos em torno do relacionamento amoroso com Imre, o personagem narrador registrou fatos e eventos que, a *seu* juízo, melhor caracterizam Imre e mais precisamente expressam a evolução do relacionamento com o rapaz.

32 Notemos que o personagem de ficção húngaro surge no romance já em seus paratextos essenciais. No bojo da narrativa, Imre aparece no segundo parágrafo.

passiva, curiosamente ativa, suficiente para “fisgar” Oswald – uma encarnação, portanto, da versão moderna do mito das Sabinas, no qual as figuras de sujeito e objeto do ato do rapto amoroso confundem-se³³ (BARTHES, 2018, p. 45-46).

Nesse sentido, a voz, o sotaque e o olhar atraente de Imre von N. “tocam bruscamente” os sentidos de Oswald, e o narrador “devora-o com os olhos”. Consagrando-se raptado, afirma ele:

Eu tive uma rápida e geral impressão de que meu vizinho de mesa era de beleza física e de elegância de porte **extraordinárias**, mesmo numa terra onde tais questões são detalhes comuns da personalidade. [...] Alguns lugares-comuns se seguiram entre nós [...], cada interlocutor [...] buscando uma espécie de relato involuntário do outro. [...] Quanto a mim, **a indiferença ao mundo** em geral e ao meu entorno em particular **dissipou-se e foi esquecida, meu humor descontente e egoísta sumiu no limbo [...]** sob efeito do charme daquele sotaque musical, e na franca luz solar daqueles olhos masculinos e límpidos. (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 36, grifos nossos)³⁴

Hipnotizado, Oswald constrói, no romance, retrato minudente do rapaz, especialmente ao longo do primeiro capítulo, “Máscaras”, tratando, por exemplo, de sua insatisfação profissional, seus interesses musicais, seu contexto familiar, sua caligrafia, suas dívidas, classe social, círculo de amizades, repertório cultural, porte físico, afinidades políticas, habilidades atléticas, competências musicais etc. etc. – “o jovem tenente”, em suma, “é descrito longamente” (GIFFORD, 2003, p. 113)³⁵.

Um excerto, em especial, auxilia-nos a ilustrar esse dado essencial à compreensão de Oswald enquanto personagem de ficção – seu núcleo emocional *aficionado* por Imre, “sentimento amoroso” fulcral do personagem narrador. Após entusiasmada descrição de atributos físicos do colosso – o “maquinário” por trás de tamanha força física, a maravilha de desenvolvimento muscular, a elegância do porte, a virilidade do semblante... –, a paixão do viajante inglês atinge um ápice.

Vejamos.

Aqueles olhos castanhos lustrosos, com a parte branca tão clara ao redor das pupilas [...]! Parece-me, agora, que meu olhar encontra o deles. Eu deixo minha caneta de lado por um instante e, repentinamente, **meus olhos ficam turvos**. E por quê? **Lágrimas** devem surgir de uma dor viva, e não de uma viva alegria! (STEVENSON, 1906, p. 52, grifos nossos)³⁶

33 Instância, precária também, do rapto de Ganimedes.

34 I had a swift, general impression that my neighbor was of no ordinary beauty of physique and elegance of bearing, even in a land where such matters are normal details of personality. [...] A few common-places followed between us, [...] each interlocutor [...] taking a sort of involuntary account of the other. [...] As for myself, indifference to the world in general and to my surroundings in particular, dissipated and were forgotten, my disgruntled and egotistical humor went to the limbo [...] under the charm of that musical accent, and in the frank sunlight of those manly, limpid eyes.

35 Não obstante, especial interesse recai sobre as características psicológicas de Imre, apontando-se para o caráter ingênuo e por vezes paradoxal dele.

36 Those lustrous hazel eyes, with the white so clear around the pupils [...]! It seems to me that now, **as I write**, I meet their look. **I lay down my pen** for an instant as my own eyes suddenly blur. Yet why? We should find tears rising for a living grief, not a living joy!

O trecho acima, assim, tem o condão de atestar o efeito fulminante exercido por Imre sobre os sentimentos de Oswald, da efetiva excitação deste. Dando de ombros à “censura que mantém o adulto longe das lágrimas e pela qual o homem pensa afirmar sua virilidade”, Oswald reconstitui, no momento da escrita de suas memórias, o “trauma” (leia-se, “ferida amorosa”) decorrente do encontro, repentino, daquilo que “vai ao encontro do seu desejo”, numa espécie de “espanto” diante da sorte (BARTHES, 2018, p. 75; 51) de encontrar Imre – verdadeiro apogeu da glória masculina.

Logo, o “eu que tem lágrimas nos olhos”, em *Imre*, é um “eu” arrebatado, removido das esferas medíocres do cotidiano para ser alçado, num golpe apenas, “aos colmos olímpicos da extasia amorosa”³⁷. Saído de um estado crepuscular – “Não que eu estivesse em disposição atrabiliária; mas certamente entorpecido, e preocupado com assuntos incômodos pendentes, em Viena” (p. 35) –, Oswald encontrava-se, como todo sujeito apaixonado, antes do êxtase, “de certa forma vazio, disponível, propício sem o saber ao rapto que vai surpreendê-lo” (BARTHES, 2018, p. 47).

É, portanto, no universo mental e emocional *dessa* personagem de ficção que nos instalamos ao folhear *Imre: A Memorandum*. Nós, leitores, instalamo-nos na interioridade de Oswald, desvelando-se, perante nossos olhos, os movimentos da vida psíquica de um personagem complexo, fora de esquemas preconcebidos, a reproduzir anseios e questionamentos próprios da condição humana – em especial, aquela do sujeito apaixonado.

Mirando todo seu aparato cognitivo, sua argúcia e sua erudição na direção do jovem, Oswald converte-se em alvo, acerta em si mesmo e desse modo garante, no jogo de forças narrativas, posição de protagonismo igual à do personagem-título. Em seu “desmontar de relojoaria”, o narrador dissecar o universo psicológico do herói, empreendendo seus melhores esforços – sua *fine mind*, como diria Henry James – na decifração do “Mistério Imre”. Nessa trajetória, dá-nos a conhecer a si mesmo, sua personalidade, seu repertório cultural e o conhecimento de mundo adquirido, predominando, aliás, concepções de origem livresca – sejam oriundas da seara (então) incipiente da psiquiatria, sejam da literatura, em especial a grega antiga (mais sobre isso, no terceiro capítulo).

Procuraremos demonstrar, por meio da sequência seguinte, a lógica articulada, observadora e inteligente de Oswald na consecução de seu objetivo, qual seja, desvendar a intimidade de Imre von N. e nela penetrar. Ainda no primeiro encontro, tece comentário ao dar-se conta da popularidade do tenente, cumprimentado e benquisto por um sem-número de locais, enquanto tomavam café naquela tarde ensolarada. Um simples comentário gera reação inesperada da parte de Imre.

Prossigamos à leitura do excerto.

37 Como afirmou, em sede de julgamento da ADI 4277, do STF, em 2011, o eminente Ministro Ayres Britto.

I MÁSCARAS

[...]

“Você tem muitos e excelentes amigos no mundo, eu percebo”, disse eu.

Pela primeira vez, naquele dia, desde que um tópico ou outro fora levantado, algo como escárnio – ou petulância zombeteira – atravessou o rosto dele.

“[...] Eu tenho muitos conhecidos, [...] – homens que eu vejo com frequência, e de bom grado. Mas amigos? Oras, tenho o menor número possível! [...] E, a propósito, acabei de perder, por assim dizer, um de meus amigos. Um dos poucos. Um amigo que saiu de minha vida de uma vez, azaradamente. **Foi um verdadeiro golpe no meu coração** [...]”

“Eu infiro que seu amigo não está **morto**?”

“**Morto?** Não, não, não é isso!” Ele riu. “Mas, no que diz respeito a mim, ele bem que poderia estar morto. [...] Nós estivemos constantemente juntos, dia após dia. Nossos gostos eram precisamente os mesmos. [...] Ele é o tipo de homem de quem não se cansa nunca. Todos gostam dele! Nunca conheci um caráter mais agradável, ninguém igual a ele, que poderia ter tanta importância na minha vida. E, além disso”, ele continuou, em um tom mais sério, “ele é o tipo capaz de exercer justamente as influências que são boas para mim. Isso eu sei. Um homem de resolução férrea, força de vontade, energias. Nada o impede, uma vez que vê algo que vale a pena ser feito, que deve ser feito. De modo algum um sonhador, tampouco mórbido – e assim por diante”.

“Bem”, disse eu, tocado e **entretido por sua ingenuidade**, “e o que aconteceu?”

“Oh, **ele se casou** no mês passado, e foi despachado para a China, por tempo indefinido [...] Pode ser que não volte por muitos anos, muito provavelmente nunca”.

“**Duas aflições de uma vez**, de fato”, eu disse, rindo um pouco, ele se juntando pesarosamente. “**E eu poderia saber qual delas lhe está causando maior sofrimento?**”

“O quê? Não entendi. Ah, a parte do **casamento**? Minha nossa, não! Nada do tipo! Eu estou encantado que isso tenha ocorrido a ele. Sua noiva acompanhou-o a Hong Kong [...] Eles são a combinação exemplar: o **casal mais bonito** que você jamais poderia conhecer.”

“Ah, e **seu amigo é de extraordinária boa aparência?**” Ele olhou para a acácia ao outro lado, como se não tivesse escutado minha pergunta **descuidada**, ou como se estivesse momentaneamente distraído. Eu estava prestes a fazer alguma outra observação, quando ele respondeu, de forma estranha, vaga. “Perdoe-me! Oh, sim, deusas – meu amigo é de um **físico excepcional**. [...] – ele se parece de forma surpreendente àquela estátua – aquela grega – Praxíteles, não é?”

“Cumprimento-o pelo entusiasmo por seu amigo. Evidentemente um dos ‘verdadeiros’”, eu disse. **Pois eu ficara muito sobressaltado pela franca evidência da presença de um traço que traz a seu possessor, por vezes, a mesma quantidade de melancolia quanto de felicidade.** “Entendi que essa separação significou bastante para você”.

Ele se virou para mim. Era como se se tivesse esquecido de que eu era um estranho. Ele jogou a cabeça para trás, levemente, e arregalou aqueles olhos inesquecíveis – olhos que estavam, por um instante, sombrios e nervosos.

“Significou muito? Ah, ah, muito mesmo! Ouso dizer que você pode achar estranho, mas nunca – nunca – algo me afetou tanto assim! **Eu não pude acreditar que algo desse tipo pudesse me aborrecer tanto!** [...]”³⁸. (PRIME-STEVENSON, 1906, pp. 40-42, grifos nossos).

I MASKS

[...]

“You have plenty of excellent friends in the world, I perceive”, said I.

For the first time, that day, since one or another topic had occurred, something like scorn – or mocking petulance – came across his face.

“[...] I have acquaintances [...] – men that I see a good deal of, and willingly. But friends? Why, I have the fewest possible! [...] And, as it chances, I have just lost, so to say, one of my friends. One of the few of them. One who has all at once gone quite out of my life, as ill-luck would have it. It has given me a downright stroke at my heart. [...]”

“I infer that your friend is not dead?”

“Dead? No, no, not that!” He laughed. “But, all thing concerned, he might as well be dead – for me. [...] We have been constantly together, day in, day out. Our tastes are

Conforme observamos da leitura, estamos diante de sequência composta por diálogos a reproduzir parte da longa conversa empreendida pelos personagens durante seu primeiro encontro. Um comentário de Oswald, “quicá” despretenso, leva Imre a expor, de forma praticamente gratuita, o sofrimento decorrente da perda do vínculo com Miklos Karvaly. Entrevemos, na separação (decorrente de questões profissionais, mas *também* do matrimônio daquele), ruptura nas expectativas do rapaz, frustrado que se mostra com a ausência, em sua vida, de sujeito admirável por seu carisma, fibra e caráter resoluto – “exatamente as influências que são boas para mim”, consoante analisa.

Além disso, o excerto coloca-nos diante de um personagem narrador articulado, que nos narra o quanto ficou instigado diante do desabafo passional acerca da amizade de Imre com o tal colega de farda. A “confidencialidade abrupta” do relato e o perceptível valor sentimental do episódio acendem alerta em Oswald, que coloca em funcionamento sua mente arguta para, seguidamente, realizar apontamentos irônicos e provocativos. Insiste, por exemplo, em incluir o matrimônio no “rol de ofensas”, bem como induz Imre, a certa altura, a comentar os atributos físicos de Karvaly – obtendo, como resposta, nada mais, nada menos do que referência na qual se compara o visual do ausente à estatuária grega “que epitomiza a beleza ideal” (GIFFORD, 2003, p. 42) – algo por certo invulgar.

precisely the same. [...] He is the sort of men one never tires of. Everyone likes him! I never knew a finer character, not anyone quite his equal, who could count for as much in my own life. And then, besides”, he continued, in an a more earnest tone, “he is the type to exert on such a fellow as I happen to be exactly the influences that are good for me. That I know. A man of iron resolution, strong will, energies. Nothing stops him, once he sees what is worth doing, what must be done. Not at all a dreamer, not morbid – and so on”.

“Well”, said I, both touched and amused by his naïveté, “and what happened?”

“Oh, he was married last month, and ordered to China for time indefinite [...] He cannot possibly return for many years, quite likely never.”

“Two afflictions at once, indeed,” I said, laughing a little, he joining ruefully. “And might I know under which one of them you [...] are suffering most? [...]”

“What? I don’t understand. Ah, you mean the marriage part of it? Dear me, no! Nothing of the sort! I am only too delighted that is has come about for him. His bride has gone out to Hong Kong with him [...] They are the model of a match: the handsomest couple that you could ever meet.”

“Ah, is your friend of uncommon good looks?” He glanced across at the acacia tree opposite, as if not having heard my careless question, or else as if momentarily abstracted. I was about to make some other remark, when he replied, in an odd, vaguely-directed accent. “I beg your pardon! Oh, yes, indeed – my friend is of exceptional physique. [...] – he looks so astonishingly like that statue – the one by the Greek – Praxiteles, isn’t it? [...]”

“I beg to compliment you on your enthusiasm for your friend. Plainly one of the ‘real ones’ indeed”, I said. For I was not a little stirred by this frank evidence of a trait that sometimes brings to its possessor about as much melancholy as it does happiness. “[...] I can understand that this separation means much to you”.

He turned full upon me. It was as if he forgot wholly that I was a stranger. He threw back his head slightly and opened wide those unforgettable eyes – eyes that were, for the instant, somber troubled ones.

“Means much? Ah, ah, so very much! I daresay you think it odd, but I have never had anything – never – work upon me so! I couldn’t have believed that such a thing could so upset me [...]”.

Note-se que, já no tempo da diegese, deparamo-nos com personagem hábil, capaz de conduzir Imre, mediante enunciados provocativos, a determinados caminhos; colocando-se sempre atento à linguagem corporal e às expressões faciais do rapaz – seu silêncio pensativo, seus olhares vazios –, *interpreta* o comportamento físico e os enunciados dele, num esforço, pois, voltado à superação da *não onisciência* decorrente da instância narrativa empregada.

Consciente de que, porventura, suas perguntas possam ser inconsequentes, Oswald ousa mesmo assim (“Ele olhou para a acácia ao outro lado, como se não tivesse escutado minha pergunta *descuidada*”), participando, ademais, de um ambiente *monitorado* de espirituosa e sagaz zombaria (“banter”). Enfim, colocando-se sempre um passo à frente de Imre, manipula-o e, ao fim e ao cabo, obtém as informações desejadas de maneira aparentemente desinteressada, aproveitando-se da ingenuidade e da abertura do tenente para derivar dados úteis a seu ambicioso projeto interpretativo.

Em suma, portanto, a exposição calorosa do episódio e o elogio, também caloroso, a Karvaly Miklos levam o personagem narrador a refletir consigo mesmo, num comentário cifrado e não pronunciado, acerca da potencial presença, em Imre, de um “traço que traz a seu possessor, por vezes, a mesma quantidade de melancolia quanto de felicidade”... Oswald entrevê, pois, a possibilidade de ter no tenente húngaro um seu igual, passando a questionar-se acerca da natureza do desejo de Imre, denunciando, ao leitor atento, dado de sua caracterização seminal à compreensão do romance: sua homossexualidade. Provocando Imre e usando de ardis para manipulá-lo, Oswald mostra-se personagem articulado, cuja inteligência e petulância, até certa medida, auxiliam-no a superar a limitação decorrente da instância narrativa empregada.

Em consequência, após o que poderíamos chamar de “Episódio Karvaly”, as preocupações analíticas de Oswald – com frequência, voltadas à “constituição emocional” do jovem, sua psicologia, conforme explicitado acima – direcionam-se à sexualidade de Imre, deflagrando-se, em especial ao final do primeiro capítulo, processo mais consciente e organizado de reflexão acerca das preferências sexuais dele. Ora lançando mão de provocações sutis, mas efetivas; ora efetuando suas tantas análises, Oswald permite-se inferir acerca da possibilidade de o tenente ser, também ele, um homossexual – com consequente excitação nos movimentos de sua vida psíquica.

Desta feita, o episódio destacado acima tem a capacidade de iluminar o conjunto da obra e de demonstrar a lógica de personagem de Oswald na medida em que comprova 1) a *postura analítica* assumida por ele em relação a Imre, havendo, segundo o narrador, grande trânsito e motivação entre superfície (expressões faciais, linguagem corporal) e interioridade (movimentos psíquicos), manifestando inclusive uma visão sistêmica do rapaz; bem como 2) o estabelecimento, por parte de Oswald, de um ambiente de *manipulação*, em que apontamentos “despretensiosos” e atrevidos induzem Imre a certos caminhos, retirando-se dele informações úteis ao projeto do autoexilado britânico.

Articulados, o veneno da análise e a habilidade manipulativa revelam um ser fictício marcado pela “cerebralidade”, dado tão essencial à compreensão de Oswald-personagem quanto o fato de estar ele apaixonado por Imre. Com frequência, na busca por respostas, o cerebral narrador recorre à concertação sistematizante conferida a Imre, *interpretando* os sinais apresentados por ele. Logo, a dinâmica acima descrita, pautada pelo intelecto do narrador – sua postura analítica e sua habilidade em manipular Imre – faz-se presente em diversos momentos da narrativa, demonstrando, afinal, a lógica do personagem Oswald.

2.2. A Paixão suplanta a Razão

No decorrer do romance, e no afã demonstrado por Oswald ao interpretar Imre, o britânico resvala num aspecto da individualidade do militar resistente à decifração – é, precisamente, na questão da sexualidade que sua argúcia não se realiza por inteiro. De fato, “existem elementos na construção de Imre que desafiam uma classificação sexual fácil [...] e as tentativas de categorizá-lo deixam o narrador desconcertado” (GIFFORD, p. 114).

Os sinais inconclusivos do rapaz e sua postura suspeitosa em relação ao “Episódio Karvaly” – bem como seu interesse bastante caído pelo feminino – fazem com que persista, na mente do narrador, “uma suprema corrente subterrânea de questionamento e dúvida” (p. 63). Quais segredos residiriam, afinal, nas profundezas, no “epicentro do ser” daquele verdadeiro portento da forma física e do aparato mental? Atônito, recorda o narrador: “Eu não conseguia determinar!”.

Estabelecer, portanto, se Imre era homossexual ou *não* era medida essencial ao projeto de Oswald, conforme ele nos confessa no excerto abaixo. O narrador aduz, então, que as memórias ali depositadas em torno de sua história com o jovem, e todo o trabalho por ele empreendido de coligi-las, de nada serviriam se, justamente, não fosse levantada questão acerca da sexualidade do tenente:

Eu estaria desviando-me do caminho da **mais direta verdade, que almejo para estas páginas, se não lançasse no papel**, logo e com franqueza, *aquela* questão, junto às demais. Ela *deve* ser escrita; ou que seja este relato destruído agora e aqui! (STEVENSON, 1906, p. 63, grifos nossos)³⁹

Logo, somente após o acúmulo de elementos habilmente angariados por Oswald, e da análise deles segunda sua visão sistêmica do rapaz, é que finalmente se verbaliza a preocupação *maior* do herói narrador: será Imre um homossexual? Afeito a convicções, todavia incerto acerca da natureza do desejo de Imre, mordido pela suspeita e assombrado de incerteza, Oswald depara-se

³⁹ I should find myself turning aside from the path of **straightest truth which I would hold to these pages, if I did not find *that* question written** down early and frankly here, with the rest. It *must* be written; or be this record broken now and here!

com a insuficiência de toda sua “cerebralidade” na determinação daquele elemento cabal do tenente húngaro.

Curiosamente, será somente no segundo capítulo, “Máscaras – e uma Face”⁴⁰, que, em momento de extraordinária passionalidade, Oswald abandona a razão – seu indefectível compasso até então – e vê-se tomado pela emoção, em reação à aparente indiferença de Imre diante da iminente (e potencialmente definitiva) separação *física* de ambos: o herói narrador, em síntese, “faz uma cena”, a partir de uma “diferença” (BARTHES, 2018, p. 72) surgida entre ele e Imre. A assunção dessa nova postura, de rara impulsividade – em contraponto ao monitoramento até então vigente –, permite que a trama se encaminhe, abrindo caminho para o “mútuo reconhecimento”, conforme analisa John Crowley, dos personagens enquanto homossexuais masculinos.

Oswald, pouco antes de encontrar Imre para um casual passeio vespertino, depara-se com correspondência alarmando-o da necessidade urgente de sua presença na Inglaterra – contingência, “acontecimento que vem dificultar a ambição de felicidade do sujeito apaixonado, como se o acaso intrigasse contra ele” (BARTHES, 2018, p. 103). A inesperada notícia de sua partida e a consequente separação, por tempo indeterminado, surpreendem Oswald negativamente, pesando deveras em seu espírito – “atraindo”, pois, “toda a sua linguagem”, como diria Barthes. Após transmitir a notícia a Imre, segue-se troca de réplicas entre os personagens.

Analisemos, pois, trecho ilustrativo.

Precisavam de mim em Londres dentro de quatro dias! Eu preciso partir em menos de vinte e quatro horas! [...] Em todo caso, um retorno à Hungria em menos de doze meses era algo impensado no momento. [...] Surpreendente o **quão pesaroso eu fiquei enquanto passava os olhos pela comunicação** [...] Pesaroso? Sim, miseravelmente pesaroso! [...]

Pois então, **estaria meu humor acinzentado somente pela necessidade de apertar a mão de Imre bom N. e dizer, “A viszonlátásra!”** [até logo, em húngaro], ou mais sensatamente, dizer-lhe “Adeus”? **Era esse o verdadeiro peso em meu peito? Talvez sim.**

Imre estava no bonde, alegre.

“Nós teremos uma bela tarde, meu querido amigo, bela!” ele começou. “Que diabos é o problema com você?! Parece que perdeu a alma!”

Em poucas palavras eu lhe contei acerca da convocação setentrional. [...]

Por um instante seu olhar ficou quase que dolorosamente sério. Então, ele mudou para um **espanto admirado**. “Bem. Coisas repentinas acontecem ao mesmo tempo! [...] Preciso acordar ao amanhecer e sair correndo [...] para o Acampamento de Verão em P. E devo ficar lá por cinco, seis, dez dias mortíferos [...]. Não impressiona que tenhamos tido um tempo tão bom juntos! Bonito demais para durar!” [...] “Oh, vamos lá”, ele [Imre] começou, “ainda que eu caia da cama ao amanhecer, amanhã [...] e que você vá na direção contrária, de tarde, para a Inglaterra – **oras, o que de mais há nisso?! [...]**

E, a partir das primeiras palavras e do comportamento com que Imre recebera a **notícia que tão cruelmente predava meu espírito, eu fiquei** – devo dizer **ressentido?** – pelo que parecia **indiferença** da parte dele; não, mais: por seu completo **desprendimento** [...] **Uma irritação raivosa cresceu, quente, em mim**, de uma vez, junto a um crescente amargor no coração. É edificante observar quais sucessivas e puras estupidezes um homem praticará sob tais circunstâncias – edificantes e deploráveis! [...] Senti que teria sido melhor

40 Note-se que os títulos de cada capítulo acompanham a gradativa aproximação dos personagens, rumo à revelação: 1) Máscaras; 2) Máscaras – e uma Face; 3) Faces—Corações—Almas.

ficar em casa, iniciando minha preparação rumo a Londres [...]”⁴¹ (STEVENSON, 1906, p. 69-75)

Confrontado com a informação acerca do premente afastamento, Imre apresenta a Oswald conduta que, segundo analisa o narrador, manifesta indiferença (*indifference*) e desprendimento (*nonchalance*) – não retribuição *ultrajante* daquele que, até então, vinha ocupando tamanho espaço em suas preocupações. Conforme observamos na sequência acima, existe um “diferencial de energia” das personagens diante do ato da partida, “eletalizando-se” a interação entre elas. A *cena* criada pelo inglês, de teor doméstico, é abastecida e *posta em movimento* pelo “desequilíbrio” valorativo conferido ao afastamento – fato doloroso “que um afirma e o outro nega” (BARTHES, 2018, p. 72).

Tomado de sentimentos negativos que o desviam, conscientemente, do âmbito da *razão* para aquele da pura *bile*, Oswald prenuncia: “que sucessivas e absolutas idiotices um homem perpetrará sob tais circunstâncias!”. Nomeando de “idiotice” a iniciativa que se seguirá, de sua parte, o ressentimento culmina, conforme aduzimos, na suplantação do intelecto pela paixão. O cálculo e a meticulosidade obcecada até então empreendidos na aproximação e no *crescendo* de sua amizade com Imre caem por terra numa explosão, decorrente do acúmulo de vapores raivosos: tu não tens sentimentos, ó Imre? Não serei eu nada, para ti, perante assaz dolorosa partida?!⁴²

41

I was wanted in London within four days! I must start within less than twenty-four hours! [...] In any case, a return to Hungary under less than a full twelvemonth was not now to be thought of. [...] Astonishing was it how heavy-hearted I had become in the course of glancing through that communication [...]. Heavy-hearted? Yes, miserably heavy-hearted! [...]

Well then, was my gray humor just because I was under the need of shaking hands with Imre von N. and saying, “*A vizontlátásra!*” or more sensibly, saying to him “Good-Bye”? Was *that* the real weight in my breast? [...] Perhaps so.

Imre was in the tram, and in high spirits.

“We shall have a beautiful afternoon, my dear fellow, beautiful!” he began. “What the mischief is the matter with you? You look as if you had lost your soul!”

In a few words I told him of my summons North. [...]

For an instant his look was almost painfully serious. Then it changed to an amused bewilderment. “Well. Sudden things come by twos! [...] I have to get up at dawn, to rush my legs off! For, about noon I go out [...] to the Summer Camp at P. And I must stay there five, six, ten mortal days [...]. No wonder we have had a fine time of it together! Too beautiful to last!” [...] “Oh come, come”, he [Imre] began, “even if it is I routing out of bed by sunrise tomorrow, [...] and you go spinning along in the afternoon to England – why, what of it!” [...]

And, from the very first words and demeanor with which Imre had received the announcement that so cruelly preyed on my spirits, I was – shall I say piqued? – by what seemed to be his indifference; nay more, by his complete nonchalance [...] Angry irritation waxed hot in me all at once, along with increasing bitterness of heart. It is edifying to observe what successive and sheer stupidities a man will perpetrate under such circumstances – edifying and pitiable! [...] I felt that I would better have stayed at home, to start my packing-up for London. [...]

42 Em outras palavras, na réplica de Oswald à aparente indiferença de Imre existe “um suplemento de protesto [...] [que] não é outra coisa senão o grito de Narciso: *E eu! E eu!*” (BARTHES, 2018, p. 73).

Caracteriza-se, assim, certa vitimização de Oswald, manipulação (mais uma vez) efetuada, desta vez, mais pelo viés da chantagem emocional do que pelo da artimanha cerebral ardilosa. Note-se, aliás, que não deixa de conter certa ironia o fato de que uma irrupção colérica de Oswald sirva, afinal, ao avanço da trama, criando-se o ambiente necessário para a angustiada confissão, em torno da questão da homossexualidade de ambos e do interesse de Oswald pelo seu interlocutor.

Vejamos, pois.

“Mas eu começo a acreditar que seu coração não se agita verdadeiramente, calorosamente, conforme... conforme eu suponha. Ao menos, **não por mim**. Possivelmente por ninguém, meu querido N.! [...] Você é um sujeito estranho, Imre. Tamanha lista de contradições!” [...] Eu suspirei [...].

“Oh, coragem, coragem, meu amado amigo!”, exclamou Imre, ouvindo meu suspiro e aparentemente lendo mal meus pensamentos mais profundos. “Não fique desanimado por deixar Szent-Istvánhely amanhã [...]”.

Eu não fiz nenhum comentário. Seria esse Imre von N.? Certamente eu havia conhecido um novo e extremamente antipático Imre [...]. Todos os seus amigos mais próximos conheceriam, mais cedo ou mais tarde, tamanha grosseria? [...] **O amargor varreu-me como uma onda**, subindo aos meus lábios como que numa **explosão**.

“É bom que um de nós mostre algum sentimento, um pouco que seja, quando nossa separação está tão próxima” [...] “**Você não tem sentimentos?** Eu não os percebi até agora! Serão amigos que amam e valorizam você válidos por apenas um dia? Não terão eles individualidade para você? Seu coração não é tão difícil de agradar quanto o meu; nem tão difícil de ocupar”.

“Escute, meu caro amigo. Nós não devemos esperar muito um do outro neste mundo, devemos? Não seja tolo. Você sabe bem que uma das últimas coisas que eu penso de nossa amizade é que ela seja ‘válida por um dia’ [...] Ora, Oswald, você *me* entende – o verdadeiro *eu*! [...]”. Ele continuou. “Uma coisa. Você parece esquecer-se às vezes de que eu sou homem, assim que você também é homem. Nenhum de nós – uma mulher. [...] **Nossa amizade deve ser a amizade do modo que o mundo de hoje aceita a amizade!** Sim, como o faz o mundo de hoje. O que mais poderia ser hoje: amizade? O que mais – *hoje*?⁴³ (STEVENSON, 1906, p. 77-82)

But I begin to believe that your heart does not so easily stir really, warmly as... as I supposed. At least, not for me. Possibly for nobody, my dear N.! [...] You are a strange fellow, Imre. Such a row of contradictions!” [...] I sighed. [...]

“Oh, courage, courage, my well beloved friend!” exclaimed Imre, hearing the sigh and apparently quite misreading my innermost thoughts. “Don’t be downhearted again as to leaving Szent-Istvánhely tomorrow [...]”.

I vouchsafed no comment. Could this be Imre von N.? Certainly I had made acquaintance of a new and extremely uncongenial Imre [...]. Did all his closer friends meet, sooner or later, this brusqueness? [...] Bitterness came over me in a wave, it rose to my lips as a burst.

“It is just as well that one of us should show some feeling, a trifle, when our parting is so near”. [...] “Have you any sentiments [...]? I’ve not remarked them so far! Are friends that love you and value you only worth their day with you? Have they no real, lasting individuality for you? Your heart is not so difficult to please as mine; nor so difficult to occupy”.

“Listen, my dear friend. We must not expect too much of one another in this world, must we? Don’t be foolish. You know well that one of the last things that I regard as ‘of a day’ is *our* friendship [...] Why, Oswald, you understand *me* – the real *me*! [...]”. He continued. “One thing. You seem to forget sometimes that I am a man, and that you too are a man. Not either of us a – woman. [...] Our friendship must be the friendship as the world today accepts friendship! Yes, as the world of our day does. God! What else could it be today: friendship? What else – *today*?

Ao contrário da Cena “exemplar” postulada por Roland Barthes, a qual não tem “sentido”, tão pouco “avança para um esclarecimento ou uma transformação”, no caso de *Imre* ela pode até, de fato, ter-se iniciado de maneira “luxuosa” ou “inconsequente”, da parte de Oswald (BARTHES, 2018, p. 74). No entanto, e em decorrência de seu ato de *pressão*, Imre replica, e o narrador conclui estarem eles, afinal, sintonizados, revelando-se, da parte do jovem, a existência de um sentimento especial por seu amigo. Inibido, Imre manifesta sentir inibição externa no exercício de seu desejo, reconhecendo a impossibilidade de viver uma história com Oswald diferente daquela aceita “pelo mundo de hoje” – elemento remissivo, aliás, ao contexto de produção da obra.

Com essa revelação, Oswald observa ter-se criado a oportunidade para, finalmente, expor a Imre seus sentimentos mais profundos: era sua oportunidade de “revelar um segredo, de respirar livre, de ser verdadeiro comigo mesmo” – sua hora havia chegado! O monólogo que se segue, portanto, constitui-se no final apoteótico da cena doméstica instituída pelo personagem narrador, oportunidade criada por ele mesmo, e por seu *pathos* ressentido, a fim de garantir-se-lhe a “última palavra”, isto é, “concluir”, dar um destino a tudo que se disse [...]” (BARTHES, 2018, p. 75).

Será, pois, ao final do segundo capítulo, quando os personagens chegam a um espaço isolado e, conseqüentemente, conveniente para confissões⁴⁴, que Oswald inicia um monólogo que durará cerca de trinta páginas, nas quais fala de sua história pregressa – monólogo que ele mesmo chama de “tenebroso retrospecto”, contendo informações essenciais à caracterização do herói narrador e a sua subjetivação enquanto homem homossexual.

A história de Oswald, logo, é uma história de “busca, de perda, de exílio” (FONE, 1986, p. 201). Quando ainda jovem, por volta dos dezessete anos, o personagem dera-se conta de sua “alteridade”, pois, apesar de masculino, cheio de “coragem e músculo”, manifestava ele admiração “fortemente física, sexual, bem como espiritual” por seu próprio sexo, algo não compartilhado pelos

44 Algo recorrente no imaginário literário homossexual, segundo Byrne Fone (1983, pp. 13; 20-23), é o recurso a espaços propícios à intimidade e à confissão, mediante o afastamento do convívio social e a ocupação de local afastado, longe do “barulho da sociedade”. O “ideal arcade” é empregado “para sugerir um lugar onde é seguro ser gay; onde homens gays podem ser livres do *status* de fora da lei que a sociedade nos confere, onde a homossexualidade pode ser revelada e exposta sem retaliação, e onde o amor homossexual pode ser consumado” (p. 13). O “ideal arcade”, desse modo, fez-se presente em *Imre*, uma vez que o monólogo realizado por Oswald, “clímax emocional do romance”, ocorre “num simbólico jardim arcade, um parque ancestral fora da cidade, o qual preenche o requerimento arcade de ser longe dos redutos dos homens”. (p. 21). Não bastasse, Oswald e Imre sentam-se diante de estatuária erigida em devoção a “dois soldados, Lorand e Egon. Um morreu vingando a morte do outro” – lembremo-nos, por exemplo, de Pátroclo, morto por sua *húbris*, para a desgraça de Aquiles e a resolução do cerco de Troia (a reação do Pelida, inclusive, dando origem a adaptações posteriores em que os heróis figuravam explicitamente como amantes, como é o caso de *Os Mirmídonas*, de Ésquilo). Ademais, “Oswald é inglês, Imre é húngaro”, e “o romance desenvolve-se na Hungria, terra misteriosa para padrões ianques, uma terra afastada, como diz Oswald, da opressiva moralidade anglo-saxã vigente na América” (p. 21). Desta feita, temos exemplos do uso simbólico do espaço romanesco, fazendo o autor com que o *espaço produza sentido* – em síntese, a confissão é feita em local afastado, em frente a uma estátua de dois amantes – ecoando Aquiles e Pátroclo, Harmódio e Aristógito, o Batalhão Sagrado de Tebas etc. –, durante a noite, na quase escuridão, concentrando-se, nesse acúmulo de elementos narrativos, muito do drama de necessário segredo e dificuldade de se vivenciar a relação homoerótica, representados ao longo do romance.

demais colegas de escola. Essa atração, verdadeira “ânsia física” por um “Tipo” tão masculino quanto ele próprio, era de difícil elaboração a um inexperiente Oswald, o qual, ante tal sentimento de inadequação, portara-se de maneira cada vez mais e mais tímida (p. 82-83).

Desencantado com a morte de seu primeiro (e intenso) amor, e às voltas com dificuldade de compreender a si mesmo – “eu não sabia como explicar nem sequer a mim mesmo [...] minha natureza” (p.83), Oswald calou-se, guardando para si, por anos, as verdadeiras coordenadas de seu “epicentro”. Transitando, com traquejo, pela boa sociedade, diligente nos estudos, urbano e insuspeitado, o britânico, já adulto, reconhecendo o “nojo, o escárnio e a risada” que a mera menção à homossexualidade suscitava, acabou por conformar-se e resignar-se: “Eu entendia perfeitamente que um homem deve usar a Máscara” se ele, afinal, não se encaixasse à ética sexual daquele tempo.

Em sua fase adulta, e ainda atribulado com sua sexualidade, o narrador tem a oportunidade de consultar-se com um renomado “especialista em doenças nervosas” norte-americano, de passagem pela Inglaterra. Para seu caso, conclui o experto, indica-se o matrimônio como forma de “cura”, e Oswald, na vã esperança de “sanear-se”, acaba flertando, sem muita convicção e por um breve período, com a ideia de casar-se a fim de “debandar” sua homossexualidade – crendo ser isso possível.

Todavia, apaixonando-se por um recém-chegado, com quem forja intensa amizade, o narrador compreende ser, afinal, incapaz de aderir a uma prescrição terapêutica tão alheia a sua natureza, fadada ao fracasso, e assaz contaminada pelas crenças religiosas de uma classe médica conservadora (Cura?! Pelo casamento com uma mulher, sendo que isso lhe dava calafrios? “Melhor um tiro de pistola no coração!”, exagera ele (p. 96)). Reconhecendo, enfim, a inexorabilidade de seu desejo por outros homens, numa espécie de epifania, o personagem conclui: “Eu não tinha doença nenhuma! Não. Eu era aquilo que eu tinha nascido – um ser humano completo, de firme, perfeita saúde física e mental!”.

Sendo assim, o acúmulo tanto de experiências de vida negativas, mas edificantes – rejeições, preconceito, autoexílio –, quanto de leituras acerca da homossexualidade, oriundas da sexologia progressista daquele período – isso será mais bem-explicado no terceiro capítulo, frise-se –, permite que Oswald conforme um *senso positivo de si mesmo*, na sequência do momento epifânico descrito acima. Alquebrado pelas “ignorâncias” de sua era, ele decide, de maneira ativa, não mais ocultar-se quando diante de Imre, afirmando, com altivez: “Eu devo ser tomado pelo que sou, perdoado pelo que sou [...] eu o respeito – como respeito a mim mesmo” (p. 102).

Revelando sua homossexualidade, bem como declarando seu amor pelo jovem rapaz – “eu te amo, Imre” (p. 103) –, Oswald sente um grande alívio, “purificando” a convulsão sentimental iniciada desde o momento em que conheceu Imre von N. Trata-se, pois, de um momento de “tudo ou nada”, verdadeiro *clímax* romanesco, arriscando-se Oswald a perder tudo o que havia construído

com Imre em nome daquele sentimento: e se ele não for por ti correspondido, ó Imre, então que ele nada seja! E prossegurei, resignado, com minha história, pois ela diz respeito somente a mim mesmo...

Destacamos, neste momento, o senso positivo conformado por Oswald acerca de si mesmo em função de acreditarmos ser elemento essencial não apenas da caracterização do personagem narrador, como também fator crucial ao desenvolvimento da trama. A história pregressa de Oswald, sua subjetivação e o “universo valorativo” a partir do qual ele parte em relação a sua homossexualidade – elemento componente de sua caracterização enquanto personagem de ficção e, no caso, *narrador* do romance em tela –, em suma, permitiram-lhe a conciliação com sua homossexualidade, *valor* essencial ao andamento narrativo.

O Oswald que se coloca diante de Imre, portanto, é também um Oswald “vacinado”, experimentado, dotado de conhecimento e vivência de mundo maiores do que as do jovem – decorrência, até mesmo, da diferença etária de ambos (o narrador é mais velho). O narrador, mais experiente, conciliado com sua homossexualidade e capaz de dar-lhe um sentido, *altivo*, aliás, foi capaz de aproximar-se de Imre e manipulá-lo, de modo a conduzi-lo por caminhos sinuosos que os levaram à mútua revelação e, em última instância, ao desfecho otimista.

Na sequência da confissão palavrosa – que deve ter durado uma boa hora! –, Imre parece um tanto aturdido. Oswald, assim, não obtém resposta definitiva, solicitando o jovem que não se toque no assunto abordado, “a não ser que eu quebre o silêncio”⁴⁵. De volta a Budapeste, novamente age o acaso, e a necessidade de Oswald retirar-se para a Inglaterra é debandada: sua presença não era mais requisitada – lance da sorte, ingerência das vicissitudes, mão soberana do Destino... A Oswald lhe é permitida a permanência em Budapeste: com isso, estão dadas as condições para que a presença na vida um do outro seja estendida – qualquer que seja o desdobramento disso...

2.3. “Penso em você com frequência, Oswald”; Imre *corresponde*, e o final feliz

Com a confissão de Oswald, encerra-se o segundo capítulo. Será no terceiro, e final, em que se retiram finalmente as máscaras, que se trazem à mostra as Faces, os Corações e as Almas de nossos dois personagens protagonistas. Removido por alguns dias da capital húngara em decorrência de obrigações profissionais, mas ainda em contato com seu amigo britânico instalado na capital, Imre passa a corresponder-se com Oswald de maneira frequente, por meio de cartas em tom passionai.

45 O jovem revela, mais tarde, que o pedido de um tempo para pensar sobre o assunto, solicitado após a confissão, “era parte de uma batalha comigo mesmo” (p. 124).

Assim, um Imre outrora refratário à troca de correspondência passa a escrever a Oswald mensagens afetuosas, convidando o leitor a atentar-se à mudança de postura do jovem. Se anteriormente o militar manifestava “odiar escrever cartas, até mesmo para seus amigos mais próximos” – destacando a ausência de sentimento em sua escrita, que mais se parecia com “telegramas” –, quando no acampamento militar, por um período de dez dias, sua correspondência passa então a estar repleta de amenidades: a rotina cansativa no acampamento, o tempo chuvoso, noites insones pensando em Oswald... Em síntese, como diria Barthes, “Aqui estou eu num meio mundano e, sem você, sinto-me muito sozinho”, expressando Imre: “*penso em você*” (BARTHES, 2018, p. 64).

Outrossim, encerram-se as cartas com cumprimentos tais quais “Por favor, me escreva”; “Penso em você com frequência, Oswald”; ou “Yours ever” – forma afetiva de encerrar-se em epístola, em inglês. Oswald, ele mesmo, dá-se conta de tal mudança, falando de uma curiosa “inconsistência” da parte de seu amigo (p. 109): em suma, o novel tom passional e atencioso prenuncia o fato de que, retornado do acampamento militar, Imre, bronzado e “mais lindo do que nunca”, faz uma confissão similar àquela de Oswald.

Diz ele:

Olhe para si mesmo, Oswald. Está tudo *aí*. Eu sou um Uraniano, como tu és! Desde meu nascimento, sou-o. **Totalmente, totalmente homossexual**, Oswald! **O mesmo fogo, o mesmo, que arde ou brilha em ti!** [...] Minha juventude foi como a tua; e me tornar mais velho, crescer como um homem [...] em cada nervo e membro de meu corpo, não mudou minha natureza *naquilo*. Havia apenas perplexidades, dissimulações, torturas que vinham a nós [...] Aquele mistério inato, **a sensibilidade assustadora ao que quer que seja homem** – aquela ânsia e aquela busca eterna por uma unidade que não virá nunca a não ser por meio de um amor tido como crime e vergonha! O instinto capaz de nos tornar frios com a mulher, até mesmo odiá-la, quando se pensa nela como sexo. E a máscara, a eterna máscara! A ser usada diante de nossos próximos por medo de que eles cuscam em nossa cara, pelo ódio que têm a nós! Ó Deus, eu soube de tudo – eu entendi tudo! (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 117)⁴⁶

Compartilhando, então, muitas das experiências de Oswald – o amor não correspondido⁴⁷, a autorrejeição, o tormento por conta de sua homossexualidade –, a história de Imre, segundo o herói narrador, não continha “nada de especialmente estranho” àqueles familiarizados com leituras sexológicas acerca do que se chamava, àquela altura, de “uranismo” ou “similissexualismo” (isto é,

46 Look into thyself, Oswald! It is all *there*. I am a Uranian, as thou art! From my birth I have been one. Wholly, wholly homosexual, Oswald! The same fire, the same, that smoulders or flashes in thee! [...] My youth was like thine; and to become older, to grow up to be a man [...] in every sinew and limb of my body, there was no changing of my nature in *that*. There were only bewilderments, concealments, tortures that come to us [...] That inborn mysterious, frightful sensitiveness to whatever is the *man* – that eternal vague yearning and seeking for the unity that can never come save by a love that is held to be a crime and a shame! The instinct that makes us cold toward the woman, even to hating her, when one thinks of her as a sex. And the mask, the eternal mask! To be worn before our fellowmen for fear that they should spit in our faces in their loathing of us! Oh God, I have known it all – I have understood it all!

47 De fato, era Karvaly a quem Imre uma vez amou, conforme havia presumido Oswald.

homossexualidade). *Diagnosticado*, por Oswald, enquanto um “homossexual congênito”, Imre sempre estivera sujeito ao “drama da Vênus Urânia”, indiferente ao sexo feminino e obcecado pela forma masculina (p. 119), obrigado, por conseguinte, a vestir a “Máscara”, e a recolher-se em si mesmo.

É importante destacar, a respeito da caracterização⁴⁸ de Imre, ser ele personagem a possuir inúmeros atributos eufóricos, sendo até mesmo idealizado. Os defeitos levantados por Oswald, por sua vez, são potencialmente inócuos (“caligrafia vergonhosa”, por exemplo). O herói narrador, ademais, confere ao militar uma espécie de visão *sistêmica*, já que o analisando com frequência relaciona as *partes* (histórico familiar, olhar, temperamento, linhas de expressão, seus enunciados etc.) com o *todo* (no caso, sua constituição psicológica). Na visão sistêmica construída pelo narrador em relação a Imre, o contexto familiar é algo que sempre vem explicar o temperamento taciturno do rapaz – descobre Oswald, afinal, que *também* a homossexualidade reprimida explicava a introspecção do tenente.

Imre reconhece que a noite do passeio no Parque Z. foi significativa para ele: “Bom Deus, que noite eu passei! [...] Meu coração tão abalado, minha língua tão paralisada! Mas antes de a manhã chegar, Oswald, aquela tola hesitação estava terminada! Eu estava claro e resolvido, e o demônio da ignorância havia saído de mim”⁴⁹ (p. 124). Oswald, defendendo a naturalidade da homossexualidade e a nobreza dos homossexuais masculinos, *convencera* o mais celebrado membro de sua audiência: Imre von N. Serve a intervenção de Oswald, desse modo, como instrumento para a conciliação do jovem consigo mesmo: em síntese, “ao final do romance, o Tenente Imre deve aprender a expressar o que permanecia escondido: sua homossexualidade” (GIFFORD, 2003, p. 21).

O romance encerra-se, por fim, em uma nota otimista: “Oswald, nunca se separe de mim” – “Imre, eu nunca me afastarei de ti. Teu povo será meu povo. Teu Rei será meu rei. Teu país será meu país, tua cidade, a minha. Nós encontramos o que nos desesperávamos por encontrar: ‘a amizade que é amor – o amor que é amizade’^{50,51} (p. 126). De volta a seu “quarto quieto, iluminado

48 A despeito da ampla gama de traços distintivos conferidos a Imre – o que poderia convertê-lo em personagem caótica –, existem características retomadas em diversos momentos, por Oswald, que lhe conferem certa coerência. O ambiente familiar parece ser importante para a leitura de Imre. É uma variável importante, retomada em diferentes momentos da narrativa, como chave de interpretação para o aspecto meditativo e tristonho ocasionalmente demonstrado por Imre.

49 Good God, what a night I passed! [...] My heart so shaken, my tongue so paralyzed! But before morning came, Oswald, that fool hesitation was over! I was clear and resolved, the devil of arrogance had left me” (p. 124)

50 A fim de postular um mundo de aceitação, autores recorriam a referências a amizades do mundo clássico para “sugerir uma profundidade de amizade que não seria de outro modo aceitável”. “Talvez porque um renascimento do Helenismo estivesse a todo vapor em fins do século XIX [...], esses sentimentos de uma amizade profunda [...] poderiam ser interpretados como algo nobre e transcendente” (GIFFORD, 1996, p. 23). Mais sobre os diálogos intertextuais estabelecidos entre *Imre* e a literatura grega antiga, no Capítulo Terceiro, desta dissertação.

51 “Oswald, you will never go away from me!” – “Imre, I will never go away from thee. Thy people shall be mine. Thy King shall be mine. Thy country shall be mine, the city mine! [...] We have found what we had despaired of finding: ‘the friendship which is love, the love which is friendship’”.

apenas pela lua”, numa atmosfera intimista, Oswald é abraçado por Imre, que afirma: “Minha busca, como a tua, está terminada! [...] Eu te amo, e tu amas a mim... Descanse!” (p. 127).

O fim.

Dotado de estilo solene, *Imre: A Memorandum* é um romance alheio a representações de elementos genitais explícitos, de “visitas a lupanares homossexuais” e de “favores em casas de banho” – trata-se, pelo contrário, de romance cerebral (GIFFORD, 2003, p. 14), em decorrência direta, segundo nosso entendimento, da caracterização de Oswald. Enunciador interno do texto, constituído, conforme demonstrado, enquanto ser fictício intelectualizado e envenenado de análise – erudito em suas leituras e muito sintonizado com as tendências medicalizantes do período –, sua argúcia serve de instrumento a estruturar a autoaceitação de Imre e, em última análise, trabalha a favor do desembargo do desejo, viabilizando, pois, o final alvissareiro, em feliz comunhão.

2.4. A forma romanesca

No que diz respeito aos componentes narratológicos, *Imre: A Memorandum* apresenta os elementos típicos de muitos romances de sua época, contando com paratextos (prefácio e epígrafes); narrador; personagens simples, protagonistas e secundários; espaço (que produz sentido, conforme vimos), sequências narrativas (descritivas, catalográficas, sumários etc.), diálogos, monólogos etc. Chama a atenção, além disso, a maneira como o romance está estruturado, pois, quando de sua produção, a *intelligentsia* ainda se encontrava sob o governo de um *Zeitgeist* cientificista, sendo a psiquiatria – e a teorização da homossexualidade – uma das novas tendências do pensamento humano.

Em decorrência disso, a despeito da reação propalada pelo romance em relação a elementos religiosos e criminalizantes – abordados no Capítulo Primeiro –, é no âmbito da Medicina que *Imre* reagiu de maneira eloquente. Conforme ensina J. Gifford (1995, p. 41-43), a medicalização da homossexualidade influenciou a produção literária dos autores homossexuais norte-americanos ativos entre os anos 1900-1913. Segundo ele, “os efeitos da medicalização do homossexual foram muito difundidos nos escritos que se seguiram à virada do século. Poucos deles escaparam da profunda inclinação à interioridade e ao autoexame induzidos pelo *establishment* psicológico” (GIFFORD, 1995, p. 62).

Por certo, o forte pendor à autorreflexão e à investigação psicológica refletem-se na estrutura do romance, na medida em que “*Imre* é [...] um livro com pouca ação física e muita reflexão, técnica justificada pelo enfoque do romance no drama interno de gradual reconhecimento e aceitação” (GIFFORD, 1995, p. 111). Além disso, o destaque pormenorizado aos personagens

resulta numa obra com ação rarefeita, “sendo uma fábula quase que exclusivamente da mente”⁵² (GIFFORD, 2003, p. 21). “Ação corporal”, pois, “não é particularmente importante em *Imre*, uma vez que o vazio deixado pela imobilidade física é preenchido pelo movimento dramático de revelação” e pela exploração cuidadosa do mundo psíquico, de Oswald e Imre.

Com efeito, no romance, “os dois personagens ‘explicam’ sua homossexualidade em grande parte dentro de um enquadramento que deve muito ao aparato psicológico do *histórico médico*” (GIFFORD, 1994, p. 42) e, ao escrever o texto, Oswald classifica-o como um “diagnóstico... devo chamá-lo assim?... de meu amigo. Deixe-me aliás dizer que este é um memorando e um guia da topografia emocional de Imre” (*Imre*, p. 63)⁵³. Assim, a postura analítica adotada por Oswald em relação a *Imre*, de que tratamos anteriormente, e o emprego do subtítulo *memorandum* ilustram a tendência à “dissecação e anatomização comum a esse período” (GIFFORD, 2003, p. 15).

A escrita homossexual, portanto, incorporou muito da linguagem científica, tanto em aspectos temáticos – forte tendência à autorreflexão e à investigação psicológica das personagens – quanto formais, uma vez que os *históricos médicos*, principais instrumentos das análises psiquiátricas, foram adotados, reformulados e ficcionalizados pelos autores, que buscavam conciliar a “delineação ‘seca’ das forças psicodinâmicas com a representação ‘poética’ da organização/narrativa” (GIFFORD, 1994, p. 43).

“Certamente, os primeiros autores gays adotaram o histórico médico como uma forma feita sob medida para a autocompreensão, e prontamente adotaram/adaptaram suas fronteiras para servir a vozes autobiográficas, na luta por expressar-se. [...]”⁵⁴ (GIFFORD, 1995, p. 43). A adoção de tal instrumental, argumenta Gifford (1995, p. 63), “implica que os homossexuais eram dignos de tal análise, sugerindo um sutil enobrecimento de suas vidas”⁵⁵ – elementos, estes todos, presentes em *Imre: A Memorandum*.

Desse modo, Oswald, produtor do discurso narrativo, é um sujeito filho de seu tempo, leitor assíduo, inteligente e bem-articulado, mostrando-se em sintonia com as tendências medicalizantes em voga – seja pela postura analítica assumida em relação a Imre, isto é, a concertação sistematizante conferida ao personagem-título e a preocupação com sua psicologia; seja pelo emprego frequente de termos tais quais “fatos psíquicos”, “constituição emocional”, “individualidade interna”, “química”, “diagnóstico” etc.; seja pela adaptação do histórico médico na

52 O próprio Stevenson argumenta ser *Imre* um “romance psicológico” e, consoante corrobora Gifford (1995, p. 110), “o romance faz todo o esforço para psicoanalisar”.

53 Two male characters “explain” their homosexuality largely within a framework that owes much to the psychological apparatus of the case history. In writing the text, the fictional Oswald speaks of “this diagnosis... shall I call it so?... of my friend. Let me rather say that it is a memorandum and a guidebook of Imres’ [sic] emotional topography” (*Imre* 63).

54 Certainly, early gay authors embraced the case history as a form tailored to self-understanding, and readily adopted/adapted its boundaries to serve the autobiographical voices struggling for expression.

55 The implication that homosexuals were worth such analysis implies a subtle ennoblement of their lives

composição da narrativa; seja, por fim, pela adoção de estruturas do pensamento sexológico alemão, na tentativa de dar sentido a seu desejo – paradigma sobre o qual trataremos no capítulo a seguir.

2.5. Concluindo

No presente capítulo, procuramos analisar componentes do romance *Imre: A Memorandum* capazes de iluminar o conjunto da obra, atuando, eles, como espécie de estrutura profunda do texto literário em tela. A cerebralidade (cabedal cultural, racionalidade e *fine mind*) e o “sentimento amoroso” do personagem narrador Oswald, assim, articulam-se ao valor narrativo de sua autoaceitação enquanto homossexual masculino, para trazer à tona personagem de ficção ativo, funcional, apto a exercer o eixo do desejo, interferindo, inclusive, na subjetivação de Imre e viabilizando, com isso, o desfecho alvissareiro.

Além disso, destacamos eventos nucleares do romance, os quais impulsionam a trama rumo a seu desenlace, iniciando-se com a “pulga atrás da orelha” implantada pelo que chamamos “Episódio Karvaly”; passando pela cena doméstica e de rara impulsividade criada por Oswald; percorrendo o clímax romanesco, constituído no aflito monólogo; para desaguar na mutualidade manifestada por Imre e nos amantes, na iminência de fazer amor pela primeira vez, expurgados dos sentimentos de culpa impostos por um mundo hostil. Por fim, apresentamos reflexões acerca da forma romanesca e do diálogo estabelecido por ela com o *Zeitgeist* cientificista daquele quadrante, com reflexos nessa estrutura.

Conscientes de que o texto literário estabelece relações complexas com a realidade que lhe deu origem e que a divisão realizada neste capítulo serve a propósitos didáticos, nosso objetivo aqui foi desvelar as forças internas da narrativa, com base em paradigmas oferecidos pela Teoria Literária, “isolando”, dentro do possível, o texto literário do “não texto”, de modo a observar-lhe a dinâmica interna.

CAPÍTULO TERCEIRO

Literatura e Vida Social

Nós cumprimos nossa obrigação por inteiro quando seguimos, e não rejeitamos, nossa orientação, que foi plantada em nossos corações por um ser superior, seja ele Deus ou a natureza.

(Karl Heinrich Ulrichs)

Nos capítulos anteriores, dedicamos esforços no sentido de analisar *Imre* sob dois ângulos: primeiramente, o romance em confronto direto com o contexto de sua produção, delineando a intenção contestatória de Edward Prime-Stevenson com a composição da narrativa, numa perspectiva de *enquadramento histórico* do texto literário. Num segundo momento, buscamos analisar-lhe as variáveis internas, num procedimento de provisório afastamento do *não texto* para, por meio da aplicação de elementos da Teoria Literária, superar a leitura intuicionista para desvelar o funcionamento interno do *texto*.

Neste terceiro e derradeiro capítulo, procuraremos recuperar alguns dos diversos diálogos efetuados entre o romance *Imre: A Memorandum* e outros textos, de natureza literária e extraliterária. Mais do que oferecer mero enquadramento ou referência, nos tópicos seguintes procuraremos demonstrar de que maneira elementos advindos do contexto histórico-social adentraram a ficção de *Imre*, convertendo-se, nesse processo, em agentes da estrutura, encaminhando a trama para o desfecho no qual Oswald e o tenente húngaro superam, em comunhão, as adversidades impostas por seu tempo.

3.1. Introito

Conforme explicitado em capítulo anterior, o contexto em que os homossexuais se encontravam inseridos, no mundo anglo-saxão, na virada do século XIX para o XX, era bastante desfavorável. “Pecadores”, “criminosos”, “doentios” – confluíam estigmas sustentados pelas instituições sociais as mais poderosas, alinhadas em sua visão como um mal a ser erradicado. Eram percebidos, portanto, como seres “abomináveis” e “não reconhecidos” em sua dignidade humana.

Efeito significativo dessa “opressão institucionalizada” era o fato de que os homossexuais viventes naquela quadra histórica enfrentavam dificuldades no estabelecimento de um contradiscurso coerente e, sobretudo, afirmativo, voltado a definir um “ethos” homossexual como forma de contraponto às perniciosas ideias então predominantes. Hostilizados pela Igreja, pelo Estado e pela Medicina, “o problema do homossexual na busca por sua autoexpressão era

simplesmente que o discurso em controle – aquele do homem branco, heterossexual [...] – *proibia* sua aparição” (GIFFORD, 1995, p. 08, grifo nosso).

Logo, autores homossexuais dos EUA, em atividade durante a virada do século XIX para o XX, dedicados a elaborar representações literárias *afirmativas* para a homossexualidade masculina, viam-se desprovidos de uma herança cultural própria, tradição à qual se pudessem alinhar de modo a compreender a si mesmos e conformar um grupo social (GIFFORD, 1995, p. 01-02). Em consequência da opressão e do silenciamento, em suma, inexistia construção discursiva coesa e positiva apta a superar os discursos propalados pelo *establishment* religioso, legal e médico (GIFFORD, 1995, p. 02).

Resultava, dessa dinâmica, que o dilema vivido pelo autor homossexual no estabelecimento de um contradiscurso constituía, também, uma *dificuldade de linguagem*. Deparava-se ele, àquela altura, com uma série de termos, em geral depreciativos, “para indicar a atração pelo mesmo sexo”: “catamitas, sodomitas, invertidos, similissexuais, homossexualistas, terceiro sexo, Uranianos”, instabilidade terminológica demonstrativa da dificuldade vivida “no estabelecimento de um contradiscurso” capaz de legitimar a existência homossexual (GIFFORD, 1995, 03) – lembremos, nesse sentido, de Oscar Wilde, o qual, durante seu julgamento, citando Lord Alfred Douglas, falou do proverbial “amor que não ousa falar seu nome”...

“A própria linguagem”, portanto, “opunha uma barreira considerável: como poderia ser descrita a condição chamada ‘homossexualidade’ sem se lançar mão da enviesada linguagem já existente?” (GIFFORD, 1995, p. 09). Incumbiu-se a autoria homossexual daquele período, portanto, de, em certa medida e por meio de sua ficção, forjar uma “realidade discursiva” capaz de atribuir sentido a sua própria existência. Como argumenta James Gifford:

a escrita norte-americana da virada do século permite-nos observar, em primeira mão, a confusão para uma autodefinição que os futuros gays enfrentavam, uma vez que existia uma diversidade de paradigmas ou de “tipos” para a homossexualidade apresentada por esses escritos. Isso sugere as múltiplas possibilidades com as quais escritores (e leitores) poderiam identificar-se⁵⁶ (1995, p. 03-04).

Assim, enfrentando milenar e duradouro estigma religioso; às voltas com intensa perseguição institucional; invisibilizados e hostilizados pela opinião pública, quais recursos foram empregados pelos autores homossexuais norte-americanos, em atividade na virada do século, a fim de apresentarem ao mundo representação literária afirmativa para a homossexualidade masculina? Qual a representação *possível*? “Quais vazios estariam os escritores homossexuais”, em atividade

56 American writing of the turn of the century lets us view firsthand the confusion of self-definition that would-be gay people faced, because the very diversity of paradigms or same-sex “types” such writing displays suggests a multiplicity of possibilities for writers (and readers) to identify with.

nos EUA, entre 1900 e 1913, “intentando preencher, em seus esforços para reformar a realidade da homossexualidade?” (GIFFORD, 1995, p. 05).

“Inexistia um estereótipo dominante entre 1880 e 1910”, e, na tarefa de dar forma a um “discurso resiliente, escritores homossexuais [...] necessitavam lançar mão de discursos preexistentes, não importa o quão negativos fossem”. Cada autor, desta feita, dotado de amplitudes e limitações, ofereceu uma possibilidade para hibridização (GIFFORD, 1995, p. 05), inexistindo, conforme já mencionado acima, conceito *assente* a definir um “ethos” homossexual de viés afirmativo, nas palavras de James Gifford.

Os textos compreendidos naquele período, dessa forma, compartilham da iniciativa de ressignificar e questionar a negatividade dos discursos sociais vigentes, buscando validar a natureza homossexual por meio de valores, de ideias e da literatura preexistente. Na busca por uma realidade discursiva “para chamar de sua”, os autores homossexuais definiam o “novo” por meio de uma habilidosa adaptação do velho e do familiar (GIFFORD, 1995, p. 07).

No presente capítulo, por conseguinte, procuraremos demonstrar que o romance *Imre: A Memorandum* integra-se a tal tendência, na medida em que retoma e atualiza elementos advindos de diferentes áreas do conhecimento humano, articulando-os a fim de conformar um contradiscurso afirmativo, convicto, ativo e, em certa medida, original, voltado ao afastamento das máculas da doença, da perversão e da degeneração em prol de uma visão reformista para a homossexualidade masculina.

Nesse sentido, Edward Prime-Stevenson, primeiro nome do movimento pelos direitos dos homossexuais nos EUA (LICATA, 1981, p. 163), usou de sua atividade literária na busca por *reformular* a atitude do Ocidente cristão face à homossexualidade. O tópico “Pioneirismos convergem...”, a esse propósito, trata do caráter engajado e ativista do norte-americano, o qual “acreditava na retidão da existência homossexual e utilizava-se de qualquer meio, não importa o quão difícil, para traduzir sua existência em algo escrito” (GIFFORD, 1996, p. 105).

Seus esforços, aliás, extrapolaram a seara da História para se transformar, ademais, em componentes *internos* da estrutura romanesca de *Imre: A Memorandum*. Portanto, comprovar a remissão a textos literários e extraliterários e analisar a conversão deles em agentes da estrutura do romance é o objetivo central do presente capítulo, recompondo-se, com isso, “as relações entre a narrativa, o mundo e outros textos” (REUTER, 2007, p. 177-178) no perfazimento da atividade interpretativa.

Destacamos, nesse sentido, dois “continentes de conhecimento” mobilizados e coadunados por Edward Prime-Stevenson na composição de *Imre* a apresentar essa dupla implicação: 1) a *sexologia progressista*, mais especificamente, a *Teoria do Terceiro Sexo*, paradigma pseudocientífico pioneiro no sentido de explicar a homossexualidade sob um viés naturalizante; e 2)

os *discursos histórico-culturais*, inclusive aqueles advindos da cultura homoerótica masculina da Grécia antiga, a exemplo d’*O Banquete*, de Platão, e incorporados, de forma oblíqua, também no romance em pauta.

Assim sendo, no que diz respeito à sexologia, reconhece a crítica (WILPER, 2010, p. 53) que *Imre* se encontra enraizado nas estruturas do pensamento sexológico, em especial o de origem alemã, isto é, a *Teoria do Terceiro Sexo*. Ostensivamente defensora da naturalidade da homossexualidade, parece-nos natural que Stevenson tenha optado por incorporá-la em sua defesa literária dos direitos dos homossexuais.

“Equipando” Oswald com o instrumental oferecido pela *Teoria*, exerce tal ramo de conhecimento, no conjunto do romance, importante papel libertador, conscientizando os personagens acerca de sua sexualidade e habilitando-os, igualmente, “a tomar os primeiros passos rumo à superação do opróbrio social internalizado” (WILPER, 2010, p. 54). Desempenha, portanto, importante papel e pavimentação, em última análise, o caminho para o mútuo reconhecimento e o enlace amoroso com que o romance se encerra.

Contudo, muito embora a sexologia tenha executado essa função, e persista no romance a importância do pensamento médico-científico, “*Imre* trabalha dentro, mas também transcende os limites da linguagem e dos conceitos sexológicos [...]”. Na narrativa,

A ciência sexual do final do século, especialmente aquela do “terceiro sexo” ou “sexo intermediário”, produz conhecimento essencial à subjetividade dos personagens. No entanto, enquanto meio para a construção de identidades afirmativas e para o delineamento do relacionamento entre homens, **a sexologia prova-se insuficiente** (WILPER, 2010, p. 52, grifo nosso).

Desse modo, com o intuito de superar essa limitação e conformar, com isso, modelo legitimante e “integral” de representação literária para a homossexualidade masculina, Prime-Stevenson colhe à história e às artes os elementos faltantes para arrematar sua narrativa. Resgata ele, dentre outras, concepções advindas do legado cultural homoerótico da Grécia antiga, munindo Oswald, ademais, de uma cultura livresca, erudita, a qual, ao fim e ao cabo, permite que seu herói narrador veja “a possibilidade oferecida pelo passado na forja de identidades no presente [...], encontrando um lugar para si próprio dentro desse legado cultural” (WILPER, 2010, p. 61).

A menção a grandes nomes do passado a quem se atribuíam relacionamentos homoeróticos; as constantes referências à cultura grega (vide a menção ao ideal da beleza masculina, Praxíteles, durante o “Episódio Karvaly”); a idealização do amor entre homens, inspirada, em grande medida, na obra *O Banquete*, de Platão, acabam por enfatizar “as excelentes qualidades de homens homossexuais e, deste modo, fomentar uma visão acerca do amor entre iguais colorida em tons de superioridade” (WILPER, 2010, p. 62).

Em síntese, Stevenson lançou mão de algumas “invenções do século XIX no que diz respeito à homossexualidade” (FONE, 1986, 204-205), e o equacionamento da sexologia progressista com os discursos histórico-culturais da Grécia antiga voltava-se ao preenchimento de lacuna identitária criada pelo contexto opressivo em relação à homossexualidade masculina, contra o qual o norte-americano se engajava, por meio de sua atividade literária. Para o intratextual Oswald, “sexologia + discursos culturais”, articulados, fornecem aos personagens de ficção valores e ideias essenciais ao desenvolvimento de suas subjetividades, especialmente para fins de superação de entraves decorrentes de homofobia internalizada – condição esta, frise-se, *indispensável* para o inédito desfecho otimista concedido aos amantes homossexuais, conforme veremos.

Ao longo dos itens que compõem este capítulo, assim, procuraremos demonstrar os intrincados – e instigantes – liames estabelecidos entre literatura e vida social em *Imre: a Memorandum*. No tópico “Pioneirismos convergem...”, será dada especial atenção ao engajamento de Prime-Stevenson em prol da causa homossexual, quais referências sexológicas serviram-lhe de base para a formulação de seu modelo naturalizante de representação literária para a homossexualidade, e de que forma elas adentraram a ficção romanesca. Demonstraremos, também, que a presença da sexologia progressista de origem alemã, no romance, por importante que seja, não é descomplicada.

O tópico seguinte, “Recurso à história...”, busca recuperar concepções advindas da cultura homoerótica da Grécia antiga e incorporadas no romance, a fim de legitimar-se a homossexualidade – elaborando-se, com isso, resposta mais íntegra do que a sexologia, sozinha, seria capaz de fornecer. O último item, “Horizontes...”, por seu turno, aborda, no detalhe, os textos da Grécia antiga a estabelecer diálogo com *Imre*, atividade, esta, que permite a ampliação do espaço semântico do romance, demonstrando-se, assim, a riqueza histórico-literária dele.

3.2. Pioneirismos convergem; engajamentos

Conforme explicitado alhures, o século XIX assistira ao surgimento e ao desenvolvimento de diversos novos ramos de conhecimento. A homossexualidade, cuja compreensão até então estivera circunscrita às searas religiosa e criminalizante, passou a ser observada segundo uma nova perspectiva, sob a influência de uma medicina cada vez mais interessada pelo comportamento sexual humano.

Assim, da variedade de teorias (pretensamente) científicas voltadas à explicação da homossexualidade e oriundas daquela “nova revolução intelectual”, nas palavras de Burns, merece especial destaque a mencionada *Teoria do Terceiro Sexo*, elaborada ao longo da década de 1860 pelo advogado alemão Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895). Inovadora para o período, a *Teoria*

propunha não ser a homossexualidade pecado, crime, tampouco doença – sendo, antes, característica natural do ser humano (FONE, 2000, p. 294; KENNEDY, 1981, p. 103; 108; SPENCER, 1995, p. 275).

Publicada em uma série de doze volumes entre os anos de 1864 e 1879, sob o título *Forschungen über das Rätsel der mann-männlichen Liebe* (*Pesquisas sobre o Enigma do Amor entre Homens*, em tradução livre), “Ulrichs fundamentou sua teoria nos estudos contemporâneos de embriologia [...]”, pois estava particularmente interessado pela não diferenciação dos órgãos genitais nos estágios iniciais do desenvolvimento embrionário (KENNEDY, 1981, p. 105) – indicativo, para ele, de uma dimensão *fisiológica* da sexualidade humana, e, por conseguinte, *inata* (FONE, 2000, p. 294; KENNEDY, 1981, p. 108; SPENCER, 1995, p. 275).

Assumindo postura militante e até mesmo discursando, em agosto de 1867, perante o Congresso de Juristas Alemães, na cidade de Munique, pela defesa dos direitos dos homossexuais, Ulrichs terá sido, possivelmente, a primeira pessoa em tempos modernos a fazê-lo, publicamente⁵⁷ (KENNEDY, 1981, p. 104). Advogado de formação, argumentava não somente pela naturalidade do desejo entre homens como, ademais, por sua *legalidade*, com o consequente afastamento de sanções jurídicas, numa Alemanha em processo de unificação cada vez mais tendente à criminalização da homossexualidade⁵⁸ (KENNEDY, 1981, p. 104; 109).

Desafiando, pois, as atitudes tradicionais do Ocidente judaico-cristão, Ulrichs dedicou-se a desvendar o “enigma do amor entre homens” (KENNEDY, 1981, p. 103), “reivindicando a legitimidade” de uma modalidade de desejo tida, até então, como pecaminosa e malevolente. Ainda que abandonada posteriormente, a teoria do “terceiro sexo” foi ideia progressista, tendo exercido efeito libertador tanto para seu autor, quanto para muitos de seus contemporâneos. “O papel de Ulrichs enquanto pioneiro do movimento pela libertação gay não pode ser negado” (KENNEDY, 1981, p. 103; 110), tendo exercido, ainda, “considerável influência” sobre autores ingleses e norte-americanos (LOMBARDI-NASH, 1998, p. 256; LICATA, 1981, p. 162).

Edward Prime-Stevenson, nesse sentido, travou contato com o pensamento do advogado alemão, sendo, ademais, o primeiro indivíduo norte-americano a defender os direitos dos homossexuais, também em postura ativista, num momento histórico em que somente tentativas esporádicas e iniciativas individuais eram praticáveis (LICATA, 1981, p. 163). Com a publicação de *Imre: A Memorandum* (1906) e de seu tratado *The Intersexes: A History of Similexualism as a*

57 Durante o Congresso, ele foi impedido, aos gritos, de prosseguir em sua defesa. A convicção do advogado, entretanto, permaneceu inquebrantável, orgulhoso que ficara de sua ação – posteriormente, manifestou seu desejo de “desbravar um caminho para a liberdade” (KENNEDY, 1981, p. 109). Em suas palavras, “Exigir igualdade nessa matéria significa ter a coragem de superar a hesitação que até agora prevaleceu e dar um passo à frente bravamente. Acredito que, com isso, quebrei o gelo!” (ULRICHS, apud FONE, 1998, p. 257).

58 “A prática do inato sexo viril não é criminosa, nem imoral; logo, é cruel, injusto e sem sentido persegui-la...” (ULRICHS, apud FONE, p. 258).

Problem in Social Life (1908), conforme aduzimos anteriormente, “a não conformidade sexual norte-americana foi, finalmente, colocada em papel” (LICATA, 1981, p. 163).

Sendo assim, em certos quadrantes do Ocidente cristão,

[...] o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade [...] **possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade”** [...] (FOUCAULT, 1988, p. 96, grifo nosso).

Logo, Ulrichs e Prime-Stevenson ocupam, em seus países de origem, posições precursoras similares, porquanto os esforços do europeu “proporcionaram inspiração e modelos para que os norte-americanos, mais tarde, procurassem desenvolver uma consciência minoritária e organizar a si mesmos” (LICATA, 1981, p. 162). Durante momento histórico gravoso, Prime-Stevenson integrou, com sua atividade literária, nos EUA, estágio inicial do movimento pelos direitos dos homossexuais (LICATA, 1981, p. 161-163), à semelhança de Ulrichs, na Alemanha – um, pelo viés da ciência; outro, da literatura.

Terá sido, portanto, por meio de sua atividade literária que Prime-Stevenson buscou articular elementos a fim de legitimar a existência de homossexuais em contexto social amplamente desfavorável, forjando, em seu romance, imaginário homossexual masculino *realizável* para aquele momento. Na amálgama de fatores coligidos, manipulados e combinados pelo norte-americano, em seus esforços literários de “dar forma” ao sentimento “gay” de seu tempo, a *Teoria do Terceiro Sexo* exerce função relevante, fornecendo a inteligibilidade objetiva, “científica” e necessariamente *simpática* à homossexualidade masculina essencial a um personagem de ficção tão cerebral e investido na causa quanto o perspicaz herói narrador de *Imre: A Memorandum*.

Essa é, logo, uma das diversas razões pelas quais a *Teoria do Terceiro Sexo* interessa para o estudo de *Imre*. Oswald, na trajetória de aproximação do tenente húngaro e nos esforços voltados a *dar sentido* a este – e, em consequência, a si próprio –, emprega, justamente, a terminologia de Ulrichs. Além disso, o renitente viés afirmativo e naturalizante da teoria coadunam, em larga medida, com a dimensão argumentativa de *Imre*, romance prosélito (GIFFORD, 2003, p. 42) a advogar, enfaticamente, pela naturalidade da homossexualidade.

A teoria proposta pelo intelectual alemão, desse modo, integra a composição ficcional de *Imre*, pois, no engajado romance – dotado de um propósito bastante aferível no sentido de interceder em prol do desejo homoerótico –, adota-se expressamente a “taxonomia sexual” (LAURITSEN, 2002, p. 37) cunhada por Ulrichs, na caracterização dos personagens romanescos. Antecipamos tratar-se dos neologismos, “Uranismo”, “Uraniano” e “Dioniano” (“homossexualidade”, “homossexual” e “heterossexual”, em termos contemporâneos,

respectivamente), cujo significado e campo semântico serão esmiuçados no tópico “Horizontes; implodindo palavras”.

Observamos no romance, portanto, convergência de pioneirismos, parecendo-nos somente natural que o autor de *Imre* incorpore, em sua defesa literária da homossexualidade – pioneira em termos de abertura sobre o tema, bem como pela concessão de final feliz aos heróis homossexuais –, elementos advindos das reflexões “libertadoras” do jurista alemão, conquanto cerca de quarenta anos separem a publicação da obra ficcional (1906) da primeira publicação de tal teoria (1864).

Em síntese, sem embargo da separação temporal, e da presença do modelo patologizante que veio a informar o discurso predominante⁵⁹ (GIFFORD, 1995, p. 05; KENNEDY, 1981, p. 108; SPENCER, 1995, p. 275-280), a *Teoria do Terceiro Sexo* e *Imre* unem-se, por meio de dispositivos diversos, na contestação da visão construída pelo Ocidente ao longo dos dezenove séculos que os precederam. Ambos comungam, dentro de suas linguagens, de dimensão argumentativa comum, isto é, a ostensiva defesa do caráter natural da homossexualidade – além, é claro, de ser reconhecida a postura empenhada, ativista até, de ambos Prime-Stevenson e Ulrichs na defesa dos direitos dos homossexuais.

Saliente-se, neste momento, que a *Teoria* não chegou a integrar, efetivamente, a ortodoxia médica daquele tempo (KENNEDY, 1981, p. 109), sendo suplantada (SPENCER, 1995, p. 274). Muito embora tenham transcorrido quatro décadas desde sua divulgação até à publicação do romance, conforme afirmamos, continuou ela, todavia, a exercer função importante no projeto interpretativo de *Imre* e na cerebralidade empregada por Oswald, ao longo do romance, em sua compleição analítica e sistematizante.

Imre, desse modo, “compartilha do mesmo espírito liberacionista” que a *Teoria*. “No romance, a concepção do terceiro sexo é um enquadramento que reassegura os personagens de que seu desejo não é pecado, crime, e de que, especialmente, não é uma doença” (WILPER, 2010, p. 58), fornecendo, pois, um ponto de partida essencial para a conciliação dos personagens consigo mesmos.

Não obstante, por promissores que sejam os horizontes decorrentes da adoção da *Teoria do Terceiro Sexo* em *Imre: A Memorandum*, procuraremos demonstrar que tal incorporação não se deu

59 Cumpre salientar que a concepção prevalecente após o surgimento da *Teoria do Terceiro Sexo* abandonou a leitura “naturalizante” da homossexualidade em benefício de entendimento patologizante, uma vez que “a teoria congenital [...] foi minada pelo modelo médico (patológico) do qual Krafft-Ebing era o principal porta-voz” (KENNEDY, 1981, p. 108). O também alemão R. von Krafft-Ebing, autor de *Psychopathia Sexualis* (1886), exerceu grande influência no pensamento médico em torno da homossexualidade. “Ele era católico e tinha, assim, a visão simplista de que o sexo era perverso se não fosse para procriação”. [...] Por conta disso, “acreditava que a homossexualidade [...] era um sinal de degradação” (SPENCER, 1995, p. 276). Ademais, “os sexólogos que formularam e fizeram circular a teoria patológica para a homossexualidade nas décadas seguintes foram influenciados por Ulrichs. Eles citam a tese dele em seus estudos, mas, em última instância, rejeitam a teoria do terceiro sexo como uma anomalia sexual ocorrida de forma natural porque Ulrichs, um homossexual, era para eles um potencial paciente” (WILPER, 2010, p. 57).

de maneira harmoniosa ou monolítica. Diante, pois, da inadequação de certos aspectos da *Teoria* a concepções ideológicas do norte-americano, da consequente defasagem desse modelo científico na explicação da homossexualidade e da escassa oferta de ideias afirmativas correntes àquele período, Prime-Stevenson teve de operar uma adaptação da *Teoria*, preterindo certos aspectos dela. “O romance não é acrítico em relação a esse ramo do conhecimento. O texto adere a esse discurso, mas não é inteiramente harmonioso [...]” para com ele (WILPER, 2010, p. 58). Conforme veremos, enfim, a presença da sexologia progressista, no romance, não é simples.

3.2.1. Uma negociação; ou, limitações internas da *Teoria do Terceiro Sexo*; a teoria sexológica adotada por Prime-Stevenson e o lugar dela no romance

Dá-se, no romance, incorporação *seletiva*, *não ingênua*, da *Teoria do Terceiro Sexo*, ignorando-se – tudo indica que propositalmente – contradições elementares da coexistência, num texto só, do pensamento de Ulrichs e de certas concepções compartilhadas por Prime-Stevenson. Observamos que em *Imre* não se integra, *in totum*, o pensamento do advogado europeu, operando-se, antes, uma adaptação da *Teoria*. Fica evidenciada, com isso, incorporação idiossincrática do mencionado paradigma pseudocientífico, tomando-se certas liberdades em relação à fonte, ao problematizarem-se elementos internos a ela, no âmbito específico da sexologia.

Segundo a *Teoria*, “no início do desenvolvimento fetal todos os embriões eram iguais, depois do que se dividiam em três, masculino, feminino [...]” e uma entidade sexual distinta (FONE, 2000, p. 274), o chamado “terceiro sexo” – “este último grupo com as características físicas de um dos gêneros, mas com instintos sexuais que não correspondiam aos seus órgãos sexuais” (SPENCER, 1995, p. 275).

Ulrichs acreditava, desse modo, que os órgãos genitais eram responsáveis por determinar os “impulsos sexuais” – a genitália masculina, em consequência, estabelecendo o desejo pela mulher (e vice-versa). Num indivíduo “normal”, a coincidência é plena. Aqueles os quais apresentam dissonância entre morfologia genital e impulsos sexuais, enfim, conformam um “terceiro sexo”, categoria distinta da sexualidade humana – “uma espécie sexual singular” (ULRICHS, apud FONE, 1998, p. 257). Seria, ademais, na fase embrional que esse encaixe (ou desencaixe) entre anatomia e impulsos sexuais aconteceria (KENNEDY, p. 105-106).

Dentro de sua sistematização, portanto,

Ulrichs aparentemente aceitava, sem questionamento, a ideia de que o amor dirigido a um homem deveria partir de uma mulher, o que ele via como uma confirmação de sua teoria, no sentido de detectar traços ‘femininos’ nele mesmo e em outros homossexuais masculinos (por exemplo, gestos, modo de caminhar, amor por cores gritantes)... Ele resumizava seu

pensamento na expressão latina [...] *anima muliebris virili corpore inclusa* [alma feminina confinada em um corpo masculino]⁶⁰ (KENNEDY, 1981, P. 106).

Decorria disso, segundo o alemão, desconforto, de difícil explicação, ante o enclausuramento de uma alma feminina em um corpo masculino (KENNEDY, 1981, p. 106; LOMBARDI-NASH, 1998, p. 256), enclausuramento manifestado, grosso modo, pela efeminação, isto é, pela apresentação, nos indivíduos do sexo masculino, de traços do feminino – um “terceiro sexo com espírito ou sensibilidade feminina em um corpo masculino” (FONE, 2000, p. 294).

Segundo ele, o homossexual

não é um homem, mas um tipo de ser feminino no que diz respeito não apenas ao seu organismo inteiro como também a seus sentimentos amorosos, seu temperamento natural, e seus talentos. As características dominantes são de feminilidade tanto em seu comportamento quanto em seus movimentos corporais. São essas as manifestações óbvias do feminino que residem nele⁶¹ (ULRICHS, apud FONE, 1998, p. 257).

Paradoxalmente, nada poderia ser mais contraditório a ideias manifestadas por Oswald, ao longo do romance, do que tal argumento – constitutivo necessário, contudo, da *Teoria do Terceiro Sexo*.

Por coincidentes que sejam, então, a dimensão ética da *Teoria do Terceiro Sexo* e a do romance *Imre: A Memorandum*; por reconhecido que seja o forte pendor naturalizante de ambos – mais do que mera coincidência, certamente; e por efetivo que tenha sido o contato do norte-americano com o pensamento do europeu, existem aspectos segundo os quais romance e *Teoria* se apresentam em franca contradição: o personagem narrador não acredita ser o homossexual masculino uma mulher presa no corpo de homem (FONE, 1986, p. 197), bem como não enxerga a menor efeminação em si próprio ou em Imre – pelo contrário, rechaça o feminino, valorizando uma masculinidade superviril⁶² e até mesmo misógina (GIFFORD, 2003, p. 17).

Nesse sentido, ao longo do extenso monólogo desenvolvido por Oswald naquele fim de tarde, nos arredores da cidade, tratando de sua trajetória e de como conciliou sua masculinidade com sua homossexualidade – dilema penoso também para Imre –, o narrador manifesta-se acerca dos indivíduos afeminados, com nítido menoscabo por eles e pelo feminino *em si*.

Vejamos, pois, sequência de excertos a fundamentar a referida leitura.

60 Ulrichs apparently accepted without question the idea that love directed toward a man must be a woman's love, and he saw it as a confirmation of his theory that he could detect “feminine” traits in himself and other homosexual males (for example, gestures, manner of walking, love of bright colors). He summed up his theory in a Latin couplet [...] *anima muliebris virili corpore inclusa*.

61 The Urning is not a man, but rather a kind of feminine being when it concerns not only his entire organism but also his sexual feelings of love, his entire natural temperament, and his talents. The dominant characteristics are of femininity both in his behavior and in his body movements. These are the obvious manifestations of the feminine element that resides in him.

62 Para fins de ilustração, citemos o culto à masculinidade ostensiva presente em *Imre*, especialmente pelo viés do militarismo. Reforça-se com frequência, no romance, o aspecto másculo e atlético de Imre von N., característica enaltecida na caserna (GIFFORD, 1996, p. 115).

Não raro ele estremece (ele pode não saber o porquê) em algo similar a terror e aversão [...] quando da menor aproximação de seu **corpo forte e masculino** ao **trivial e fraco corpo feminino** – não importa o quão bela, o quão harmoniosa nas linhas! Sim, ainda que fosse a própria Afrodite!⁶³ (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 85, grifos nossos).

Em cada atributo e contorno e tendão e músculo, em cada movimento e detalhe e capacidade, nós caminhamos pelo mundo enquanto homens. [...] Tão **supermasculinos**, totalmente alheios ao que não é masculino, tão distantes de quaisquer essências femininas que **não podemos tolerar a mulher como um fator sexual, de forma alguma!** [...] E ainda, se o amor deve ser somente o que declara a ética estreita, moderna, judaico-cristã [...] o que somos nós?⁶⁴ (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 86, grifos nossos).

Aqueles, aqueles me aterrorizavam, Imre! [...] Ah, os manifestamente **depravados, nocivos, flácidos**, seres **femininos, pervertidos e imperfeitos na natureza moral** e até mesmo em seus tecidos corporais! [...] bons para nada a não ser para o fogo que purga o mundo do lixo e da sujeira! [...] Os cínicos corruptores de garotinhos; os perversores pederásticos de rapazes inocentes em sua adolescência; os sátiros de cabelos brancos dos clubes e das latrinas!⁶⁵ (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 86, grifos nossos).

Observamos, desta feita, que, em que pese a eventual adoção da taxonomia proposta pela *Teoria do Terceiro Sexo*⁶⁶ – o que, em tese, indicaria adesão *em bloco* à mencionada corrente de pensamento –, em *Imre* pretere-se o aspecto teórico contido na expressão *anima muliebris virili corpore inclusa*. Delineiam-se, em consequência, os termos através dos quais se incorporou, em *Imre*, a *Teoria*: Oswald não se crê uma mulher presa em corpo de homem, conferindo também valoração depreciativa à efeminação, ao contrário do alemão, para quem a efeminação era espécie de efeito e validação do pressuposto teórico *anima*...

Logo, valorizando uma masculinidade ostensiva e rechaçando, de maneira sulfúrica, a feminilidade quando expressa por homens, em *Imre* propõe-se modelo *masculinizante* de representação literária para a homossexualidade masculina (GIFFORD, 1996, p. 18; WILPER, 2010, p. 63), ignorando-se componentes da *Teoria do Terceiro Sexo* em benefício de uma visão idiossincrática do referido paradigma. Em conformidade com o quanto expusemos no introito deste capítulo, com base nos estudos de James Gifford, incidia sobre a comunidade homossexual do início do século XX nos EUA “dificuldade de linguagem” – inconsistência terminológica – a

63 Not seldom he shudders (he may not know why) in something akin to dread and to loathing [...] at any near approach of his **strong male body** to a **woman's trivial, weak, feminine one**, however fair, however harmonious in lines! Yes, even if were she Aphrodite herself!

64 In every feature and line and sinew and muscle, in every movement and accent and capability, we walk the world's way as men. [...] So **super-male**, so utterly unreceptive of what is not manly, so aloof from any feminine essences that we **cannot tolerate woman at all as a sexual factor!** [...] And yet, if love is to be only what the narrow, modern, Jewish-Christian ethics of today declare it [...] what are we?

65 Those, those, terrified me, Imre! [...] Ah, those patently depraved, noxious, **flaccid**, gross, **womanish** beings, perverted and imperfect in moral nature and in even their body tissues! [...] good for nothing except the fire that purges the world of garbage and rubbish! [...] The cynical debauchers of little boys; the pederastic perverters of clean-minded lads in their teens; the white-haired satyrs of clubs and latrines

66 “Seria Imre von N. o que se nomeia entre os psiquiatras de nossos dias um homossexual, um *Uraniano*? [...] Ou seria ele [...] *Dioniano*?”, (p. 63-64), questiona-se um atônito Oswald, na tentativa de “decifrar” o militar húngaro. Mais sobre a terminologia, no tópico final.

impactar, de forma significativa, sua vivência e sua autocompreensão enquanto um grupo social distinguível.

Diante de tal dificuldade, Prime-Stevenson lançou mão de paradigma anterior, conveniente porque de viés naturalizante, contudo apenas *parcialmente* satisfatório, lançando mão de algo “novo” ao adaptar, segundo *seus* intentos, ideias e valores preexistentes (GIFFORD, 1995, p. 07). Trata-se, segundo nosso entendimento, de instância na qual a dimensão textual de *Imre* realiza remissão ao contexto social em que viviam os homossexuais de então, nos EUA – Prime-Stevenson incluso.

À vista disso, procuraremos demonstrar, a partir da análise da intersecção entre a *Teoria do Terceiro Sexo* e o romance *Imre*, de que forma o romance lidou com problemática já exposta, fazendo-o, em síntese, através da adaptação do pensamento do alemão que o precedeu, muito pelo viés da *negociação*. Se o mercado contemporâneo de ideias apresentava oferta bastante escassa e defasada para autoexpressão e autocompreensão afirmativas, o romance retoma paradigma anterior cujo valor explicativo, ainda que depreciado, pôde ser corrigido por meio de esforços criativos, incorporando-se índices ideológicos capazes de oxigenar o entendimento do advogado alemão, de modo que ele melhor se sintonizasse com o modelo *masculinizante* para a homossexualidade proposto em *Imre: A Memorandum* (GIFFORD, 1996, p. 18; WILPER, 2010, p. 63).

Para empreender o mencionado cotejo, bem como seus desdobramentos, o socorro à obra *The Intersexes*, “defesa sexológica da homossexualidade” do próprio Prime-Stevenson (WILPER, 2010, p. 53-54), mostra-se de especial valia, pois lá estão contidos os termos da mencionada negociação, presentes também em *Imre* (Intersexos, esclareça-se, sendo outro termo utilizado por Stevenson – ao lado da terminologia da *Teoria* –, para designar tanto o homossexual masculino, quanto o feminino).

Com efeito,

Mayne/Stevenson utiliza *Imre* para expor sua teoria sobre a homossexualidade como “um sexo vago, especial; membro de um sexo *dentro* dos sexos mais óbvios; ou à parte deles”. Essa ideia de Intersexos, ou sexos intermediários, existentes no meio do espectro que se estende do “homem verdadeiro” à “mulher verdadeira”, é mais bem desenvolvida no longo tratado sobre o assunto, *The Intersexes*, no qual ele alega que os homossexuais são “um tipo de elo *logicamente* essencial, uma etapa intermediária”⁶⁷ (GIFFORD, 1996, p. 115).

Por uma evidente questão de foro, portanto, Prime-Stevenson não se dedica, no âmbito do romance, a evidenciar as minudências de sua concepção sexológica para a homossexualidade, e de em que medida ela corrobora ou contesta aquela que lhe serviu de base. Mostra-se, portanto,

⁶⁷ Mayne/Stevenson uses *Imre* to expound on his theory of homosexuality as “a vague, special sex; a member of the sex *within* the most obvious sexes; or apart from them”(123). This idea of the Intersexes, or intermediate sexes, that exist in the middle of the spectrum extending from the “true male” to “true female”, is better argued in his long treatise on the subject, *The Intersexes* (1908), where he claims that homosexuals are “a kind of *logically* essential link, a between-step”.

pertinente à atividade interpretativa, para fins de recuperação da idiossincrasia do pensamento teórico-sexológico do norte-americano, o recurso a *The Intersexes – Imre*, conforme afirmamos alhures, sendo espécie de “destilação” ficcional do quanto contido no ensaio histórico de Prime-Stevenson (GIFFORD, 2003, p. 16; 25).

No capítulo introdutório de seu estudo “visionário e subjetivo” (GIFFORD, 1996, p. 106), batizado de “Velhas Ignorâncias e Nova Psicologia”, Stevenson celebra os avanços ocorridos nas “perspectivas psicológicas” em finais do século precedente, assinalando a salutar superação de ideias ultrapassadas graças aos desenvolvimentos da ciência moderna. Ecoando, em larga medida, a visão cientificista em voga durante aquele período – com especial enfoque na secularização do mundo –, Stevenson louva a nova leitura para o homem e para o mundo ao seu entorno viabilizada pelas incipientes teorias científicas, as psicológicas em especial:

O mundo não mais considera epidemias como originadas de mistérios teológicos; [...] Encanamento com base na ciência, o cuidado sanitário com o fornecimento de água, o bacteriologista com seu microscópio, o tratamento antisséptico para operações cirúrgicas; mais do que por esses resultados relativamente exteriores devemos agradecer ao médico, como um cientista prático [...] damo-nos conta de quão vigoroso, para não dizer supremo, o médico psicológico pode ser [...] Os justos conceitos acerca da natureza humana, os traços do homem como produto do psíquico e do temperamental [...] [podem] ser observados com uma clareza até agora não alcançada [...] Isso traz a destruição das velhas estruturas, e o desenvolvimento de outras, inteiramente novas⁶⁸ (PRIME-STEVENSON, 1908, p. 08-09).

Após enaltecer, especificamente, o papel do “médico psicológico” (“psychologic doctor” ou “medico-psychologist”) como verdadeiro “jurado” para o mundo, presença ubíqua perante “o tribunal, a comissão governamental, o Parlamento” (PRIME-STEVENSON, 1908, p. 07-08), e os promissores horizontes decorrentes disso, Stevenson expõe o cerne de seu trabalho: os referidos avanços no ramo da psicologia auxiliá-lo-ão a tratar, nos capítulos seguintes, da “existência de Intersexos na raça humana, [...] os atributos desses Intersexos, e as opiniões sociais, morais e legais sustentadas em relação a eles” (PRIME-STEVENSON, 1908, p. 09).

Munido do aparato psicológico de seu tempo e dotado do propósito de oferecer, ao mundo anglófono, em linguagem acessível, trabalho inédito acerca da problemática em torno dos “Intersexos”, Stevenson publicará a primeira contribuição norte-americana para o que hoje se classifica como “estudos gays e lésbicos”. Em *The Intersexes*, portanto, ele “examina a homossexualidade [...] na literatura, na história, na vida política e social” (FONE, 2000, p. 360).

68 The world no longer regards epidemics as having theological mysteries in their origins; [...] Scientific plumbing, the sanitary care of water-supplies, the bacteriologist with his microscope, the antiseptic treatment of surgical operations; more than for these relatively outward results is the doctor, as a practical scientist, to be thanked. [...] we realize how vigorous, not to say supreme, a factor a psychologic doctor can be [...] The just concepts of human nature, the traits of man as the psychical and temperamental product [...] [can] be viewed with a clarity not hitherto achieved [...] It brings destruction of the old fabrics, and a building-up of entirely new ones.

Não bastasse, em sua introdução, Stevenson também esclarece que, na composição de seu estudo, não apenas recorrerá “constantemente a pesquisas de eminentes psicólogos médicos (“medico-psychologists”) de nosso tempo” – escrevendo “não muito mais do que um sumário de suas decisões” –, como também inscreverá, aqui e ali, suas próprias “explorações pessoais”⁶⁹ (1908, p. 09). Asserção, frise-se, de especial interesse para a presente análise, ante a admissão, por parte do autor, de contribuições suas na interpretação da homossexualidade, e da interseção dela com a de outros pesquisadores⁷⁰.

Encontramos, em síntese, pontos de confluência e também de divergência entre a adaptação de Prime-Stevenson, contida em *The Intersexes* e *Imre*, e a estrutura original da *Teoria do Terceiro Sexo*. Das nuances passíveis de observação e análise, todavia, daremos especial atenção à ideia de *anima muliebris virili corpore inclusa* e da consequente efeminação, noções sustentadas por Ulrichs, e de como essas concepções não são adotadas por Prime-Stevenson em sua teoria sexológica e na caracterização das personagens romanescas – com o intermédio, frise-se, de noções “originais” (FONE, 2000, p. 361) e elucidativas contidas, consoante dito acima, na obra *The Intersexes*, ecoadas em *Imre*.

Em resumo, Prime-Stevenson argumenta pela superação da compreensão cultural predominante segundo a qual existem tão somente dois “sexos” – o masculino, num polo; e o feminino, no outro. Em vez de um entendimento “preto e branco”, reconhecendo-se somente duas unidades, defende ele, em verdade, que a

Natureza manteve na espécie humana uma série de intersexos gradativos e necessários, entre os dois sexos mais significativos que reconhecemos como ‘homem’ e ‘mulher’, isto é, o extremo masculino e o extremo feminino⁷¹ (PRIME-STEVENSON, 1908, p. 19).

“Tais Intersexos”, procede ele, “expressam as etapas intermediárias, seres intermediários⁷²[...]”, decorrendo, de suas proposições, uma “redistribuição” da sexualidade

69 Em carta enviada a um amigo, de março de 1906, Prime-Stevenson discorre sobre alguns aspectos da produção de *The Intersexes*. Consciente da inexistência de obra assemelhada em língua inglesa, manifesta ele descontentamento com estudos de especialistas prestigiados daquele momento: trabalhos como os de “Havelock Ellis e John Addington Symonds, ou do finado Dr. Hammond, estão longe de serem adequados; eles lidam com condições patológicas [...] e partem de um ponto de vista limitado à área profissional e psiquiátrica”. O texto de Prime-Stevenson, assim, trazia abordagem humanista para o tópico do “similissexualismo”, sendo que “a *individualidade* de meu livro está na quantidade de observações pessoais e originais” (PRIME-STEVENSON, E. [Carta, 11 mar 1906, Nápoles, para ELMER, Paul More] In: GIFFORD, 2003, 134-139).

70 Ensina Byrne Fone, a esse propósito, que a “teoria de Stevenson deve muito à ideia de Karl Ulrichs de que homossexuais são um terceiro sexo” (2000, p. 361). Stevenson, ele mesmo, em *The Intersexes* (p. 20-21), discorrendo sobre sua teoria, reconhece a sinonímia existente entre sua terminologia e aquela de Ulrichs: “Partindo do primeiro sexo, o homem, estabelecemos um sexo ‘intersexual’, conhecido na literatura médico-psicológica europeia como Urning, ou Uraniano”.

71 Nature has maintained in the human species a series of graduated and necessary Intersexes, between the two great major sexes that we recognize as distinctively ‘man’ and ‘woman’, i.e., as the extreme masculine and extreme feminine.

72 Such Intersexes”, procede ele, “express the half-steps, the between-beings”.

humana. Se num extremo temos o masculino “perfeito”, e, do outro, o feminino “perfeito”, existem ao menos duas categorias intermediárias, os *intersexos masculino e feminino* – aquilo que hoje chamamos, grosso modo, homossexuais, gays e lésbicas. Segundo Stevenson, esses “Intersexos compartilham da natureza e do temperamento *ambos* masculino e feminino, em maior ou menor medida⁷³” (PRIME-STEVENSON, 1908, p. 20, grifo nosso).

A esse propósito, no romance, também encontramos referência aos homossexuais como Intersexos. Em determinada altura do monólogo, Oswald compartilha com Imre experiência na qual, confessando sua paixão por outro homem, encontra, da parte dele, franco rechaço: “De agora em diante, você e eu somos estranhos!”, diz o terceiro, “Eu o abomino! Abomino! [...] Adeus!”. O sujeito, em sua agressiva resposta, repete os termos utilizados por Oswald que, anteriormente, tentara explicar-lhe sua natureza homossexual:

‘Ouvi falar que, na humanidade, existem criaturas tais as quais você descreve ser, eu não sei, tampouco quero saber, se são elas um sexo por si mesmas, um jogo justificado da Natureza; ou mesmo um tipo de elo *logicamente* essencial, uma etapa intermediária, conforme você parece ter convencido a si mesmo [...] Eu não sou um homem da ciência [...]’⁷⁴ (STEVENSON, 1906, p. 99).

Logo, Oswald, assim como Prime-Stevenson, acredita tratar-se o homossexual, em verdade, de uma categoria *intermediária*, verdadeira *nuance* da sexualidade humana. O pensamento do norte-americano, compartilhado por seu herói narrador, por fim, reconhece maior porosidade no intercâmbio entre o feminino e o masculino, propondo visão mais dinâmica para a sexualidade humana. Ulrichs, por sua vez, prende-se ao binarismo homem/mulher, para, ao fim e ao cabo, argumentar ser o homossexual espécie de deslocamento entre físico e espiritual.

Em síntese, temos exposta uma primeira divergência entre as concepções de Ulrichs e as de Oswald/Prime-Stevenson: para estes, o homossexual não é uma mulher presa num corpo masculino, tratando-se, antes, de *uma* manifestação *possível* no escopo da sexualidade humana; gradação existente em certo intervalo; nuance; categoria, enfim, a combinar atributos de ambos os sexos, formando, assim, um sexo separado, intermediário – titular, todavia, de direitos individuais e tão válido do ponto de vista biológico quanto aqueles tidos por mais “óbvios” (FONE, 1995, p. 197).

Outra divergência decorrente dessa primeira será, certamente, a questão da efeminação. Se para Ulrichs o *anima muliebris*... explicava a homossexualidade e, por consequência, a efeminação era a “regra” – consequência *lógica* de seu pressuposto inicial –, Oswald indigna-se com aqueles

73 These Intersexes partake of the natures and temperaments and physiques of *both* male and the female, now to one extent, now to another”.

74 ‘I have heard that such creatures as you describe yourself are to be found among mankind. I do not know, nor do I care to know, whether they are a sex by themselves, a justified, [...] play of Nature; or even a kind of *logically* essential link, a between-step, as you seem to have persuaded yourself [...] I am not a man of science’

que afirma serem “manifestamente depravados, nocivos, flácidos, seres femininos, pervertidos e imperfeitos na natureza moral e até mesmo em seus tecidos corporais!” (1906, p. 86) – a veemência desse protesto, ironicamente, incluindo “todos os clichês homofóbicos” de seu tempo (FONE, 2000, p. 358).

O narrador, logo, *horroriza-se* com os homossexuais afeminados, fazendo defesa de uma masculinidade *exagerada* típica do sistema de valores da sociedade vitoriana, “alistando-se na campanha para apagar a perversão e a efeminação da definição da homossexualidade” (FONE, 2000, p. 358). Os indivíduos afeminados, segundo Oswald, constituíam exceção, eles, sim, os verdadeiros “desviantes”: “com efeito, a obra insiste fortemente que o caráter do homossexual é decididamente ‘masculino’” (GIFFORD, p. 113).

Por fim, ao enaltecer e cultivar a hipermasculinidade e a “virilidade completa” de Imre – traços que preenchem o imaginário de Oswald⁷⁵, arrebatando-o –, o narrador rechaça a efeminação porquanto ele

insiste que fraqueza, efeminação, [...] são encontradas somente num pequeno segmento da população homossexual. De fato, a maior parte dos homossexuais são indistinguíveis de outras pessoas, são iguais aos heterossexuais em todos os aspectos – com exceção do “instinto mestre” que, em última instância, os diferencia⁷⁶ (FONE, 2000, p. 358).

Prime-Stevenson, também ele, em *The Intersexes*, defendia ser a efeminação algo “ofensivo”, compartilhando da ideia de serem os uranianos afeminados casos *excepcionais* dentro do uranismo masculino. Reverberando valores homofóbicos da época, manifestam-se, em *The Intersexes*, noções pouco elogiosas acerca de tais indivíduos, considerando-se-os “falhas psicológicas” na “constituição adequadamente viril” de um homem (1908, p. 14).

Stevenson/Oswald acreditavam, em suma, que o verdadeiro homossexual era sujeito dotado de comportamento exterior absolutamente masculino – ainda que, segundo seu raciocínio, não seja ele inteiramente homem, mas um Intersexo (FONE, 2000, p. 361). Prosseguindo-se, assim, na estratégia de promover interpretação conjunta de *Imre* e *The Intersexes*, é clara a coincidência teórica e valorativa introjetada no texto literário, seja na refutação do *anima muliebris virili corpore inclusa*, seja na clara estigmatização da efeminação.

O próprio Imre, recordemos – figura central do romance, fascínio do narrador, prodígio atlético, Praxíteles de carne e osso –, “é, através de sua supermasculinidade, a refutação dos

⁷⁵ “Imre é uma figura masturbatória, um ideal supermasculino [...]: todo músculo e masculinidade, também com um traço de *noblesse*, a apoteose do desejo de um homem gay, [...] ele facilmente se ‘passa’ por heterossexual. Ironicamente, o ideal de muitos homens gays é encontrar alguém que não *aparenta* ser gay, e esse é o forte de Imre” (GIFFORD, 2003, p. 21).

⁷⁶ Oswald insists that weakness, effeminacy, [...] are found in only a small segment of the homosexual population. In fact, most homosexuals are indistinguishable from others, are the same as heterosexuals in all respects – save for the “master instinct” that ultimately differentiates them.

modelos feminilizantes para a homossexualidade, e a vida militar, centrada no masculino, transforma-se no espaço lógico para asseverar-se ou justificar-se a valia do homossexual em um mundo de homens” (GIFFORD, 1995, p. 116). O que Prime-Stevenson, em *Imre*, procura formular, de maneira eloquente, enfim, é uma ostensiva “masculinidade uraniana”, advogando por uma representação “masculinizante”⁷⁷ (WILPER, 2010, p. 63) para a homossexualidade que afastasse os estigmas sociais da perversão, efeminação e degeneração enquanto características ubíquas e necessárias do indivíduo homossexual.

Em resumo, a adoção idiossincrática da *Teoria do Terceiro Sexo* por Prime-Stevenson na composição ficcional de *Imre*, dentro da problemática acima exposta, insere no romance elementos históricos e sociológicos vigentes à época de sua produção. A opressão social, a instabilidade terminológica, a dificuldade linguística e a defasagem dos modelos sexológicos pretensamente científicos no oferecimento de leitura *simpática* à homossexualidade, fenômenos típicos de inícios do século XX, conforme nos ensina James Gifford, acabaram absorvidos pela obra literária em estudo, explicando, assim, as escolhas efetuadas por Prime-Stevenson – isto é, o emprego da terminologia advinda da *Teoria* (porque ostensivamente naturalizante) e o preterimento de certos aspectos dela.

Em *Imre*, portanto, Prime-Stevenson exprime seu ponto de vista acerca da sexualidade de forma não exemplar, lançando mão de recursos típicos ao texto literário para expor sua concepção para a homossexualidade masculina. No romance e em *The Intersexes*, pois, sintonizam-se as concepções do norte-americano, em larga medida baseadas naquelas de Ulrichs em sua *Teoria do Terceiro Sexo*. Da leitura atenta do texto literário, e do cotejo com aquilo contido no tratado trazido a lume em 1908, vislumbramos elaborações de Prime-Stevenson voltadas a reformar a realidade da homossexualidade no Ocidente cristão, mediante a adoção *problematizadora* do quanto ele tinha à mão, no limitado ambiente intelectual pró-homossexualidade daquele período.

É evidente, então, que a adoção, no romance, do instrumental oferecido pela *Teoria do Terceiro Sexo* não é ocasional, pois, em decorrência de seu caráter afirmativo, coaduna-se ela com a dimensão argumentativa de *Imre*, texto empenhado, prosélito até, na defesa da naturalidade da homossexualidade – lembremo-nos, aliás, dos intentos reformistas de Prime-Stevenson e do fato de que seu ativismo se dava, justamente, por meio de sua atividade literária. No âmbito do texto literário, especificamente, por sua vez, serve a *Teoria* de instrumento a Oswald no exercício do eixo do conhecimento, atuando enquanto importante ferramenta na compreensão da sexualidade dele e na superação da condenação social internalizada – valor essencial ao andamento narrativo, conforme procuramos demonstrar no capítulo anterior.

⁷⁷ James Gifford chama o modelo proposto por Prime-Stevenson de modelo “atlético” para a representação literária do homossexual masculino, em decorrência da celebração dos traços viris de Imre, isto é, força física, bravura... Em suma, “qualidades estereotípicas do masculino em fins do século XIX” (GIFFORD, 1996, p. 18).

A propósito do lugar da teoria do “sexo intermediário”, no conjunto do romance, observamos que, ao longo do monólogo, o herói narrador recompõe o processo por meio do qual se conciliou com sua homossexualidade, expondo a Imre, numa narrativa aflita, as etapas e os percalços de sua trajetória – “o crescimento da identidade de Oswald enquanto homossexual”, pois, “é descrita longamente” (FONE, 1986, p. 201). Confuso, a princípio, acerca da natureza de seu desejo, foi somente através de uma série de leituras, adquiridas conforme amadurecia, que Oswald conseguiu, enfim, conciliar-se com sua homossexualidade. Somadas a vivências desfavoráveis, mas edificantes, tais leituras, nas searas da sexologia, da história e das artes, habilitaram Oswald a conformar um senso positivo de si mesmo – altivo, até⁷⁸.

Em sua fase adulta, e ainda atribulado com sua sexualidade – seriam os “uranianos” “ouro ou excremento?”⁷⁹ (p. 88) – é-lhe receitado o casamento como forma de cura, o que não convence um Oswald refratário a tal resolução. Reconhecendo, enfim, a inexorabilidade de seu desejo por outros homens – seus profundos impulsos uranísticos –, numa espécie de epifania, o personagem conclui:

Eu não tinha doença nenhuma! Não. Eu era aquilo que eu tinha nascido – um ser humano completo, de firme, perfeita saúde física e mental; exteriormente, em plena sintonia com todo o mundo do homem: mas, apesar disso, um ser que desde o nascimento era de um sexo vago, especial, membro de um sexo dentro dos sexos mais óbvios; ou à parte deles [...] Pouco depois, um acidente abriu ainda mais meus olhos para mim mesmo [...] Eu encontrei uma massa de estudos sérios, alemães, italianos, franceses, ingleses, dos principais especialistas europeus e teóricos do tópico similissexual [...] Eu aprendi, com essas teorias e fatos sobre o homossexualismo, o Amor Uraniano, a Raça Uraniana, o ‘sexo dentro do sexo’. Eu podia, finalmente, informar-me completamente de seu mistério, e de seu lugar lógico, inevitável e necessário na sexualidade⁸⁰ (1906, p. 95-96).

78 Se o desfecho inédito do romance é configurado pelo final feliz, com perspectiva otimista, do enlace amoroso, ele só é possível pois Imre convencera-se dos argumentos de Oswald, e deixara de achar inferior, desajustado: “Eu fiquei esclarecido e resolvido, e o diabo da ignorância havia enfim me abandonado!” (p. 124). “Sou um Uraniano, como tu és. Desde meu nascimento, sempre fui um. Totalmente, totalmente homossexual!”, desabafa Imre (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 117). “Amo-te, Oswald, e tu amas a mim”. As amarras sociais daquele tempo e a rejeição social internalizada não seriam mais um entrave ao amor dos personagens. Oswald, enfim, com seu conhecimento, incutira em Imre o amor por si mesmo, enquanto homossexual masculino, e com isso ambos poderiam, juntos, encaminhar-se rumo ao final feliz.

79 Frise-se que parte considerável da agonia de Oswald em torno de sua homossexualidade é o fato de ser ele equiparado, pela opinião pública, aos afeminados. A efeminação era, para Oswald, a epítome da degeneração e merecedora dos estigmas sociais vigentes. Ele e Imre, por outro lado, eram uranianos de um jaez bastante diferente, algo completamente outro. Conforme abordamos acima, o romance esforça-se por afastar da homossexualidade o estigma da efeminação, criando uma distinção muito nítida entre o nobre (homossexuais hipermasculinos) e o ignóbil (os afeminados).

80 I had no disease! No. I was simply what I was born! – a complete human being, of firm, perfect physical and mental health; outwardly in full key with all the man’s world: but, in spite of that, a being who from birth was of a vague, special sex, a member of the sex within the most obvious sexes; or apart from them. [...] accident opened my eyes wider to myself [...] I met with a mass of serious studies, German, Italian, French, English, from the chief European specialists and theorists on the similisexual topic [...] I learned of the theories and facts of homosexuality, of the Uranian Love, of the Uranian Race, of ‘the Sex within a Sex’. I could, at last, inform myself fully of its mystery, and of the logical, inevitable and necessary place in sexualism [...].

Vemos, nesse breve excerto, algumas demonstrações textuais do quanto afirmamos até ao presente momento. Por primeiro, a sexologia progressista, com a qual Oswald trava contato eventualmente, *chancela e sustenta* a percepção construída por ele, ao longo de sua vivência, acerca da naturalidade da homossexualidade. Não havia necessidade de casamento ou outro tipo de terapia para “curar” aquilo que, afinal, não é doença... Ao contrário do primeiro (e frustrado) contato com a medicina, a *Teoria do Terceiro Sexo* vem a consolidar e corroborar a convicção do herói narrador no sentido de entender-se enquanto “um ser humano completo, de [...] perfeita saúde mental e física” – e não um celerado demoníaco.

Ademais, empregando a terminologia da *Teoria* e discorrendo acerca do “Amor Uraniano”, da “Raça Uraniana” e do “sexo dentro do sexo”, e de que ele se dera conta de que “tinha sido, desde sempre, um membro dessa fraternidade oculta”, descobrimos, em verdade, que Oswald tem em mente algo um tanto diferente daquilo que seria o Uranismo, por assim dizer, “oficial”, previsto por Ulrichs – fala ele, em verdade, da teoria do “sexo intermediário”, constante, por sua vez, da obra ensaística de Prime-Stevenson, *The Intersexes*.

Desse modo, naquilo que podemos interpretar como espécie de autorreferencialidade, temos, ao fim, demonstrada a maneira como a sexologia progressista, problematizada, adentra a ficção romanesca: ela é, afinal, *parte* do repertório adquirido pelo intratextual Oswald, um dos “alicerces” utilizados por ele em sua autocompreensão e no desenvolvimento de sua subjetividade em ambiente histórico desfavorável aos homossexuais masculinos. Em síntese, o personagem narrador, leitor assíduo e sintonizado com o “estado da arte” da sexologia reformista, ávido por conhecimento sobre tópico tão caro a ele, conhecia a teoria do “sexo intermediário” aventada por Prime-Stevenson, e aderira a ela. *The Intersexes*, cumpre destacar, foi publicado em 1908⁸¹, sob o pseudônimo Xavier Mayne – editor e amigo de Oswald (vide, a esse respeito, o prefácio do romance).

A propósito da adoção da *Teoria do Terceiro Sexo*, afirma Fone que

Escritores homossexuais procuravam, para descrever a si mesmos, termos os quais, diferentemente de “invertido” ou “perverso”, não suscitassem hostilidade. Eles encontraram um termo nos escritos de Ulrichs, o pesquisador de sexualidade alemão [...] que cunhou a palavra *Uranismo* para descrever a homossexualidade masculina⁸² (2000, p. 278).

81 Presumimos, da leitura da carta escrita a Paul Elmer More, datada de 11/03/1906, que *Imre* e *The Intersexes* foram escritos em concomitância. O romance, “um pequeno livro na área das belas-letas”, foi impresso por Prime-Stevenson, com seus próprios recursos, sem muita hesitação. Para *The Intersexes*, todavia, Stevenson preocupava-se em melhor distribuí-lo, ante seu ineditismo, e encontrava dificuldades em encontrar editora disposta a publicá-lo. Ao fim, fê-lo também por conta própria, em 1908 (GIFFORD, 2003, p. 139). Segundo o próprio Stevenson, *Imre* e *The Intersexes* tratam do mesmo assunto (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 136-139).

82 Homosexual writers looked for a term to describe themselves that, unlike “invert” and “pervert”, did not reflect hostility. They found one in the writing of Ulrichs, the German sex researcher [...] Ulrichs coined the term *Uranismus* to describe male homosexuality.

Em síntese, a *Teoria do Terceiro Sexo* interessa a nós, pois, assim como *Imre*, converge numa obstinada defesa da naturalidade do desejo homoerótico, demonstrando ímpeto reformista no que diz respeito àquilo que, até então, prevalecia no trato da atração sexual e da criação de laços eróticos entre pessoas do mesmo sexo. Num tempo em que o sexo não voltado à procriação era proscrito e que a simples masturbação era vista como origem da insanidade (KENNEDY, 1981, p. 107), ambos formularam contradiscursos convictos – e amplamente implicados na causa – voltados à legitimação da homossexualidade.

Saliente-se, pois, que as intrincadas divergências por nós levantadas entre romance e *Teoria* não menoscabam, em nenhuma hipótese, a importância da sexologia progressista e a relevância dela para o encaminhamento da trama. Antes, tais discrepâncias servem sobretudo à observação de alguns dos liames estabelecidos entre literatura e sociedade. Evidencia-se, em síntese, que o romance problematiza “a sexologia⁸³, ao mesmo tempo em que se recorre a ela” (WILPER, 2010, p. 54).

3.3. Recurso à história e às artes

Muitos poetas e romancistas, lembrados diariamente que a sociedade os enxerga como seres inferiores, por conta de sua orientação sexual, respondem imaginando um mundo em que homossexuais são honrados acima de todos. Não satisfeitos com a tolerância à homossexualidade, eles argumentam ser ela um ideal mais elevado do que a restrita heterossexualidade.

(Stuart Kellogg)

Em que pese a importância da sexologia progressista no conjunto do romance, *Imre* transcende as barreiras desse continente de conhecimento, uma vez que a objetividade científica prova-se, afinal, insuficiente para a “construção de identidades afirmativas e para o delineamento do relacionamento entre homens” (WILPER, 2010, p. 52). De modo a superar tal restrição, conformar modelo legitimante e “integral” de representação literária para a homossexualidade masculina e permitir, com isso, que a trama alcance seu desfecho, colhe-se à história e às artes os elementos faltantes para o arremate da narrativa.

83 Esclarecemos que, a despeito da maior menção a elementos da *Teoria do Terceiro Sexo*, no romance, expressa-se e questiona-se a instabilidade terminológica de seu tempo (GIFFORD, 1996, p. 112), recorrendo-se, com frequência, ao *topos* do “mistério” em torno do amor, de sua inefabilidade, para justificar a limitação dos termos médico-científicos (WILPER, 2010, p. 58-59). Todavia, isso não mina a importância deles no processo de subjetivação dos personagens, na compreensão de sua sexualidade, e a importância do pensamento científico no encaminhamento da trama rumo ao desfecho otimista, configurado no mútuo reconhecimento e na superação do “opróbrio social internalizado”, nos dizeres de Wilper.

Imre, desse modo, lança mão

de **discursos histórico-culturais** a fim de capacitar os personagens a conceitualizar seu desejo de forma afirmativa, a forjar identidades, e a conformar modelos para a condução do relacionamento entre homens que **a ciência simplesmente não é capaz de imaginar** [...] a sexologia progressista por si só desaponta; [...] não provê as imagens afirmativas de que os protagonistas necessitam a fim de moldar sua identidade (WILPER, 2010, p. 54; 58, grifo nosso).

Componente exemplar dessa tendência, manifestada ao longo de todo o romance, é sua epígrafe. Atuando enquanto espécie de “flecha” a apontar para a representação literária *idealizada* do amor entre homens, a “pertinência semântica”⁸⁴ dela justifica-se pelo adiantamento realizado acerca da existência, em *Imre*, de diálogos com textos homoeróticos da Grécia antiga.

Prossigamos, pois, à leitura da epígrafe.

“O Homossexualismo é uma sinfonia correndo por uma maravilhosa variedade de chaves psíquicas, com muitas altas e heroicas harmonias. [...] **Existe hoje, como existiu eras atrás, uma aristocracia sexual do masculino? Uma Fraternidade Helênica e mística** [...]? Uma raça cujos corações não são jamais atiçados por uma mulher? [...] Uma **elite na paixão, consciente do conhecimento superior do Amor?** [...] que olha com pena e desprezo para os milhões de homens vagando pelos vales do lugar-comum sexual?”⁸⁵

Desta feita, observamos que o cabedal pró-homossexualidade de Oswald não se limita a textos sexológicos os mais atualizados. O personagem narrador possui, também, amplo conhecimento histórico, citando rol de grandes figuras da política, das artes e da música a quem se atribuíam relacionamentos com outros homens. Menciona Oswald nomes tais quais Sócrates, Platão, Adriano, Alexandre o Grande, Michelangelo etc. – “uma procissão infinita de homens excepcionais” (p. 87) – a fim de “emprestar”, desses sujeitos, prestígio para sua própria existência⁸⁶.

Com efeito, ao longo de sua trajetória, afirma Oswald ter-se deparado

84 Disposta após o prefácio, e portanto à “borda” do texto em si, entendemos tratar-se de citação (de autoria obscura (GIFFORD, 2003, p. 34)) consistente “em um comentário do texto, cujo significado ela precisa ou ressalta imediatamente” (GENETTE, 1987, p. 142).

85 “You have spoken of homosexuality, that profound problem in human nature of old or of today; noble or ignoble, outspoken or masked: never to be repressed by religions nor philosophies nor laws; which more and more is demanding the thought of all modern civilizations, however unwillingly accorded it... Its diverse aspects bewilder me... Homosexuality is a symphony running through a marvelous range of psychic keys, with many high and heroic (one may say divine) harmonies; but constantly relapsing to base and fantastic discords!... Is there really now, as ages ago, a **sexual aristocracy of the male?** A mystic and **Hellenic Brotherhood** [...]? A race with hearts never to be kindled by any woman; though, if once aglow, their strange fires can burn not less ardently and purely than ours? An *élite* in passion, conscious of a **superior knowledge of Love**[...] – that looks down with pity and contempt on the millions of men wandering in the valleys of the sexual commonplace?” (Magyarból, “literalmente, *‘from the Hungarian’*”, GIFFORD, 2003, p. 34)

86 “Não é surpresa nenhuma que muitas das obras ‘políticas’ pró-homossexualidade se refiram, em algum momento, ao Batalhão Sagrado de Tebas, a Safo, a Michelangelo etc. como que para eximir a homossexualidade, ao invocar seus santos” (KELLOGG, 1983, p. 06).

com o fato de que milhares de homens, em todas as épocas, das mais nobres naturezas, das mentes e dos dotes os mais brilhantes, profundos filósofos, soldados os mais corajosos, poetas e artistas, tinham sido tal como eu, nesta mística desorganização sexual [...] (p. 86).

Desse modo, na iniciativa de afastar o estigma milenar engendrado pelas instituições sociais sobre a homossexualidade, Oswald *historiciza-a*, enxergando “a possibilidade oferecida pelo passado na forja de identidades no presente [...], encontrando um lugar para si próprio dentro desse legado cultural” (WILPER, 2010, p. 61)⁸⁷. Ademais, procurando criar nítido contraste aos abomináveis afeminados – epítome da degradação e da sujidade –, Oswald contrapõe-lhes justamente figuras do mundo clássico, supostamente homossexuais (GIFFORD, 2003, p. 88):

Que contraste são esses [os afeminados] a grandes príncipes do Oriente e a heróis e intelectos heroicos da Grécia e de Roma! A um Temístocles, um Agesilau, um Aristides e um Cleômenes; a Sócrates e Platão; [...] Alexandre, Júlio César, e Adriano (PRIME-STEVENSON, 1906, p. 87).⁸⁸

Ombreando-se, pois, aos uranianos *masculinos* que contribuíram para a Humanidade e sublinhando, com ênfase, a diferença valorativa conferida a eles, em detrimento dos afeminados, o narrador “deixa claro a Imre que muitos homossexuais não alcançam os padrões de comportamento previstos por ele”, evidenciando, com isso, pensar “em si mesmo e em Imre como Uranianos de um tipo bastante superior” (AUSTEN, 1977, p. 25) – eles, os hipermasculinos, seriam aqueles efetivamente dotados de uma natureza nobre.

Ademais, para além de tal retomada histórica, existem ainda diversos outros textos a compor o “alicerce” histórico-cultural da validação e dignificação da homossexualidade, em *Imre*. Daremos especial enfoque, sem embargo, àqueles pertencentes à cultura grega antiga⁸⁹, pois, já na epígrafe – elemento exemplar de ideias que governam todo o romance, conforme aduzimos –, prefigura-se a “mística do macho” a permear a narrativa, compartilhando-se da visão da homossexualidade masculina e do relacionamento homoerótico enquanto algo honorífico, superior⁹⁰ em relação às

87 Roger Austen, a respeito dessa retomada de figuras históricas com o fito de legitimar e enobrecer a homossexualidade, aduz que “a glorificação de Stevenson dos homens gays do passado e sua insistência em ser-lhe permitido amar no presente agrega àquilo que apenas recentemente tem sido chamado de ‘orgulho gay’” (1977, p. 27).

88 What a contrast are these to great Oriental princes and to the herois and heroic intellects of Greece and Rome! To a Themistocles, an Agesilaus, an Aristides and a Kleomenes; to Socrates and Plato, [...] Alexander, Julius Cesar, and Hadrian.

89 Outra influência-chave na construção da “masculinidade uraniana”, em *Imre*, é a obra de Walt Whitman. “Embora Oswald nunca mencione seu nome [...], a estética homoerótica em Whitman é ubíqua. Em *The Intersexes*, Prime-Stevenson julgar ser Whitman ‘um dos profetas e sacerdotes da homossexualidade’, cujo verso é pervadido de uma atmosfera homoerótica [...]”. Prime-Stevenson tece uma crítica da poética whitmaniana, argumentando que ela também dialoga com a cultura homoerótica da Grécia antiga (WILPER, 2010, p. 62-63).

90 Em determinada altura, questiona Oswald, de forma retórica: “Não somos nós o extremo do masculino? Sua **fase suprema**, sua falange mais exposta? – o **clímax** do aristocrático, do **Todo-Homem**?” [...].

demais modalidades de associação amorosa – concepção manifesta, aliás, em diversos textos gregos (CROMPTON, 2003, p. 03).

Com efeito, Oswald emprega “o Amor Grego para enobrecer o terceiro sexo e criar uma identidade poderosamente afirmativa” (WILPER, 2010, p. 60). Durante o palavroso monólogo, ele mobiliza e compartilha com Imre parte de seu repertório humanístico, sendo que o capital cultural literário dele, unido ao sexológico, auxiliou-o na conformação de “um senso positivo de si mesmo e de seu desejo, enquanto um homem que ama homens” (WILPER, 2010, p. 61).

Assim sendo, para compreender-se, especificamente, a “luz honorífica” lançada sobre o amor entre homens no romance, de inspiração grega antiga⁹¹, a obra *O Banquete*, de Platão, mostra-se de especial valia. O próximo tópico, a propósito, dedica-se a demonstrar a dupla maneira por meio da qual se estabelece o diálogo intertextual entre o romance e a mencionada obra platônica.

Importante mencionar, por fim, que as convergências entre a *Teoria do Terceiro Sexo* e *Imre* não se limitam àquelas apontadas anteriormente. A obra literária demonstra interesse na recuperação de elementos da cultura grega antiga, bem como o faz a *Teoria*, cuja terminologia remete a toda uma gama de textos da literatura grega, demonstrando, além de tudo, a existência de horizonte cultural comum, sobre o qual teoria e romance se fundamentaram. No tópico a seguir, objetivamos recuperar alguns dos intertextos estabelecidos pela *Teoria* e pelo romance, demonstrando a riqueza literária e a amplitude semântica deles.

3.3.1. Horizontes; implodindo palavras

No presente tópico, procuraremos recompor parte do horizonte histórico-literário inscrito na ficção do romance *Imre*. Conforme explicitamos acima, a sexologia e a cultura livresca, articuladas, são componentes que, coligidos pela cerebralidade de Oswald, atuam enquanto verdadeiros motores dessa personagem de ficção. Refletem, portanto, na estrutura do romance, na medida em que fornecem ao herói narrador o indispensável substrato legitimante para a natureza de seu desejo, para a saúde de sua subjetividade homossexual, fator, frise-se, essencial ao desfecho otimista, no qual ambos Oswald e Imre se conciliam com sua homossexualidade e terminam por enfrentar, juntos, as injunções do tempo e das mentalidades.

⁹¹ Ensina James Gifford (1996, p. 23-24) que autores homossexuais daquele período, vivendo num ambiente de restrita liberdade sexual, viam-se forçados a “postular um mundo dos sonhos de aceitação”, sendo que, talvez numa tentativa de contraporem-se à ideia de “casal” – homem e mulher –, foi à cultura helênica que eles buscaram a concepção de uma “fraternidade universal na qual a amizade era idealizada em uma forma extrema e purificada de amor”. Exemplos clássicos tais quais Aquiles e Pátroclo, Adriano e Antínoo, dentre outros, “sugerem uma profundidade de amizade não permitida” em outros contextos. *Imre: A Memorandum*, nesse sentido, “emprega a amizade passional”, de extração grega antiga, “entre seus muitos outros paradigmas” (GIFFORD, 1996, 29).

Assim, no decorrer do romance, e no afã demonstrado por Oswald ao interpretar Imre, o narrador resvala num aspecto da individualidade do militar resistente à decifração – é, justamente, na questão da sexualidade que a argúcia de Oswald não se realiza por inteiro. De fato, os sinais inconclusivos de Imre e sua postura errática no que diz respeito à homossexualidade fazem com que persista na mente do narrador “uma suprema corrente subterrânea de questionamento e dúvida” (p. 63), primeira oportunidade, no romance, em que se fala *abertamente*⁹² da homossexualidade masculina.

Oswald reflete:

Era Imre von N. o que se chama entre os psiquiatras de nossos dias um homossexual, um **Uraniano** em seus instintos e sentimentos e vida, em sua atitude psíquica e física em relação a homens e mulheres? Ou era ele inteiramente normal, sexualmente, um **Dioniano**? Ou uma mistura dos dois tipos, um Dioniano-Uraniano? O que, afinal? [...] Uraniano? [...] Homossexual? Dioniano?⁹³ (STEVENSON, 1906, p. 63/64, grifos nossos).

Afeito a convicções, todavia incerto acerca da natureza do desejo de Imre, Oswald queda-se atônito perante o esgotamento de sua fórmula cerebral e de sua visão sistêmica na determinação do desejo de Imre. É nesse momento, então, que descobrimos deter ele conhecimentos pertencentes à seara da medicina (aprendidos na prática, segundo diz (p. 64)), pois lança mão de terminologia oriunda da já abordada *Teoria do Terceiro Sexo* – terminologia, aliás, cuja composição alude a obras relevantes da literatura grega antiga.

A existência, pois, de remissões a textos clássicos tais quais a *Iliada*, a *Odisseia*, a *Teogonia* e *O Banquete*, na constituição ficcional de *Imre*, seja pela adoção da *Teoria*, seja pela retomada do ideário da Grécia antiga, intuído já na epígrafe, garante-nos a oportunidade de investigar as elaboradas redes intertextuais integrantes da obra literária. Sandra Nitrini (1997, p. 161), a esse propósito, ensina que a intertextualidade

introduz um novo modo de leitura que solapa a linearidade do texto. Cada referência textual é o lugar que oferece uma alternativa: seguir a leitura encarando-a como um fragmento qualquer que faz parte da sintagmática do texto ou, então, voltar ao texto de origem, operando uma espécie de [...] invocação do passado. [...] Estes processos operando simultaneamente semeiam o texto de bifurcações que ampliam o seu espaço semântico.

No nível da caracterização dos personagens, e notadamente naquilo que diz respeito ao elemento mais significativo, para Oswald, da individualidade de Imre von N. – sua sexualidade –, a *Teoria do Terceiro Sexo* exerce função relevante, munindo o personagem narrador do ferramental necessário ao entendimento do jovem e, em última instância, de si próprio. Daremos especial

92 Note-se que, no prefácio, já podemos intuir a temática homoerótica do romance, por meio da realização de sutil prolepse (Oswald entrega a obra a Mayne, tratando de tema íntimo, em nome de si próprio e de Imre).

93 Was Imre von N. what is called among psychiaters of our day a **homosexual**, a Urning in his instincts and feelings and life, in his psychic and physical attitude toward women and men? Was he a **Uranian**? Or was he sexually entirely normal and **Dionian**? Or a blend of the two types, a Dionian-Uranian? Or what, or what not? [...] Uranian? [...] Homosexual? Dionian? (STEVENSON, 1906, p. 63/64, grifos nossos).

atenção, a seguir, aos termos *Uraniano* (*Uranian*) e *Dioniano* (*Dionian*), empregados no excerto anterior, procurando evidenciar os textos usados por Ulrichs na formulação de sua nomenclatura e a consequente riqueza literária dela.

Na cultura grega antiga, desse modo, aponta-se para a existência de duas deusas Afrodite – na obra *O Banquete*, de Platão (séc. IV a.C.), é destacada essa diversidade (KENNEDY, p. 106), com desdobramentos nas honras e nas atribuições de cada uma delas (GRIMAL, 1997, p. 11). Fundamentando sua interpretação filosófica nas diferentes formas de nascimento para cada Afrodite – uma constante da *Teogonia*, de Hesíodo; outra oriunda da *Iliada* e da *Odisseia*, de Homero (todos do século VIII a.C.) –, a distinção imaginada por Platão produziu ecos que se estenderam através dos séculos, a integrar, de maneira oblíqua e sob o governo de *Zeitgeists* os mais distintos, a constituição ficcional de obras tão apartadas no tempo e no espaço quanto *Imre*.

Logo, na epopeia *Teogonia*, de Hesíodo (séc. VIII a.C.), narra-se que Terra, aflita com a iniquidade de Urano, pai despótico, cria o “grisalho aço”, forjando, após, foice dentada. Exortando os filhos ao motim, entrega a arma a Cronos – titã o mais poderoso –, designando-o para liderar o levante divino. Cronos, tão logo observa o retorno do pai, desejoso de carícias,

Da tocaia [...] alcançou com a mão
esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice
longa e dentada. E do pai o pênis
ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo
para trás. [...]

O pênis, tão logo cortando-o com o aço
atirou do continente no undoso mar,
aí muito boiou na planície, ao redor branca
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela
uma virgem criou-se. [...]
Afrodite Deusa nascida de espuma [...]
saiu do pênis à luz. (*Teogonia*, 160-200, grifo nosso)

Vemos, então, tratar-se de deusa cuja concepção prescinde do feminino, diferentemente daquela constante do Canto V, da *Iliada* – canto chamado de *A Aristia de Diomedes* (NUNES, Carlos Alberto, 2016, p. 139). O herói, propiciado por Atena, atira pesada pedra sobre Eneias, filho de Afrodite com o troiano Anquises. Temerosa pela integridade do filho, a Citereia desce ao campo de batalha e toma Eneias nos braços. Sob influência de Atena – a qual odeia Afrodite –, Diomedes fere levemente o punho da deusa do Amor, lesão suficiente para deixá-la exangue.

Levada às pressas ao Olimpo,

[...] a divina Afrodite lançou-se sobre os joelhos de **Dione**,
sua mãe; e ela, por seu lado, abraçou a filha (*Iliada*, V, 370-371, grifo nosso).

Zeus, também ele, consola Afrodite, dizendo-lhe

A ti, querida **filha**, não te são dados os esforços guerreiros;
 ocupa-te antes com os esforços do desejo no casamento [...] (*Iliada*, V, 428-429, grifo
 nosso).

Não bastasse, também na *Odisseia* (Homero, séc. VIII a.C.) podemos localizar referência textual na qual Afrodite é identificada como concebida via reprodução entre masculino e feminino. Em episódio mitológico narrado por Demódoco, relativo ao *Adultério de Ares e Afrodite* (NUNES, Carlos Alberto, 2017, p. 133-134), é da casa do pai que a deusa retorna ao tálamo onde, momentos depois, foi apanhada na iminência de desonrar Hefesto, seu esposo.

Ares [...] foi logo para a casa do famigerado Hefesto,
 desejoso de se entregar ao amor de **Citereia** da linda coroa.
 Ela acabara de regressar de junto do **pai**, o poderoso Crônida [...] (*Odisseia*, VIII, 285-289, grifo nosso)

Temos, enfim, outro nume, esse, sim, concebido com a participação do feminino, uma vez que filho de Zeus e Dione. Tal diferenciação, é de se destacar, deu azo ao surgimento de interpretações possíveis para a existência dessas duas divindades – na obra *O Banquete*, como mencionado, “Platão imaginou a existência de duas Afrodites distintas: aquela nascida de Urano (o Céu), **Afrodite Urânia**, deusa do amor puro; e a filha de Dione, **Afrodite Pandêmia**, [...] deusa do amor popular” (GRIMAL, 1997, p. 11, grifo nosso).

Constituída, pois, enquanto conjunto de discursos tratando de “elogiar o Amor” (Eros), Platão ambienta sua peça encomiástica na casa de um poeta, Agatão, na noite seguinte a sua vitória num concurso de tragédias (SOUZA, 2016, p. 190-191). Buscando reduzir os danos da noite anterior – “Eu por mim digo-vos que estou muito indisposto com a bebedeira de ontem, e preciso tomar fôlego”, desabafa um dos convivas –, opta-se pela instituição de um “outro concurso, oratório desta vez, e em consequência cada um deles faz um discurso de elogio ao Amor [...]” (SOUZA, 2016, p. 190).

O que observamos, na sequência, é a inserção de diversas concepções acerca do deus Amor por parte de figuras históricas da Atenas do século V a.C. (SOUZA, 2016, p. 192) – cada uma, com efeito, dando sua contribuição para a discussão em desenvolvimento. Chama atenção, em especial, o discurso de Pausânias (amante do anfitrião), constando, em suas argumentações, concepções homoeróticas que reverberaram e vieram a integrar a ficção de *Imre*⁹⁴.

Pausânias, quando lhe é passada a palavra, adiciona certas nuances à discussão do que seja o Amor – aduz ele serem, afinal, *dois* os Amores, um, digno de elogio; outro, de crítica. Importante destacar, a esse respeito, serem Amor e Afrodite divindades sempre associadas, ao longo da cultura grega, enquanto “personificações das forças que nos fazem desejar as pessoas e nos apaixonar por

94 Existem também ressonâncias, em *Imre*, do Mito do Andrógino, constante do discurso do comediógrafo Aristófanes.

elas”, podendo-se “justificar a generalização de que a atividade genital como um todo é âmbito de Afrodite, e a concentração obsessiva do desejo em uma pessoa, aquilo que chamamos ‘apaixonar-se’, é o âmbito de Eros” (DOVER, 1978, p. 93-94).

Em consequência, argumenta Pausânias, sendo necessário o reconhecimento da existência de dois Amores, dotados de valoração distinta, duas serão também as Afrodites a cada um deles associadas – ideia fundamentada, como afirmado acima, pela variedade oferecida para o nascimento da deusa, na cosmogonia hesiódica, assim como na épica homérica.

Argüi Pausânias, nesse sentido, que

Se, com efeito, um só fosse o **Amor**, muito bem estaria; na realidade porém, não é ele um só; e **não sendo um só**, é mais acertado primeiro dizer [180d] **qual o que se deve elogiar**. Tentaria eu portanto corrigir este senão, e primeiro dizer qual o Amor se deve elogiar, depois fazer um elogio digno do deus. Todos, com efeito, sabemos que **sem Amor não há Afrodite**. Se portanto uma só fosse esta, um só seria o Amor; como porém **são duas**, é forçoso que **dois sejam também os Amores**. E como não são duas as deusas? Uma, a mais velha sem dúvida, **não tem mãe e é filha de Urano**, e a ela é que chamamos de **Urânia, a Celestial**; a mais nova, filha de **Zeus e de Dione**, [180e] chamamo-la **Pandêmia, a Popular**. É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chame corretamente Pandêmio, o Popular, e o outro Urânio, o Celestial. Por conseguinte, é sem dúvida preciso louvar todos os deuses, mas **o dom que a um e a outro coube deve-se procurar dizer**. [...] Ora pois, o Amor de **Afrodite Pandêmia** é realmente popular [181b] e faz o que lhe ocorre; é a ele que os **homens vulgares** amam. E amam tais pessoas, primeiramente não menos as mulheres que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a alma, e ainda dos mais desprovidos de inteligência, tendo em mira apenas efetuar o ato, sem se preocupar se é decentemente ou não; daí resulta então que eles fazem o que lhes ocorre, tanto o que é bom como seu contrário. Trata-se, com efeito, do amor proveniente da deusa que é mais jovem [181c] que a outra e que em sua geração participa da fêmea e do macho. O outro porém é o da **Urânia**, que primeiramente não participa da fêmea mas **só do macho** – e é este o amor dos jovens – e depois é mais velha, isenta de violência; daí então **é que se voltam ao que é másculo os inspirados deste amor afeiçoando-se ao que é de natureza mais forte e que tem mais inteligência** [...] (*O Banquete*, Platão, p. 48-49, grifos nossos).

Corroborando a mística do macho muito prevalente em *politei* da Grécia antiga nas quais vigia a prática social da *paiderastia*⁹⁵, a obra de Platão “explora o fato de que o amor dos rapazes é um meio de adquirir sabedoria” (SPENCER, 1995, p. 49), imperando, ao longo dela, “uma

95 “Um grande número de documentos ilustram a frequência das relações homossexuais na Grécia antiga. [...] existem numerosos textos das mais diversas naturezas (epigramas, textos filosóficos, [...] biografias, discursos de defesa forense) e inúmeras imagens (principalmente pinturas e algumas em túmulos) que demonstram a realidade e banalidade destas relações amorosas. [...] Estas cenas, sem qualquer ambiguidade, têm confirmação literária em todas as épocas da história grega.”. Longe de podermos considerar a Grécia antiga enquanto espécie de paraíso gay, contudo, adverte Maurice Sartre que a modalidade aceita de relacionamento entre homens “inscreve-se num contexto ideológico e social que implica o reconhecimento de que há nela algo mais do que um simples modo de relações sexuais. Pederastia e ritos de adolescência vão a par. [...] Restituída ao seu devido lugar, isto é, ao cerne da instituição social que assegura a renovação do grupo dos cidadãos machos, a homossexualidade grega deixa de aparecer como um acidente ou uma perversão”. Corrobora tal afirmação a “presença em diversos mitos gregos em que deuses se envolvem em aventuras homossexuais”(SARTRE, 1992, p. 69). Apolo apaixona-se por Jacinto, jovem de beleza extraordinária, morto por ardil de um enciumado Bóreas (ou Zéfiro) (GRIMAL, 1997, p. 265/266). Zeus, soberano do mundo manifesto, apaixona-se pelo efebo Ganimedes, “o mais belo dos mortais”, sendo então raptado pelo Cronida e imortalizado no Olimpo (GRIMAL, 1997, p. 210). A Héracles e Dioniso também são atribuídos amores homossexuais. Em suma, “deve reconhecer-se a todos estes mitos um caráter iniciático” (SARTRE, 1992, p. 69). Ademais, “a noção de um potencial efeito enobecedor desse amor permaneceu comum desde os primeiros registros da história grega até o triunfo do Cristianismo. Ela lançava sobre a ideia da *paiderastia* uma forte aura de glamour” (CROMPTON, 2003, p. 03).

presunção inquestionável de que o amor entre homens é a forma mais elevada de amor” (FONE, 2000, p. 22).

Ademais, afirma Foucault (Vol. II, p. 168-169) que

Certamente encontra-se no discurso de Pausânias uma teoria dos dois amores, o segundo dos quais — Urânios, o celeste — dirige-se exclusivamente aos rapazes. Mas a distinção não se estabelece entre um amor heterossexual e um amor homossexual; Pausânias estabelece a linha de demarcação entre o “amor que os homens de baixa espécie experimentam” — que tem por objeto tanto as mulheres como os rapazes, só visa o próprio ato (to diaprattesthai) e se realiza ao acaso — e o amor mais antigo, mais **nobre** e mais racional, que se liga ao que pode ter **mais vigor e inteligência, e lá só pode tratar-se, evidentemente, do sexo masculino.** (grifo nosso).

De fato, o discurso platônico mencionado acima é a “mais abrangente e detalhada teoria acerca das origens, natureza, valor social e significado metafísico do amor homossexual” (FONE, 2000, p. 21) a nós legada pela Grécia antiga. “Essencial para a compreensão da ética do comportamento sexual grego” (SPENCER, 1995, p. 49), o fato de o texto, nos dizeres de Crompton, lançar “luz honorífica” sobre o amor entre homens terá certamente contribuído para que *O Banquete* habitasse o imaginário homossexual, séculos mais tarde, fato que se aplica tanto à *Teoria do Terceiro Sexo*, quanto ao romance em questão.

Afirma Byrne Fone, a propósito (2001, p. 26), que

o texto de Platão pode ter refletido pontos de vista de uma pequena e aristocrática elite da Atenas do século quinto antes de Cristo, mas ele expressa **uma visão para o comportamento homossexual que será apropriada por escritores posteriores** — especialmente durante a Renascença e **talvez com mais potência no século XIX** — para **justificar o amor homossexual**, uma justificativa que será utilizada em face de uma desaprovação social e religiosa desconhecida para Platão e os demais gregos (grifo nosso).

Terá sido, portanto, da distinção entre Afrodite Urânia e Afrodite Pandêmia, suas genealogias e as atribuições de cada uma delas, imaginadas por Platão, que Ulrichs, na formulação de sua teoria, cunhou as expressões *Uranian* para designar o que hoje chamamos de “homossexual”; e *Dionian* para designar o “heterossexual” (ULRICHS, apud FONE, 1998, p. 256). Com efeito, afirma o alemão que sua “terminologia deriva dos nomes dos deuses Urano e Dione. Uma peça poética de ficção de Platão traça as origens do amor entre homens até Urano, e o amor por mulheres até Dione...”⁹⁶.

Vemos, assim, que, por meio de um processo de neologismo, Ulrichs dotou os radicais “uran-” e “dion-” de valor semântico cuja compreensão remete a uma constelação de textos clássicos, procedendo, na sequência, a derivação sufixal, pela inserção de sufixos nominais tais quais “-ismo”, “-ista”, “-iano(a)” etc. “Toda palavra”, ensina Steiner (1994, p. 172), “[...] chega até

⁹⁶ Fato não ignorado pelo erudito Prime-Stevenson, que, em *The Intersexes*, afirma: “The name is derived from the classic fable of the ‘Venus Urania’, and from the Platonic discussions concerning a mystic ‘nobler Venus’ the divine patroness of similisexual, passionate loves, especially between males (1908, p. 20-21).

nós carregada de potencial e de toda sua história. Todos os usos prévios dessa palavra ou dessa frase estão implícitos nela”, sendo possível, portanto, “implodir” os termos *uraniano* e *dioniano* para, nesse processo, esmiuçar seu conteúdo semântico, já saturado “de ressonâncias históricas, literárias e idiomáticas”.

Apropriando-se, pois, do legado homoerótico da Grécia antiga, dando-lhe novos contornos num contexto totalmente outro, e imbuído do claro propósito de defender a naturalidade do desejo homossexual, Karl Heinrich Ulrichs (bem como Prime-Stevenson) esforçou-se por *reorganizar* a relação do mundo judaico-cristão, e de sua prescritiva lógica sexual, com aqueles hipnotizados pelo mistério do amor entre homens.

Afirma ele, com convicção, que

Somente após fazer um estudo abrangente e livre de vieses acerca do amor viril, um estudo realmente levado a sério, devotado apenas aos fatos, é que a perseguição irracional a esse tipo de amor cessará nos tribunais, nas delegacias, e na sociedade... Os últimos dois séculos assistiram aos esforços para abolir a perseguição à heresia e à bruxaria. Em nosso século, em verdade, em nossa década, esforços serão envidados para abolir a perseguição ao amor viril... A batalha em que eu sou um guerreiro é uma batalha pela liberdade de expressão (ULRICHS, apud FONE, 1998, p. 260).

Recorrendo, assim, a toda uma gama de textos clássicos e inscrevendo-lhes, de maneira oblíqua, em sua teoria – e realizando um trabalho de linguagem –, o advogado alemão cunhou termos capazes de estruturar e categorizar seu pensamento, conferindo uma nova inteligibilidade ao desejo entre iguais (sob a égide de um *Zeitgeist* notoriamente cientificista, pois Ulrichs interessara-se pelos estudos de embriologia (KENNEDY, 1981, p. 105), incipientes àquele tempo (BURNS, 1977, p. 795)).

A *Teoria do Terceiro Sexo* e o romance *Imre: A Memorandum*, desse modo, convergem na defesa da naturalidade do desejo homoerótico, ainda que por meio de dispositivos diversos. Se os estudos de embriologia, o interesse pela ciência⁹⁷ e a criatividade linguística serviram de base à formulação do aparato teórico do pensamento do advogado alemão, é por meio do emprego dos elementos tradicionais a todo texto literário (narrador, enredo, caracterização das personagens, diálogos, plano argumentativo etc.) que Prime-Stevenson executa sua intercessão pelo amor entre homens.

Em conclusão, ambos *Imre* e a *Teoria* compartilham de horizonte cultural comum, sendo a cultura homoerótica da Grécia antiga *matriz* e *ferramenta* para a construção de identidades homossexuais masculinas afirmativas. Ganham os textos, portanto, dimensão política, na medida

97 “O amor viril é um enigma da natureza. Qualquer pessoa sem preconceitos reconhecê-lo-ia como tal, após certa reflexão. No entanto, pelo contrário, enigmas podem ser resolvidos pela ciência. Não serão resolvidos ao simplesmente declarar-se algo como infame [...]” (ULRICHS, apud FONE, 1998, p. 258).

em que se constituem enquanto forma de resistência contra a opressão institucionalizada tão característica daquele momento, no Ocidente cristão.

3.4. Concluindo

Por fim, não argumentamos aqui pelo estabelecimento de hierarquia entre sexologia e elementos histórico-culturais, abordando a premência de um sobre outro no desenvolvimento dos personagens de ficção e suas subjetividades. Em verdade, com base em Wilper (2010, p. 52; 64), defendemos que ambos os discursos encontram-se articulados, contribuindo, dentro de seus respectivos “continentes de conhecimento”, à construção dos personagens romanescos e ao alvissareiro encaminhamento da trama.

A articulação desses dois âmbitos de conhecimento, pois, são a manifestação textual, contida no romance *Imre: A memorandum*, daquilo que nos ensina James Gifford: ante a inexistência de um “ethos” homossexual coerente – fator decorrente da opressão exercida pelas instituições sociais anglo-saxãs em relação à homossexualidade –, Prime-Stevenson oferece-nos *seu* modelo híbrido de representação literária para aqueles atraídos por seus iguais. Se o pensamento sexológico oferece enquadramento básico para afastar-se o estigma da degeneração e da perversidade, a “identidade uraniana integral” é composta, outrossim, pelos discursos histórico-culturais de que Oswald lança mão, da qual a cultura homoerótica da Grécia antiga, conforme procuramos demonstrar, é parte essencial.

UMA OBRA PIONEIRA E CORAJOSA

Imre: A Memorandum de Edward Prime-Stevenson, é um romance complexo, de difícil apreensão inicial. Exigindo de seu leitor a recuperação de uma série de conhecimentos advindos da História, da sexologia progressista daquele período e de textos literários os mais diversos – em especial os oriundos da épica grega arcaica –, a obra impõe a seu estudioso o desafio (e o prazer) de dialogar com horizonte cultural, em muitos aspectos, pouco acessado nos dias de hoje. Elaborar esta dissertação, assim, para além de (com sorte) habilitar-me enquanto “Mestre em Literatura”, possibilitou crescimento intelectual e cultural, aproveitável em inúmeros aspectos de uma formação que vai para além da Academia.

Igualmente, debruçar-me sobre *Imre* trouxe a mim crescimento pessoal, haja vista minha relação próxima com o grande assunto romanescos, isto é, a homossexualidade masculina. Como criação literária, *Imre* tem a capacidade de suscitar uma visão de mundo, pois propõe uma reflexão sobre a realidade⁹⁸: quando escrevo sobre esse romance, escrevo sobre mim mesmo; escrevo sobre a comunidade LGBT, na luta diuturna por nossa dignidade; escrevo sobre um grupo significativo de indivíduos, historicamente vilipendiados; escrevo, por fim, sobre um dos inúmeros, terríveis e misteriosos ângulos possíveis do ser e do estar.

Nesse sentido, o contexto em que hoje vivo é muito diferente daquele em que Oswald e *Imre* foram concebidos. A vigência de uma visão higienista em relação à sexualidade, reconhecendo apenas o sexo heterossexual conjugal e reprodutivo como modalidade válida; o alastramento da espessa névoa do interdito por sobre espaço tão natural quanto a sexualidade humana; as tentativas, por parte das instituições sociais, de impor forma e definir limites ao desejo; enfim, toda uma constelação de enviesadas concepções de mundo e da natureza humana, reduzindo personalidades complexas a termos vulgares, foram problematizadas ao longo do século XX, já não mais se opondo, com a mesma intensidade de outrora, a mim e a meus contemporâneos.

A presente dissertação, portanto, buscou oferecer *uma* leitura para *Imre: A Memorandum*, analisando-o a partir de diferentes perspectivas, objetivando-se o maior rigor científico possível, de modo que se o apresente ao público brasileiro, tanto aquele geral quanto o especificamente acadêmico. Ansiamos, a propósito, por uma tradução do romance para a língua portuguesa, projeto certamente instigante e desafiador, o qual traria inúmeros ganhos para a inserção local do romance – fator a ensinar, inclusive, reflexões sobre o desenvolvimento da literatura homossexual masculina brasileira, sendo que o romance contemporâneo de *Imre*, *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, dialoga

⁹⁸ Ensino de Antonio Candido, em seu *Literatura e Sociedade*, p. 55.

com o mesmo arcabouço temático, dando, todavia, diferente valoração à homossexualidade masculina.

Por fim, sem me esquecer, jamais, da coerência científica exigida de uma dissertação de mestrado, há que se reconhecer, enfim, o importante significado da proposição de uma investigação no campo da homossexualidade masculina junto a uma universidade pública respeitada, tal qual a UNESP. Sinto que, com isso, auxilio na consolidação de ganho de espaço político da comunidade LGBT, honrando a memória dos inúmeros que me precederam e se viram, em função das injunções do tempo e das mentalidades, privados de sua dignidade, lançados à clandestinidade, com os imagináveis resultados de tamanho opróbrio em suas autopercepções enquanto seres humanos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- AUSTEN, Roger. **Playing the Game: the Homosexual Novel in America**. Indianapolis, NY: Bobbs-Merrill Company, Inc, 1977.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos do discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BURNS, Edward McNall. **História da Civilização Ocidental**. Tradução de Lourival Gomes Machado et al. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.
- CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Ática, 1983.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al. **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectivas, 2007, p. 51-80.
- CROMPTON, Louis. **Homosexuality & Civilization**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- DOVE, Kenneth. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. Tradução de Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1978.
- FONE, Byrne. **A Road to Stonewall: Male Homosexuality and Homophobia in English and American Literature, 1750-1969**. New York: Twayne Publishers, 1995.
- FONE, Byrne (editor). **Columbia Anthology of Gay Literature**. New York: Columbia University Press, 1998.
- _____. **Homophobia: a history**. New York: Picador, 2000.
- _____. This Other Eden: Arcadia and the Homosexual Imagination. In: **Essays on Gay Literature. Journal of Homosexuality**, Volume 8, Numbers 3-4, Spring/Summer 1983, p. 13-34.
- FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque et. al. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1999.
- GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GIFFORD, James. **Dayneford's Library: American Homosexual Writing, 1900-1913**. Amherst: University of Massachussets Press, 1995.
- GRIMAL, Pierre. **Diccionario de Mitologia Griega y Romana**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.
- HESÍODO. **Teogonia**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.
- _____. **Teogonia**. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

- HOMERO. **Iliada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Nova Fronteira, 2016
- _____. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, _____.
- _____. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.
- KELLOGG, Stuart. The Uses of Homosexuality in Literature. In: **Essays on Gay Literature. Journal of Homosexuality**, Volume 8, Numbers 3-4, Spring/Summer 1983, p. 01-12.
- KENNEDY, Hubert C. The “Third Sex” Theory of Karl Heinrich Ulrichs. **Journal of Homosexuality**, v. 06 (1-2), p. 103-111, Fall/Winter 1980/81.
- LAURITSEN, John. Edward Iranaeus Prime-Stevenson (1868-1942). In: BULLOUGH, V.L. (ed.). **Before Stonewall: activists for Gay and Lesbian Rights in historical context**. New York: Harrington Park, 2002, p. 35-40.
- LICATA, Salvatore J. The Homosexual Rights Movement in the United States. **Journal of Homosexuality**, v. 06 (1/2), Fall/Winter, 1981.
- McNEILL, John J. **The Church and the Homosexual**. 4.ed. Boston: Beacon Press, 1993.
- NAPHY, William. **Born to be gay: história da homossexualidade**. Lisboa: Aleph, 2004.
- NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- PLATÃO. **O banquete**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.
- PRIME-STEVENSON, Edward. **Imre: A Memorandum**. GIFFORD, James (ed.). Sydney: Broadway Press, 2003.
- REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Tradução de Angela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **A análise da narrativa**. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Aleph, 1999.
- STEINER, George. **¿Qué es literatura comparada?** Aula inaugural da Universidade de Oxford, em 11/10/1994. Disponível em: “<https://cuatrocuadernos.files.wordpress.com/2017/06/i-20-quc3a9-es-la-literatura-comparada.pdf>”. Acesso em 03/04/2023.